

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

ISRAEL ELIAS TRINDADE

**O FENÔMENO DA MONOTONGAÇÃO NO PORTUGUÊS
TAPUIO**

Goiânia
2009

ISRAEL ELIAS TRINDADE

O FENÔMENO DA MONOTONGAÇÃO NO PORTUGUÊS TAPUIO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Língua, cultura e sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Pimentel da Silva.

Goiânia
2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(GPT/BC/UFG)

Trindade, Israel Elias.

T833f O fenômeno da monotongação no português Tapuio [manuscrito] /
Israel Elias Trindade. – 2009.
146 f. : il., color., figs.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Pimentel da Silva.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras, 2009.

Bibliografia: f. 114-117.

Inclui lista de ilustração, quadro, tabela, abreviatura e símbolo.
Anexos.

1. Monotongação 2. Redes de interação 3. Variação Lingüística
4. português Tapuio I. Silva, Maria do Socorro Pimentel da.
II. Universidade Federal de Goiás. **Faculdade de Letras**. III. Título.

CDU: 811.87

ISRAEL ELIAS TRINDADE

O FENÔMENO DA MONOTONGAÇÃO NO PORTUGUÊS TAPUIO

Dissertação defendida e aprovada no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do grau de Mestre. Aprovada em 24 de agosto de 2009, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Maria do Socorro Pimentel da Silva - UFG
Presidente e orientadora

Profa. Dra. Mônica Veloso Borges – UFG
(membro)

Prof. Dra. Gláucia Vieira Cândido - UEG
(membro)

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que acreditaram em minhas ideias e colaboraram para a realização deste trabalho.

Ao povo Tapuio da comunidade Carretão-GO, pelo apoio, hospitalidade e alegria em nos receber, em especial à memória de Bento Vieira de Aguiar Tapuio e de José Borges de Aguiar Tapuio, que participaram desta pesquisa, mas partiram antes de ver sua concretização.

Ao cacique Dorvalino Augusto da Silva Tapuio pela confiança, apoio e disponibilidade para a realização deste trabalho na comunidade Tapuia.

Aos professores indígenas Tapuio pela voluntária participação, essencial para minha pesquisa, em especial ao Professor Welington Vieira Brandão Tapuio e à Professora Eunice Rocha Morais Rodrigues Tapuio, pela leitura crítica realizada no capítulo histórico deste trabalho e que muito contribuiu para a qualidade do mesmo.

À professora Maria do Socorro Pimentel da Silva, pela orientação, apoio, confiança, incentivo e amizade.

Aos meus parentes e amigos de Rubiataba-GO, em especial aos meus colegas e professores da Escola Estadual Pedro Alves de Moura e Colégio Estadual Raimundo Santana Amaral, por muito terem contribuído em minha formação; em especial à Professora Zélia Maria Bento, que me inspirou o gosto pelo Português.

Aos meus colegas e professores do curso de graduação em Letras da Universidade Estadual de Goiás – Campus Anápolis-GO, em especial aos meus amigos Davis Sakai de Meireles, Lesley Jorge de Sousa e Eliana de Oliveira Gonçalves, pela amizade, apoio e incentivo em meus estudos; e à Professora Gláucia Vieira Cândido, pelas valiosas contribuições em minha formação acadêmica.

Aos colegas de mestrado pelo apoio e companhia durante a realização desta pesquisa, em especial à turma de fonética e fonologia.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, em especial às professoras Vânia Casseb Galvão e Maria Suelí de Aguiar, pela credibilidade, pelos conselhos e pelas valiosas lições de linguística.

À Professora Tânia Ferreira Rezende Santos, pelas importantes sugestões na construção de minha metodologia de pesquisa, e pelas valiosas indicações bibliográficas.

À Professora Mônica Veloso Borges, pelas sábias observações e importantes críticas que muito contribuíram na construção do referencial teórico e na análise dos dados.

À minha irmã, Maria da Glória, pelo apoio, mas principalmente pelas dicas e orientações ortográficas; e à minha irmã Ana Maria, que tem me ensinado a amar e servir.

Ao Pe. Joaquim José Neto (Pe. Kinkas) e ao Pe. Adalberto Júnior, pároco de Nova América, pela amizade e pelas importantes informações sobre a história do povo Tapuio.

À Secretaria de Estado da Educação de Goiás, pela concessão do meu direito de usufruir da licença para aprimoramento profissional.

Aos meus amigos, ex-alunos e professores, do Colégio Estadual Porfírio de Sousa França, Colégio Estadual Prof. Wilmar Gonçalves da Silva, Colégio Estadual Joaquim Câmara Filho, Escola Municipal Angelina Pucci Limongi e Escola Municipal Vicente Rodrigues do Prado, com os quais pude ensinar e aprender o Português.

Aos meus amigos, alunos e funcionários, do Colégio Estadual Jornalista Luiz Gonzaga Contart, em especial aos meus amigos diretor Adilton, Áurea e Angelice; da Escola Municipal Prof. Dalísia Elizabeth Martins Doles, em nome de minha amiga e diretora Euda Gomes; e do Colégio Lyceu de Goiânia, em especial à minha amiga e diretora Sílvia Zeferino, por compreenderem os momentos de dificuldades pelos quais passei e pela solidariedade a mim prestada durante esses momentos.

Em especial, agradeço também à minha amiga Izabel Francisca de Jesus da S.E.E. de Goiás, pelo carinho e pela confiança, que muito serviu de incentivo em minha caminhada.

Aos meus colegas e amigos da Casa da Juventude Pe. Burnier, pelas lições de humanidade, em especial aos colegas do núcleo de Assistência Social, pelo apoio e incentivo.

À minha família, minha mãe Maria Cândida da Trindade e aos meus irmãos Marly, José Geraldo, Iracema Maria, Cecília Maria, Pedro, Joaquim Filho e Athos Marcos pela comunhão e pela cumplicidade; em especial ao meu pai, Joaquim Sebastião da Trindade, e ao meu irmão, Francisco Elias da Trindade, que não puderam esperar os resultados deste trabalho, mas, com seus exemplos de vida, foram amparo e força, mesmo estando ausentes.

Um singelo agradecimento ao meu sobrinho Jhoel; às minhas afilhadas Bárbara Luiza e Eduarda Sophia; às minhas sobrinhas Vitória Alice e Larissa Emmanuely. Também aos meus cunhados Ardiley, Tarcísio, Simone e Juliana pela amizade e incentivo.

À minha namorada Aparecida Diármilla Rodrigues de Lima, pela companhia constante no final desta caminhada.

Agradeço, ainda, ao mais humilde dos trabalhadores brasileiros, pois, graças ao suado dinheiro de seus impostos, foi possível a realização deste trabalho.

E às demais pessoas que, de forma direta ou indireta, colaboraram para a realização deste trabalho e que, mesmo não citadas, não foram esquecidas.

DEDICATÓRIA ESPECIAL

Dedico este trabalho em especial a Dom José Carlos de Oliveira, bispo emérito da Diocese de Rubiataba/Mozarlândia, pela vida dedicada à defesa dos mais empobrecidos, e por seu amor incondicional à causa indígena tapuia. A ele, o meu carinho, o meu reconhecimento e a minha gratidão.

RESUMO

O fenômeno da monotongação se caracteriza pelo apagamento dos glides [j] e [w], em ditongos orais, e pela desnasalização [Ø], em ditongos nasais, decorrente do apagamento do segmento nasal [+nasal]. Estudos preliminares acerca do fenômeno da monotongação no português brasileiro revelaram que sua ocorrência é determinada pelo contexto linguístico: a monotongação é um fenômeno que se restringe aos ditongos decrescentes, fracos ou verdadeiros, ou seja, aqueles em que o glide está na posição de coda da sílaba. Trata-se de um fenômeno de alta ocorrência no Português falado. Nossa pesquisa consiste em um estudo de caso que buscou investigar e descrever a ocorrência desse fenômeno como característica da variante do português brasileiro como língua indígena na comunidade Tapuia do Carretão (GO), grupo indígena formado pelo resultado de um processo de miscigenação de cinco nações indígenas (Xavante, Xerente, Javaé, Kaiapó do Sul e Karajá) mais não-indígenas (negros e brancos), bem como a visão que os falantes têm de seu vernáculo. Este trabalho mostrou-nos que a monotongação é mesmo de ocorrência maior em ditongos decrescentes, mas não se limita a eles. Notamos ocorrências desse fenômeno em ditongos crescentes, ou seja, quando o glide ocupa a posição de ataque da sílaba. Isso refuta, no português Tapuio, a existência de ditongos leves e pesados, uma vez que todos são passíveis de ocorrência de monotongação. Referendamos também que a monotongação é influenciada por fatores sociais, e por meio de estudo de redes, baseado em Milroy (1980), Bortoni-Ricardo (1985, 2005) e Rezende Santos (2008), referendamos que falantes de rede insulada tendem a manter o vernáculo. Nossos estudos revelaram, ademais, que, nessa comunidade, a valorização da forma monotongada se estendeu a todas as redes, sinalizando o consenso entre os falantes acerca da valorização dessa característica. O uso consciente da forma monotongada mostrou-nos que os Tapuio reconhecem que essa variante do português brasileiro pode ser sim a sua língua indígena, e que a monotongação é uma característica marcante desse português Tapuio.

Palavras-chave: monotongação, variação linguística, redes de interação, português Tapuio.

ABSTRACT

The phenomenon of monophthongization is characterized by the deletion of glides [j] and [w] in oral diphthongs and by denasalization [Ø] in nasal diphthongs, as a result of the deletion of the nasal segment [+nasal]. Preliminary studies on monophthongization in Brazilian Portuguese have revealed that its occurrence is determined by linguistic context. Thus, this phenomenon is restricted to falling, weak or true diphthongs – in which the glide is placed on the syllable coda – and it occurs frequently in spoken Portuguese. This study case aimed to investigate and describe monophthongization as a feature of the indigenous language of the community “Tapuia do Carretão” (GO), regarded as a variant of Brazilian Portuguese. In addition, this study shows how the community speakers regard their language. This indigenous group originated from a miscigenation process involving five indigenous nations (Xavante, Xerente, Javaé, Kaiapó do Sul, and Karajá) and non-indigenous races (black and white). The present findings reveal that monophthongization does in fact occur with greater frequency in falling diphthongs, but occurrences were also observed in rising diphthongs, in which the glide occupies the syllable’s onset. In Tapuio Portuguese, this refutes the existence of strong and weak diphthongs because all diphthongs are susceptible to monophthongization. In addition, this study shows that monophthongization is a social phenomenon, and based on the study of networks by Milroy (1980), Bortoni-Ricardo (1985, 2005) and Rezende Santos (2008), this study shows that speakers of insulated networks tend to maintain their native language. Furthermore, the valorization of the monophthongized form was extended to all the community networks, which indicates an agreement among the speakers on this regard. The conscious use of the monophthongized form shows that the Tapuio community acknowledges this variant of Brazilian Portuguese as its indigenous language and that monophthongization is a dominant feature of Tapuio Portuguese.

Keywords: monophthongization, linguistic variation, interaction networks, Tapuio Portuguese

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1:	Mapa das terras indígenas em Goiás	23
Ilustração 2:	Mapa da terra indígena Carretão	24
Ilustração 3:	Organograma da formação Tapuia	25
Ilustração 4:	Mapa dos povos indígenas em Goiás	26
Ilustração 5:	Casamento entre famílias de índios e negros	29
Ilustração 6:	Genealogia parcial das famílias Tapuia, segundo José Borges de Aguiar Tapuio	31
Ilustração 7:	Genealogia parcial das famílias Tapuia, segundo José Belino Tapuio ..	32
Ilustração 8:	Genealogia parcial das famílias Tapuia, segundo Bento Vieira de Aguiar Tapuio	33
Ilustração 9:	Placa indicativa de proteção territorial instalada nas estradas que dão acesso ao Carretão	40
Ilustração 10:	Organograma das redes Tapuia	75

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Variações diacrônica e sincrônica	55
Quadro 2:	Perfil sociocultural dos informantes selecionados	56
Quadro 3:	Dados complementares dos falantes: legenda	57
Quadro 4:	Quadro das vogais tônicas orais do português	62
Quadro 5:	Quadro das vogais pré-tônicas orais do português	62
Quadro 6:	Quadro das vogais pós-tônicas finais do português	63
Quadro 7:	Quadro das vogais nasais do português	64
Quadro 8:	Redes de interação social	74
Quadro 9:	Quadro das vogais tônicas orais do português Tapuio	84
Quadro 10:	Quadro das vogais pré-tônicas orais do português Tapuio	84
Quadro 11:	Quadro das vogais pós-tônicas finais do português Tapuio	85
Quadro 12:	Quadro das vogais nasais do português Tapuio	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Monotongação de [j] na rede insulada	102
Tabela 2:	Monotongação de [w] na rede insulada	103
Tabela 3:	Monotongação de [Ø] na rede insulada	103
Tabela 4:	Monotongação de [j] na rede intermediária	103
Tabela 5:	Monotongação de [w] na rede intermediária	103
Tabela 6:	Monotongação de [Ø] na rede intermediária	103
Tabela 7:	Monotongação de [j] na rede integrada	104
Tabela 8:	Monotongação de [w] na rede integrada	104
Tabela 9:	Monotongação de [Ø] na rede integrada	104
Tabela 10:	Monotongação em redes – dados gerais	104
Tabela 11:	Monotongação de [j] – o caso do gênero	105
Tabela 12:	Monotongação de [w] – o caso do gênero	105
Tabela 13:	Monotongação de [Ø] – o caso do gênero	106
Tabela 14:	Monotongação de [j] – (ano 2002)	106
Tabela 15:	Monotongação de [w] – (ano 2002)	107
Tabela 16:	Monotongação de [Ø] – (ano 2002)	107
Tabela 17:	Monotongação de [j] – (ano 2008)	107
Tabela 18:	Monotongação de [w] – (ano 2008)	107
Tabela 19:	Monotongação de [Ø] – (ano 2008)	107

LISTA DE ABREVIACÕES

AITCAR –	Associao dos Índios Tapuio do Carretão
CANG –	Colônia Agrícola Nacional de Goiás
CIMI –	Conselho Indigenista Missionário
FUNAI –	Fundao Nacional do Índio
FUNASA –	Fundao Nacional de Saúde
GO –	Goiás
IBGE –	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP –	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
IPA –	<i>International Phonetic Alphabet</i> (Alfabeto Fonético Internacional)
LDB –	Lei de Diretrizes e Bases
MEC –	Ministério de Educao e Cultura
NEHLGO –	Núcleo de Estudos da História Linguística de Goiás
PNP –	Português Não-Padrão
PT –	Português Tapuio
SEE/GO –	Secretaria de Estado da Educao de Goiás
SMER –	Secretaria Municipal de Educao de Rubiataba
SPI –	Serviço de Proteo aos Índios
UFG –	Universidade Federal de Goiás
UEG –	Universidade Estadual de Goiás
VHS –	<i>Video Home System</i>

LISTA DE SÍMBOLOS

- * – Vocábulo ou expressão não aceitos no português brasileiro
- [ʎ] – Consoante lateral palatal vozeada, representada graficamente por LH
- [j] e [w] – Glides, representação fonéticas de [i] e [u], respectivamente
- (* .) – Sílabas pesada e leve, respectivamente
- (S W) – “strong” e “weak”, sílabas pesada e leve, respectivamente
- Ø – Desnasalização

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA SOCIOCULTURAL E LINGUÍSTICA DA COMUNIDADE INDÍGENA DE CARRETÃO	19
1.1 História das comunidades indígenas em Goiás	20
1.2 Aspectos sócio-históricos do Carretão: a formação da comunidade	22
1.3 O aldeamento Carretão: conhecendo sua história	27
1.3.1 A chegada do negro	29
1.3.2 As relações sociais entre índio e não-índio	30
1.3.3 A chegada do branco: os Tapuio na luta pela terra, na luta pela vida	34
1.3.4 A criação da CANG: chegada de novos brancos e a transformação de índios em sertanejos	37
1.4 Características da comunidade Tapuia na atualidade	42
1.5 Finalizando essa conversa	45
CAPÍTULO 2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	46
2.1 Uma breve conversa	46
2.2 Algumas características do falar Tapuio	47
2.2.1 Vocalização da lateral alveolar vozeada [l] e da lateral palatal vozeada [λ]	47
2.2.2 Fenômenos de harmonização vocálica	48
2.2.3 Realizações de /R/ pós-vocálico	48
2.2.4 Fenômenos de monotongação	49
2.2.5 Processos de reestruturação silábica	49
2.2.6 Assimilação de -ndo em -no em final de verbos no gerúndio	50
2.3 O <i>corpus</i>	51
2.3.1 Escolha dos informantes	54
2.3.1.1 Dados complementares	57
2.3.2 A coleta dos dados: entrevistas e transcrições	57
2.3.2.1 Entrevista aberta	58
2.3.2.2 Entrevista semiestruturada	58
2.3.2.3 Entrevista estruturada	58
2.3.2.4 Teste sociolinguístico: o questionário de aceitabilidade	60
2.4 O processo da monotongação	61
2.4.1 O sistema vocálico do português brasileiro	61
2.4.1.1 Vogais tônicas	61
2.4.1.2 Vogais pré-tônicas	62
2.4.1.3 Vogais pós-tônicas	63
2.4.1.4 Vogais nasais	64
2.4.2 Ditongos	64
2.4.2.1 Ditongos crescentes	67
2.4.2.1.1 Ditongos crescentes com início em [j]	67
2.4.2.1.2 Ditongos crescentes com início em [w]	67
2.4.2.2 Ditongos decrescentes	67
2.4.2.2.1 Ditongos decrescentes orais com término em [j]	68
2.4.2.2.2 Ditongos decrescentes orais com término em [w]	68

2.4.2.2.3 Ditongos decrescentes nasais com término em [j] e [w]	69
2.4.3 Processos de monotongação.....	69
2.4.3.1 Eliminação (ou apagamento, queda, truncamento)	69
2.4.3.2 Enfraquecimento – Desnasalização	70
2.5 Os grupos de fatores de monotongação	71
2.5.1 Processos fonológicos envolvidos na monotongação em ditongos orais: queda dos glides [j] e [w]	71
2.5.2 Processos fonológicos envolvidos na monotongação em ditongos nasais: apagamento do segmento [+nasal] em sílabas pós-tônicas	72
2.6 Redes	72
2.6.1 Rede insulada	75
2.6.2 Rede intermediária	76
2.6.3 Rede integrada	77
2.6.4 Noção de rede na Linguística	78
2.7 As redes sociais e a monotongação	79
2.8 A monotongação e a identidade linguística	80
2.9 Finalizando essa conversa	81
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS DADOS	83
3.1 O sistema vocálico do português Tapuio	83
3.1.1 Vogais tônicas	84
3.1.2 Vogais pré-tônicas	84
3.1.3 Vogais pós-tônicas finais	85
3.1.4 Vogais nasais	85
3.2 O fenômeno da monotongação na fala dos Tapuio do Carretão	86
3.2.1 Ditongos crescentes	86
3.2.1.1 Ditongos crescentes com início em [j]	86
3.2.1.2 Ditongos crescentes com início em [w]	87
3.2.2 Ditongos decrescentes	87
3.2.2.1 Ditongos decrescentes orais com término em [j]	87
3.2.2.2 Ditongos decrescentes orais com término em [w]	88
3.2.2.3 Ditongos decrescentes nasais com término em [j] e [w]	88
3.3 Ambientes linguísticos de realização da monotongação	89
3.3.1 Ambientes de realização da monotongação em ditongos orais	89
3.3.1.1 Relevância morfológica (estrutura silábica: ataque, núcleo e coda)	89
3.4 Interpretação dos resultados da relevância morfológica de [j] e [w]	91
3.4.1 Relevância acentual (posição silábica – pré-tônica, tônica e pós-tônica)	92
3.4.2 O caso da monotongação do ditongo oral [ow]	95
3.4.3 Relevância sintática – ditongos orais	96
3.4.4 Consoante subsequente	97
3.4.4.1 O caso das oclusivas /t/ e /d/	97
3.4.4.2 O caso das fricativas /s/ e /z/	98
3.4.5 Ditongos nasais	99
3.4.6 Relevância sintática para a realização da desnasalização	100
3.4.7 O marcador de plural	101
3.5 Algumas considerações acerca da monotongação em ditongos nasais	102
3.6 Análise da monotongação em correlação com fatores sociais	102

3.6.1 A correlação entre a monotongação e as redes sociais Tapuias	102
3.6.1.1 Rede insulada	102
3.6.1.2 Rede intermediária	103
3.6.1.3 Rede integrada	104
3.6.2 A correlação entre a monotongação e o gênero	105
3.6.3 A correlação entre a monotongação e a faixa etária	106
3.7 Interpretação dos resultados da análise da monotongação na comunidade indígena Carretão	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	113
ANEXOS	118
Anexo 1: Atividades de aluno Tapuio sobre sua origem	119
Anexo 2: Fotos	121
Foto 1 – Sede da terra indígena Carretão	121
Foto 2 – Os anciãos Tapuio	121
Foto 3 – Arquitetura da Casa dos Tapuio	122
Foto 4 – Índios Tapuio	122
Foto 5 – Criança tapuia e as novas tecnologias	123
Foto 6 – Atuais Vice-cacique e Cacique	123
Foto 7 – Ritual da pintura: Índias Tapuio se pintando	124
Foto 8 – Ritual da pintura: Índios Tapuio se pintando	124
Foto 9 – Estrada carreteira.....	125
Foto 10 – O relacionamento entre gerações.....	125
Foto 11 – A escola indígena Tapuia	126
Foto 12 – O ritual de dança	126
Foto 13 – O transporte escolar	127
Foto 14 – A sala de aula	127
Anexo 3: Termos de consentimento livre e esclarecido	128
Modelo 1: Falantes adultos	128
Modelo 2: Falantes dependentes	129
Modelo 3: Representante da comunidade: Vice-cacique	130
Modelo 4: Representante da comunidade: Cacique	131
Anexo 4: Módulo de coleta de dados – Parte I (baseado em TARALLO, 2001)	132
Anexo 5: Questionário de aceitabilidade I	133
Anexo 6: Questionário de aceitabilidade II	134
Anexo 7: Dados complementares	135
Dados I: Questionário de aceitabilidade: Rede insulada	135
Dados I: Questionário de aceitabilidade: Rede intermediária	136
Dados I: Questionário de aceitabilidade: Rede integrada	137
Dados II: Questionário de aceitabilidade: Rede insulada	138
Dados II: Questionário de aceitabilidade: Rede intermediária	139
Dados II: Questionário de aceitabilidade: Rede integrada	140
Resultados gerais	140
Anexo 8: Dados dos falantes em redes	141

Dados I: Falantes de rede insulada	141
Dados II: Falantes da rede intermediária	142
Dados III: Falantes da rede integrada	144

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a descrever o fenômeno da monotongação no português falado no Carretão, uma comunidade indígena situada no Vale do São Patrício, Centro Oeste de Goiás, nos municípios de Rubiataba e Nova América, e procura estabelecer, por meio de análise das redes sociais dessa comunidade, uma ligação entre esse fenômeno e o processo de construção da identidade linguística. Trata-se, portanto, de um estudo de caso.

Nosso trabalho é pioneiro no estudo do português como língua indígena na comunidade indígena Tapuia, mas foi construído a partir de outros estudos, desenvolvidos principalmente nessa comunidade (artigos, dissertações e teses), na área da Antropologia. Além desses, cumpre citar ainda as contribuições que obtivemos com estudos de outros pesquisadores, membros do Núcleo de Estudos da História Linguística de Goiás – NEHLGO – da Universidade Federal de Goiás (UFG), que analisaram o falar rural de outras comunidades goianas minorizadas, tais como os quilombos de Pombal (REZENDE, 2000; REZENDE SANTOS, 2008) e os Almeidas (NASCIMENTO, 2007; NAZÁRIO, 2007).

O presente trabalho tem como sustentação uma metodologia de análise que busca apresentar o conhecimento como algo construído por meio da ligação de áreas do saber (lingüística, histórica, geográfica e social), ou seja, de maneira intercultural, e isso foi possível graças à sintonia entre esta pesquisa e o curso de Licenciatura Intercultural Indígena, do qual fomos parceiros e comungamos de sua concepção.

Foram utilizados para coletas de dados da pesquisa cinco instrumentos: a entrevista aberta, a entrevista semiestruturada, a entrevista estruturada, o teste sociolinguístico e o questionário de aceitabilidade. Esses instrumentos permitiram-nos uma análise mais confiável do uso desse português como língua indígena nessa comunidade, bem como a visão que esses falantes têm de sua língua.

Utilizando a técnica sociométrica ou técnica da nomeação (cf. BORTONI-RICARDO, 1985, 2005), foi possível encontrar três grupos distintos de falantes, considerando-se a mobilidade espacial e a interação social: um grupo com baixa mobilidade social, um grupo intermediário e outro mais integrado com falantes de outros locais. Constatamos que trabalhar com a noção de rede seria a forma mais viável de se realizar uma boa reflexão sociolinguística neste estudo de caso. Assim, o método que deu sustentabilidade às nossas análises foi o método de análise qualitativa de redes de comunicação social, baseado nos estudos de Milroy (1980) e Bortoni-Ricardo (1985, 2005), uma metodologia de análise

até então nova em pesquisas lingüísticas do Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística da UFG.

O trabalho, como um todo, foi estruturado em quatro capítulos. No capítulo 1, comentamos os aspectos históricos do aldeamento Carretão. Apresentamos uma breve cronologia das comunidades indígenas em Goiás, seguida de uma abordagem dos aspectos sócio-históricos do Carretão e da formação da comunidade. Apresentamos, também, uma breve descrição sociolinguística dessa comunidade.

O capítulo 2 foi dividido em duas partes: na primeira, descrevemos a metodologia da pesquisa, apresentamos as variáveis sociolinguísticas dos fenômenos da monotongação de [j] e de [w] e da desnasalização [Ø] e seus grupos de fatores. Apresentamos o *corpus*, a escolha dos informantes e os instrumentos de coleta. A partir desses dados, distribuímos os falantes nas três redes, segundo os critérios de mobilidade e de participação social na comunidade.

Na segunda parte do capítulo 2, fundamentamos a teoria e apresentamos os conceitos de “redes” para a Linguística; também apresentamos o fenômeno da monotongação, seus processos e suas ocorrências. Discutimos o fenômeno partindo do levantamento vocálico do português, baseado em Silva (2001), para em seguida introduzirmos discussões acerca da ditongação e do fenômeno da monotongação.

No capítulo 3, buscamos observar o comportamento do fenômeno nos dados. Para isso, levantamos o quadro vocálico do português Tapuio, bem como as ocorrências dos ditongos. Apresentamos os ambientes linguísticos de realização do fenômeno, baseados nos grupos de fatores: relevância morfológica (estrutura silábica: ataque, núcleo e coda); relevância acentual (posição silábica – pré-tônica, tônica e pós-tônica) – [j], [w] e [Ø]; relevância sintática; e a análise de contexto social de ocorrência do fenômeno em redes (suas ocorrências nas redes insulada, intermediária e integrada). Também foi analisada, nesse capítulo, a atitude dos falantes acerca do fenômeno.

Em seguida, tecemos nossas considerações finais. Listamos as referências bibliográficas e os anexos, onde apresentamos fotografias que ajudam o leitor a visualizar melhor as relações sociais da comunidade do Carretão. Também apresentamos os modelos de Termo de consentimento livre e esclarecido que foram assinados pelos falantes; os módulos de coleta de dados; e os dados complementares.

CAPÍTULO 1

HISTÓRIA SOCIOCULTURAL E LINGUÍSTICA DA COMUNIDADE INDÍGENA DE CARRETÃO

Isso aqui foi tirada nas canela nossa.
(Bento Vieira de Aguiar Tapuio, 76 anos, 2002)

Este capítulo tem por objetivo apresentar a história de formação da comunidade indígena do Carretão. Nesse processo, discutiremos a composição étnica da formação do aldeamento; a luta dos Tapuio pela garantia da terra como mecanismo de manutenção de sua identidade; os interesses dos fazendeiros em usurpar esse direito; os elementos históricos que colaboraram para que a terra indígena Carretão assumisse as características que tem hoje; e uma descrição sumária dessas características em seus aspectos físicos e sociais.

Para chegar a esse ponto, buscamos traçar um caminho que parte da necessidade do reconhecimento do território como elemento de coesão dessa comunidade indígena e da concepção de língua como meio de manutenção da identidade. O estudo da origem do aldeamento abre possibilidades para avançarmos também no estudo da história da inserção da língua portuguesa nessa comunidade de falantes indígenas.

Conforme pode ser observado ainda, empregamos neste trabalho a grafia para o nome dos índios da etnia *Tapuia* como *os Tapuio*, no singular e com letra maiúscula. À primeira vista não há diferença lógica na escolha da grafia, mas comungando da visão de Viveiros de Castro (1999, p. 162), ao defender a não-neutralidade na escolha dos termos, optaremos durante este trabalho por essa forma, por se tratar de um grupo específico de falantes de português, e para diferenciar de “tapuios”, forma empregada durante a história da colonização brasileira para se referir aos grupos indígenas que não pertenciam ao tronco Tupi. Tapuios também foi uma denominação comumente usada para designar os sertanejos moradores de redutos interioranos¹.

¹ Mais à frente perceberemos que o uso do termo ‘tapuios’, grafado com letra minúscula e que designa ‘sertanejo’ (como foi dito anteriormente) foi pretensiosamente a forma utilizada por fazendeiros da região para definir os índios do Carretão, uma vez que aqueles tinham como objetivo descaracterizar esses últimos, unindo sua imagem à do sertanejo e, sendo assim, demonstrando que eles não careceriam de apoio da FUNAI ou de qualquer outro órgão de proteção aos direitos dos índios, no caso a posse da terra.

1.1 HISTÓRIA DAS COMUNIDADES INDÍGENAS EM GOIÁS

As informações que temos sobre a história dos povos indígenas em Goiás e sobre a criação de aldeamentos, em geral, são baseadas em relatórios de viajantes, depoimentos dos próprios índios e documentos oficiais do governo. Nessas fontes documentais, o que se constata é a ação truculenta e sem precedentes dos colonizadores sobre os indígenas.

Salles (1992), ao discutir os fatores que condicionaram a formação econômica em Goiás, afirma que, do final do século XVI até a segunda década de 1700, cerca de 14 bandeiras penetraram o sertão goiano. O objetivo dessas bandeiras, dentre outros, era o de identificar e extrair o ouro em solo goiano. Foi a partir dessa época que foram fundadas cidades como Pilar de Goiás e Vila Boa, ambas na região do Carretão, ricas na extração desse minério. Mas necessitava-se de mão-de-obra escrava para o trabalho, além dos negros, que se apresentavam em número insuficiente. As Atas da Câmara da Vila de São Paulo revelam que o mais caro empenho desses bandeirantes sertanistas estava na escravidão dos índios (cf. SALLES, 1992, p. 53).

Em 1774, índios Javaé e Karajá foram instalados na ilha de Sant'Ana, atualmente Ilha do Bananal, tornando-se vassallos D'el Rei (cf. KARASCH, 1992). Nessa época, a região onde hoje é o Estado do Tocantins era parte de Goiás, portanto esse pode ser considerado um dos primeiros relatos de construção de aldeamentos em solo goiano. Segundo Rocha (1998), antes da construção dos aldeamentos esses índios se concentravam às margens do Rio Araguaia, próximo à Ilha do Bananal, em aproximadamente nove aldeias. Após a instalação da política do aldeamento, alguns deles também foram levados para os aldeamentos de Nova Beira e Pedro III ou Carretão. O principal objetivo da retirada desses índios foi o de facilitar a navegação pelo Rio Araguaia (ROCHA, 1998).

Um ano após essa investida, em 1775, índios Akroá foram contatados e levados para a aldeia de São José de Mossâmedes-GO (cf. KARASCH, 1992). Foi o segundo marco da política de construção de aldeamentos em Goiás, reforçada em 1788 com a construção do aldeamento do Carretão, objeto² de estudo deste trabalho, pelo Governador Tristão Menezes da Cunha. Para esse aldeamento foram levados três mil Xavante (cf. KARASCH, 1992).

Outros momentos marcantes aconteceram quase um século depois, quando, em 1849, Frei Rafael de Taggia fundou o aldeamento de Pedro Afonso para abrigar índios Krahó em

² A palavra "objeto" é empregada, neste trabalho, para nos referirmos aos elementos sobre os quais construímos nossa pesquisa, sendo diferente, pois, de uma concepção reificada dos sujeitos da pesquisa.

Goiás (cf. KARASCH, 1992). Como a literatura denuncia, remanescentes desse aldeamento juntar-se-iam a negros e brancos e se alojariam, já no final do século XIX, no aldeamento Carretão, contribuindo para a formação sociocultural dos índios Tapuio.

Além desses fatos, Karasch (1992) comenta que, em 1874, na Província de Goiás, a catequese dos índios foi realizada na língua indígena Karajá, tendo como intérpretes as crianças indígenas educadas no Colégio Isabel. Esse processo contribuiu bastante para a assimilação da cultura indígena, pois, conforme afirma Salles (1992), o catolicismo é uma religião inteiramente alheia à sua cultura. Essa mesma autora (idem, p. 24) denuncia que “astúcia e má fé permeavam o processo de catequese, envolvendo os próprios jesuítas”. Chaim (1974, p. 151) comenta que a política da catequese indígena nesse período era permeada de preconceitos e de ações negativas, o que justifica seu insucesso:

A aversão natural dos habitantes, que não consideravam o índio como ser humano, mas apenas bichos que deveriam ser exterminados, a fim de que os povoadores brancos ocupassem suas terras férteis, contribuiu para o pouco sucesso da obra de catequese e civilização do silvícola.

O século XVIII, por sua vez, é marcado pelo declínio dos aldeamentos. Segundo Chaim (1974) esse fato pode ser justificado pela improbidade administrativa dos dirigentes dos aldeamentos, além dos maus-tratos infligidos aos índios. Rocha (1998) também cita os casos de doenças como um grande agravante para a redução populacional indígena. Esse período ficou marcado como o do silenciamento dos aldeamentos, quando os índios foram abandonados à própria sorte e foram se reduzindo gradativamente.

Ao final do século XIX, a mineração era ainda a produtora de subsistência do poder político e econômico de Goiás. Com a decadência dessa atividade, a economia goiana entrou em crise devido ao abandono populacional em massa do solo goiano. Goiás só voltou a ter considerável crescimento demográfico no início do período da Primeira República, devido principalmente à pecuária, que passou a representar a atividade comercial mais importante da economia goiana (cf. SOUZA e CARNEIRO, 1996).

Em 1940, segundo Freire (1990), há um grande massacre de índios Krahó em Goiás, atual Tocantins. Boa parte desses massacres, como discutiremos à frente, ocorria devido ao interesse pela terra.

Ainda na década de 40 deu-se início à política da *Marcha para o Oeste* do Governo Federal. Essa política tinha como intuito

promover, dentre outras coisas, a ocupação dos vazios demográficos, com a absorção dos excedentes populacionais que faziam pressão social no centro-sul do país, encaminhando-os para áreas que produziriam matérias primas e gêneros alimentícios a baixo custo, para subsidiar a implantação da industrialização no centro-sul. (SOUZA e CARNEIRO, 1996, p. 69)

Os índios representavam um grande empecilho a essa política, uma vez que ocupavam grandes áreas, sendo a maioria “terra de cultura”, boa para o plantio e para a prática da pecuária, e não concordavam com a política dos brancos. No *Almanach da Província de Goyaz (para o ano de 1886)*, os Cayapó, por exemplo, são descritos como um povo numeroso e bravo que em princípio *obstou muito o progresso* da Província, uma vez que eram fatais aos moradores pacíficos dos lugares. Os Xavante são descritos nesse Almanaque como traidores e covardes (cf. BRANDÃO, 1978, grifo nosso).

Em 1943, realizou-se a expedição Roncador-Xingu, uma das expedições criadas para desenvolver as atividades dentro desse programa da *Marcha para o Oeste* (cf. FREIRE, 1990 apud OLIVEIRA E FREIRE, 2006). Outro resultado desse programa foi a instalação da primeira Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG), em 1941, na região do Vale do São Patrício. A colônia ficou conhecida pelo nome de Ceres. Esse fato atraiu muitos colonos para a região do aldeamento Carretão, principalmente dos Estados de Minas Gerais e Bahia, interessados na posse de terra. Foi a partir daí que se intensificou o conflito entre índios e não-índios pela posse da terra, na região do Carretão.

A história dos índios em Goiás é, portanto, de luta e sofrimento. O cenário das comunidades indígenas em Goiás não é diferente do restante do país³. Por ocupar grandes áreas de terra e não se submeter à escravidão, os indígenas eram inescrupulosamente dizimados por conflitos e epidemias.

1.2 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DO CARRETÃO: A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE

Os Tapuio são, atualmente, o grupo mais populoso dos três grupos indígenas que se encontram no Estado de Goiás, após o desmembramento, em 1988, do Estado do Tocantins

³ Em 1872, como vimos, houve o primeiro recenseamento geral do Brasil. Os indígenas foram estimados em 3,8% da população total do Brasil, quase 400.000 indivíduos. Os dados do IBGE de 2000 mostram uma população indígena de 734.000 pessoas, ou seja, 0,4% dos brasileiros. O número aumentou em quantidade de indivíduos, mas reduziu-se drasticamente se observarmos-lo proporcionalmente no âmbito nacional.

(cf. ROCHA, 1998). Além desses há outros povos indígenas em Goiás, a saber, Avá-Canoeiro e Karajá, situados em outras quatro áreas indígenas, nos municípios de Aruanã, Cavalcante, Colinas do Sul e Minaçu.

Em 2007, os Tapuio perfaziam um total de 186 pessoas. Sua área indígena está entre a Serra Dourada (ou do Tombador) e o rio São Patrício (que tem como afluente o rio Carretão), próximo ao povoado de Embiara, nos municípios de Rubiataba e Nova América, no Vale do São Patrício. A área indígena é constituída por duas glebas doadas pela Lei Estadual n. 188 de 1948 (cf. ALMEIDA, 2003). Recebeu o nome de Carretão, segundo a professora Eunice Rocha Morais Rodrigues Tapuia, em comunicação pessoal, devido ao meio de transporte antigo usado na região para transportar pessoas, uma espécie de carro chamado carretão.

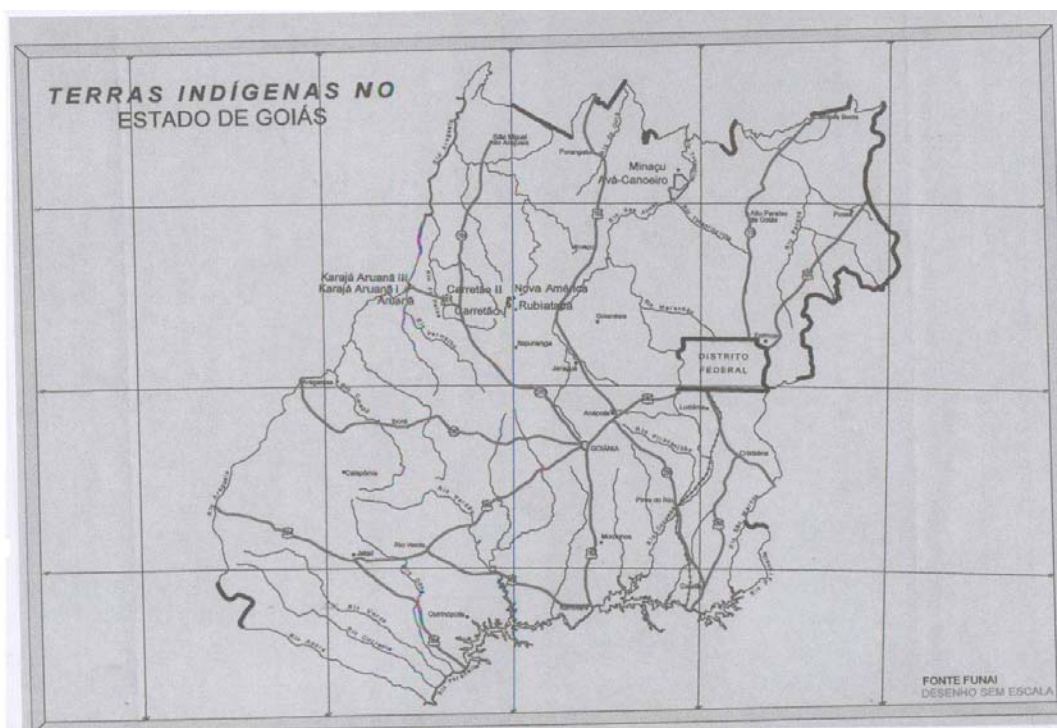


Ilustração 1: Mapa das terras indígenas em Goiás.

Fonte: José Neto (2005, p. 41).

A área total do aldeamento é de 1743 hectares, dividida em duas glebas, conforme ilustra o mapa a seguir:

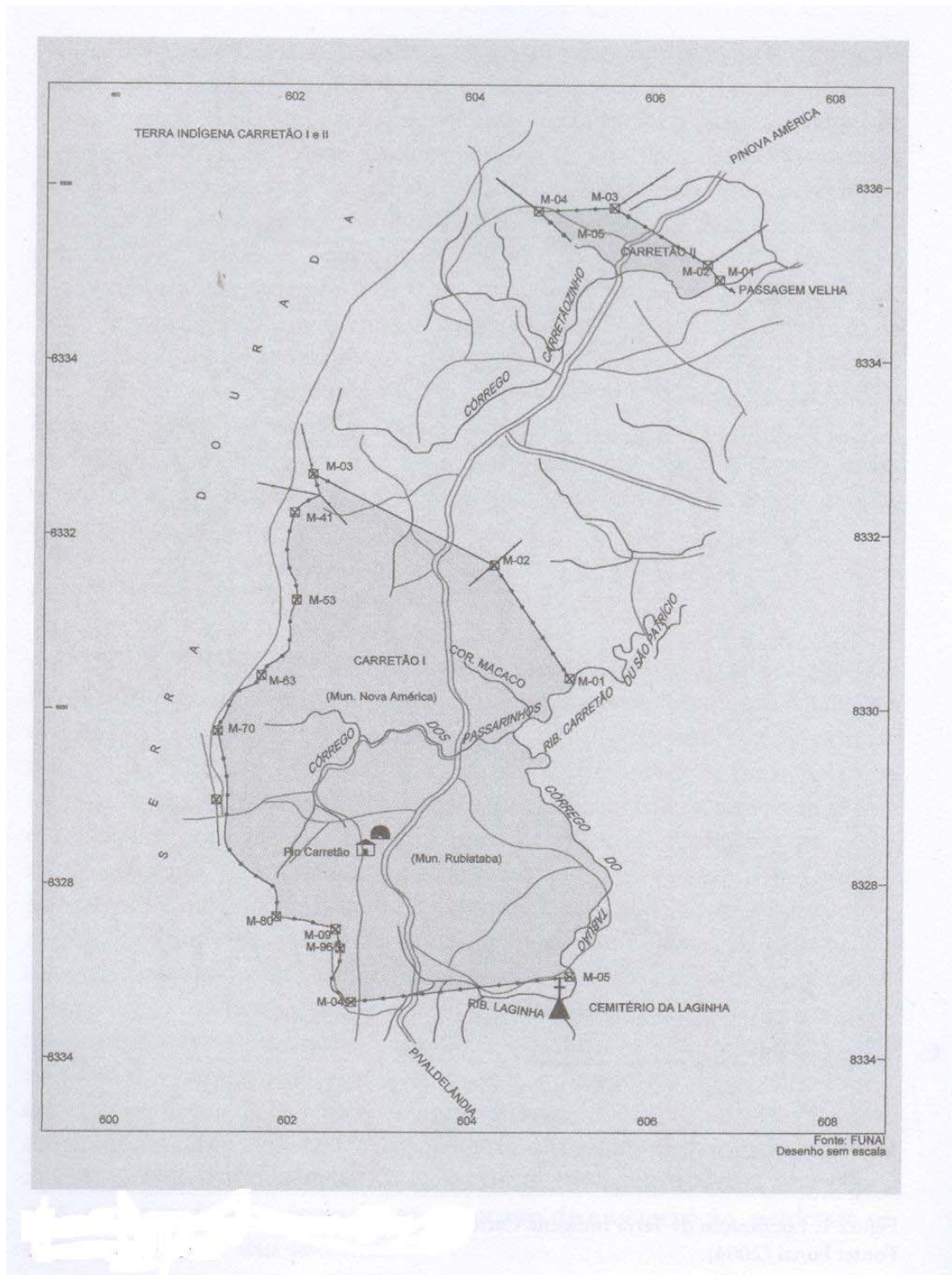


Ilustração 2: Mapa da terra indígena Carretão.
 Fonte: José Neto (2005, p. 42).

As informações que se tem a respeito da origem étnica dos Tapuio nem sempre coincidem, mas boa parte delas confirma que se tratam de descendentes dos primeiros habitantes do aldeamento chamado Carretão ou Pedro III, construído na região central da

Província de Goiás, em 1788, para abrigar os índios Xavante, subgrupo Akuên⁴. Além dos Xavante, há afirmações dos próprios Tapuio de que também foram levados para esse aldeamento índios Kaiapó do Sul, Xerente, Karajá e Javaé. A essa população se juntaram ainda negros escravos que haviam fugido das fazendas de Goiás, principalmente das cidades de Crixás e de Pilar de Goiás, onde haviam sido levados para trabalhar em minerações. Em suma, os índios Tapuio são resultado da conjunção desses cinco grupos indígenas, todos integrantes do mesmo tronco linguístico Macro-Jê, além de não-indígenas (negros, brancos, pardos, mulatos etc.).

Podemos ilustrar a formação tapuia conforme organograma a seguir:

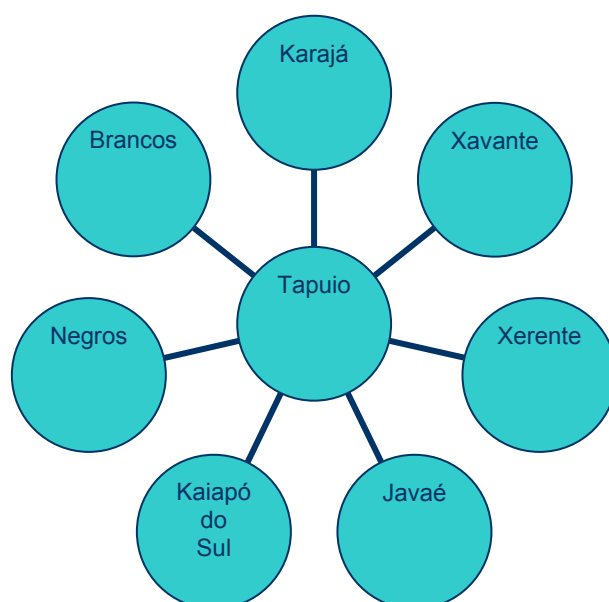


Ilustração 3: Organograma da formação Tapuia.
Fonte: autoria nossa.

Todavia, os registros históricos datados da época não afirmam que o Carretão realmente agregou descendentes de todas essas etnias. Rocha (1998, p. 104), por exemplo, cita os relatórios de presidentes da Província, nos quais o Carretão é descrito apenas como “composto de poucos elementos “descendentes” de Xavante e Xerente e como aldeamento em decadência”⁵.

Souza e Carneiro (1996), por sua vez, apresentam o mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes, que mostra as nações indígenas que viviam em Goiás no século XVIII,

⁴ Akuên é um subgrupo da família linguística Jê do tronco Macro Jê, que agrupa os Xavante, os Xerente, os Xakriabá e os Akroá.

⁵ Segundo a professora Eunice Tapuio, em comunicação pessoal, essa informação não é digna de crédito. A história mostrou que fora apenas um pretexto utilizado pelos fazendeiros para vender as terras dos Tapuio.

momento de auge dos aldeamentos. Nesse mapa podemos observar a presença de Xavante, Kaiapó do Sul e Xerente, sendo este último em região muito longínqua; não se constata a presença dos Karajá e dos Javaé:



Fonte: Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes, 1944, IBGE.

Ilustração 4: Mapa dos povos indígenas em Goiás.

Fonte: Souza e Carneiro (1996, p. 20).

A ausência de Karajá e de Javaé no mapa não invalida a afirmação dos Tapuio de serem descendentes desses povos, uma vez que há registros da presença desses índios nessa região alguns anos depois.

1.3 O ALDEAMENTO CARRETÃO: CONHECENDO SUA HISTÓRIA

Fundado por volta de 1784⁶, o aldeamento Carretão é o ícone do fracasso dessa política confusa e excludente que permeou o período colonial em Goiás. Já nascera predestinado a extinguir-se em pouco tempo, se não fosse pela sua localização estratégica: situado na rota dos viajantes que saíam do Vale do Araguaia e Norte Goiano com destino à capital, na época a cidade de Goiás, no Centro-Oeste Goiano.

Temos uma dimensão da decadência do Aldeamento Carretão quando comparamos os números dessa estatística. Em princípio (século XVII), o Carretão chegou a abrigar cerca de três mil e quinhentos a cinco mil índios. Já em 1819,

Pohl (1976: 180), em visita ao Carretão, afirma que viviam na aldeia apenas 227 pessoas e tudo já se encontrava em estado de decadência. [...] Em 1824 Cunha Mattos (1979: 43), em visita ao Carretão, encontrou uma população de 119 pessoas. Segundo ele, um surto de sarampo, que acometera os colonos, tinha matado quase todos os índios. Os poucos que escaparam a esta doença fugiram para as matas. (JOSÉ NETO, 2005, p. 54)

Em 1888, Frei Gil de Vilanova (apud MOURA, 1994, p. 17) relata que, depois de cem anos de existência, restaram no Carretão apenas um homem e duas mulheres:

Uma ponte de madeira sobre o rio e algumas casas em ruínas, eis o que em 1888 restava da aldeia do Carretão. Um homem e duas mulheres de raça índia mais ou menos pura, eis ao que ficara reduzida sua população. Havia nos arredores alguns caboclos ou descendentes de mulheres índias casadas com negros.

Não há uma causa da brusca redução desse número, mas um conjunto delas. Além da improbidade administrativa dos dirigentes dos aldeamentos (cf. CHAIM, 1974), destacamos outras duas: a morte por consequência de conflitos, doenças e epidemias; e a preação, presente em diversos períodos da colonização, mesmo após a expedição da Carta Régia, de 21 de abril de 1702, que proibia o cativo de índios (cf. SALLES, 1992). Pinto (1979), por exemplo, narra que em 1727 preadores de Cuiabá procuravam indígenas para vendê-los como escravos. Salles (1992, p. 217) afirma que, para driblar as leis contrárias à escravidão indígena, “a solução encontrada foi admiti-los aos trabalhos da Capitania a título de administrados”.

⁶ Não há precisão da data de criação do aldeamento do Carretão. Alguns historiadores, como Rocha (1998), afirmam que a data de fundação é 1784; por outro lado, Machado (1855 apud MOURA, 1994) e Assis (1872 apud MOURA, 1994) afirmam que essa data é 1788.

José Neto (2005, p. 48) afirma que “o objetivo era transformar os indígenas em civilizados, não só para que fossem a base de novos povoamentos, mas também para transformá-los em mão-de-obra para a agricultura”.

Segundo Salles (1992, p. 215), este foi o retrato da economia goiana no período colonial, fundamentado no trabalho escravo, presente no desbravamento e cultivo do solo:

Ao branco cabiam a direção das empresas e dos negócios, e as funções administrativas. [...] Como o trabalho escravo era a única solução possível na época, foi nesse sentido que se orientaram, para o Brasil Central, as primeiras expedições com vistas à escravidão dos indígenas.

Esse processo de escravidão não foi aceito pacificamente. Há diversos relatos de conflitos de bandeirantes com os indígenas. Salles (1992) conta que os ataques dos Xavante e Caiapó entre os anos de 1744 e 1762, as ações combativas dos Acroás, em 1750, e a invasão dos Caiapó ao distrito do arraial de Santa Luzia, promovendo mortes e roubos, são apenas algumas dessas revoltas indígenas. Além dessas, a luta com os Xavante tomou dimensão peculiar: eles tentavam atrair os negros para, unidos, lutarem contra os brancos. Com o fito de “evitar o conluio entre africanos e índios, o item 5 do “Regimento para as aldeias indígenas da Capitania de São Paulo”, em 1734, proibia a ida de escravos ou servos às aldeias indígenas; tal documento não foi revogado posteriormente” (REGISTRO de um Regimento para todas as aldeyas desta Capitania para os índios dellas. D.I., v. 12. p. 74).

Para controlar as revoltas, os governadores iniciaram, em meados do século XVIII, a construção de aldeamentos religiosos que representavam uma das ações da política de controle dos indígenas, preparando-os para o labor semisservil. Salles (1992, p. 222) define os aldeamentos como

uma forma a mais de lhes violentar a natureza. Conduziam-nos a habitar em localidades escolhidas por outrem, submetiam-nos a um trabalho coercivo, alheio à sua cultura e aos seus verdadeiros interesses, levavam-nos a uma religião (a católica) inteiramente estranha às suas tendências ancestrais. Sob a justificativa missionária e civilizatória, – um eufemismo – mantinha-se concentrado um grande acervo de mão-de-obra.

Foi com esse objetivo que o Governador de Goiás na época, Tristão da Cunha Menezes, ordenou a construção desse aldeamento. Entretanto, a manutenção dos aldeamentos pesou muito para a Coroa portuguesa. Muitas foram as tentativas de manutenção dessa política, dentre as quais se destaca a instituição do Diretório dos Índios, que tentava equacionar o trabalho dos aldeados face à sociedade colonial (cf. SALLES, 1992). Todavia,

essas medidas não apresentaram mudanças substanciais. O resultado foi que os objetivos malograram e os aldeamentos entraram em processo de abandono e extinção.

1.3.1 A chegada do negro

A chegada do negro em solo goiano efetivamente ocorreu no período das bandeiras. Eles vieram com os bandeirantes para trabalhar na extração do ouro nas cidades onde havia grande abundância desse minério. Dentre as cidades para onde esse grupo de imigrantes se dirigiu destacamos as cidades de Goiás, Crixás e Pilar de Goiás. Essas cidades, situadas no entorno da área do Carretão, foram edificadas pelos escravos. Em Pilar de Goiás, na praça principal, há inclusive uma homenagem a eles, gravada no chafariz São José, pela vida dedicada àquela cidade: “Chafariz São José/Da bravura dos escravos, entre os anos 1745, singraram do alto da serra, puras águas santas. Nossa memória. Preserve-a!”.

A maioria dos negros que trabalhavam na extração do ouro morria cedo. Estima-se que nessa época, dado ao trabalho desgastante e às péssimas condições de trabalho, um negro não conseguia ultrapassar mais que sete anos de trabalho. Além da morte em grande escala, muitos negros saíram de Goiás quando foram intimados a lutar na guerra do Paraguai. Outros ali permaneceram e continuaram trabalhando nas minerações.

Alguns anos depois, com o declínio do ouro, os senhores não tinham mais como manter o negro como escravo e nem recursos para adquirir novas peças. “Tal fato levou ao abrandamento da escravidão, via da miscigenação e da compra da liberdade” (cf. SOUZA e CARNEIRO, 1996, p. 29). Alguns desses negros procuraram refúgios no Carretão. Com a presença desses negros e com a chegada de colonos em busca da terra, o Carretão foi aos poucos sendo repovoado e assumindo uma característica diferente, conforme ilustra o exemplo a seguir:

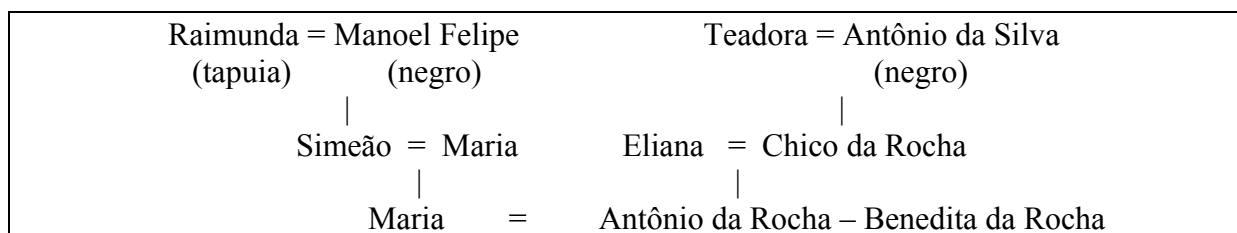


Ilustração 5: Casamento entre famílias de índios e negros.
Fonte: Almeida (2003, p. 342).

Os novos moradores desse aldeamento, portanto, eram de origem indígena (índios que persistiram em permanecer ali e outros que saíram, mas voltaram posteriormente) com não-indígenas (colonos em busca de terra e negros em busca da liberdade).

1.3.2 As relações sociais entre índio e não-índio

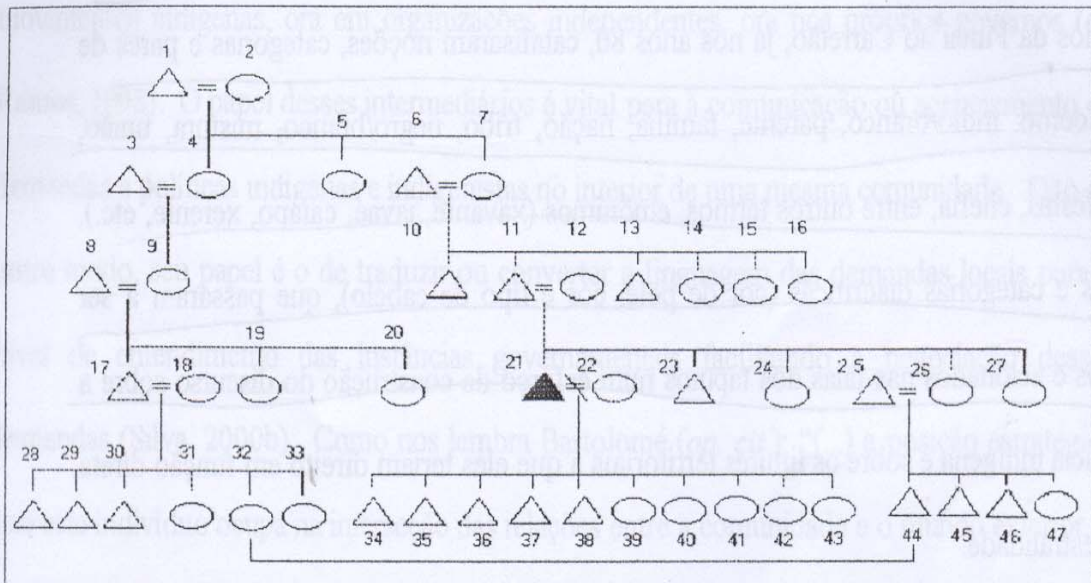
Questionados sobre a origem de sua formação, os Tapuio confirmam ser mesmo descendentes de outras etnias indígenas, além dos Xavante e Xerente, como Kaiapó do Sul e Javaé, por exemplo: “Aqui era tudo misturado, era Kayapó com Javaé, Javaé misturado com Xavante. Agora muitos deles (FUNAI) falam que índios não mistura nação com outra. Não mistura o quê! Tem tudo. Tudo é índio, mistura tudo” (relato de um índio Tapuio, apud ALMEIDA, 2003, p. 112).

Os relatos históricos revelam que há fundamento nas afirmações dos Tapuios. Em conversas gravadas com moradores da região do Carretão e publicadas por Almeida (2003, op. cit.), os próprios fazendeiros reconhecem a presença dos cinco grupos indígenas citados anteriormente. Além do mais, historiadores denunciam que, por motivos de improbidade administrativa e mazelas no gerenciamentos dos aldeamentos, os índios não permaneciam na região para onde eram levados, migrando para outras regiões.

Nas páginas seguintes seguem três quadros elaborados por Silva (2001) em sua dissertação de mestrado sobre a identidade dos Tapuio. Esse trabalho resultou num livro intitulado *Borges, Belino e Bento: a fala ritual entre os tapuios de Goiás*, onde Silva (2001) construiu, a partir da fala de três anciãos da comunidade, a genealogia dos Tapuio, à qual ele deu o nome de *Genealogia Parcial*, uma vez que foi construída a partir dos antecedentes dos três grandes anciãos da comunidade: Bento Vieira de Aguiar Tapuio, José Belino e José Borges de Aguiar Tapuio⁷. Apresentamo-las porque acreditamos que, a partir delas, é possível visualizarmos as contribuições das diferentes etnias na construção da identidade Tapuia.

⁷ É interessante observarmos como são construídos os nomes dos Tapuio mais antigos. Nos primórdios, contrariando a tradição brasileira que fixa o nome do cônjuge masculino sobre o da mulher, observamos, na genealogia Tapuia, o contrário, o prevalecimento dos nomes “Borges de Aguiar” e “Lopes do Rosário”, que eram os nomes das netas e bisnetas das famílias relacionadas às índias Maria do Rosário e Maria Raimunda (cf. MOURA, 1994, p. 49).

GENEALOGIA PARCIAL DAS FAMÍLIAS TAPIJIAS³¹



1 = José de Aguiar (xavante)	21 = José Borges (teve 10 filhos) (ex-cacique)
2 = Esposa de José de Aguiar	22 = Ex-mulher de Zé Borges
3 = Ivo Lopes (negro)	23 = Guilherme Borges
4 = Maria do Rosário (caiapó)	24 = Ana Borges
5 = Roberta (javaé/xavante)	25 = Jucelino da Silva
6 = Manoel Felipe (negro)	26 = Luiza Borges
7 = Maria Raimunda (javaé/xavante)	27 = Luzia Borges
8 = Manoel do Carmo	28, 29, 30, 31, 32 e 33 = filhos de José Belino
9 = Maria Alcântara (caiapó)	34 = Benedito
10 = Manoel Romero	35 = Antônio Conceição
11 = Benedito Borges	36 = Cândido
12 = Maria Ferraz (negra)	37 = Mário
13 = Manoel Simão de Aguiar (xavante) "Velho Simão"	38 = Rogério
14 = Maria Catarina Borges de Aguiar	39 = Marli
15 = Frutuosa	40 = Maria Aparecida
16 = Sebastiana Borges	41 = Ana
17 = José Belino	42 = Maria José
18 = Maria Francisca de Souza (branca)	43 = Divina
19 = Ana Lopes	44 = Arlindo (casado com 32)
20 = Maria Jovina Ramos Machado	45 = Dorvalino (ex vice-cacique e atual cacique)
	46 = Gonçílio
	47 = Maria Augusta

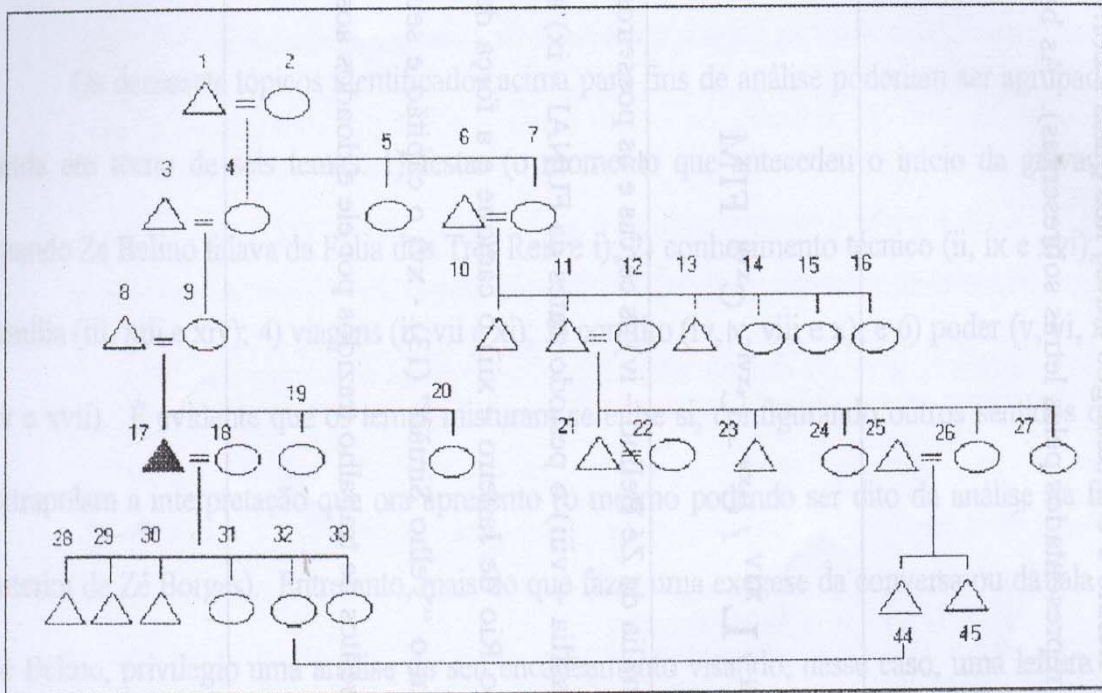
Ilustração 6: Genealogia parcial das famílias Tapuia, segundo José Borges de Aguiar Tapuio.

Fonte: Silva (2001, p. 34).

Nota: Embora não apareça no quadro proposto por Silva (2001), a professora Eunice Rocha Morais Rodrigues Tapuia, em comunicação pessoal, esclarece que Jucelino da Silva (n. 25) é de origem branca.

Obs.: Nesse organograma, construído por Silva (2001) a partir das falas dos próprios Tapuio, não há dados da origem étnica de algumas pessoas, uma vez que o objetivo era demonstrar apenas a presença do negro na formação étnica dos Tapuia.

GENEALOGIA PARCIAL DAS FAMÍLIAS TAPUIAS



1 = José de Aguiar (xavante)	19 = Ana Lopes
2 = ?	20 = Maria Jovina Ramos Machado
3 = Ivo Lopes (negro)	21 = José Borges (teve 10 filhos) (ex-cacique)
4 = Maria do Rosário (caiapó)	22 = ?
5 = Roberta (javaé/xavante)	23 = Guilherme Borges
6 = Manoel Felipe (negro)	24 = Ana Borges
7 = Maria Raimunda (javaé/xavante)	25 = Jucelino da Silva
8 = Manoel do Carmo	26 = Luiza Borges
9 = Maria Alcântara (caiapó)	27 = Luzia Borges
10 = Manoel Romero	28 = Valdivino
11 = Benedito Borges	29 = Lázaro
12 = Maria Ferraz (negra)	30 = Sabino
13 = Manoel Simão de Aguiar (xavante) "Velho Simão"	31 = Maria Eva
14 = Maria Catarina Borges de Aguiar	32 = Vilma
15 = Frutuosa	33 = Maria
16 = Sebastiana Borges	44 = Arlindo (casado com 32)
17 = José Belino	45 = Dorvalino (ex vice-cacique e atual cacique)
18 = Maria Francisca de Souza (branca)	46 = Gonçílio
	47 = Maria Augusta

Ilustração 7: Genealogia parcial das famílias Tapuia, segundo José Belino Tapuio.

Fonte: Silva (2001, p. 52).

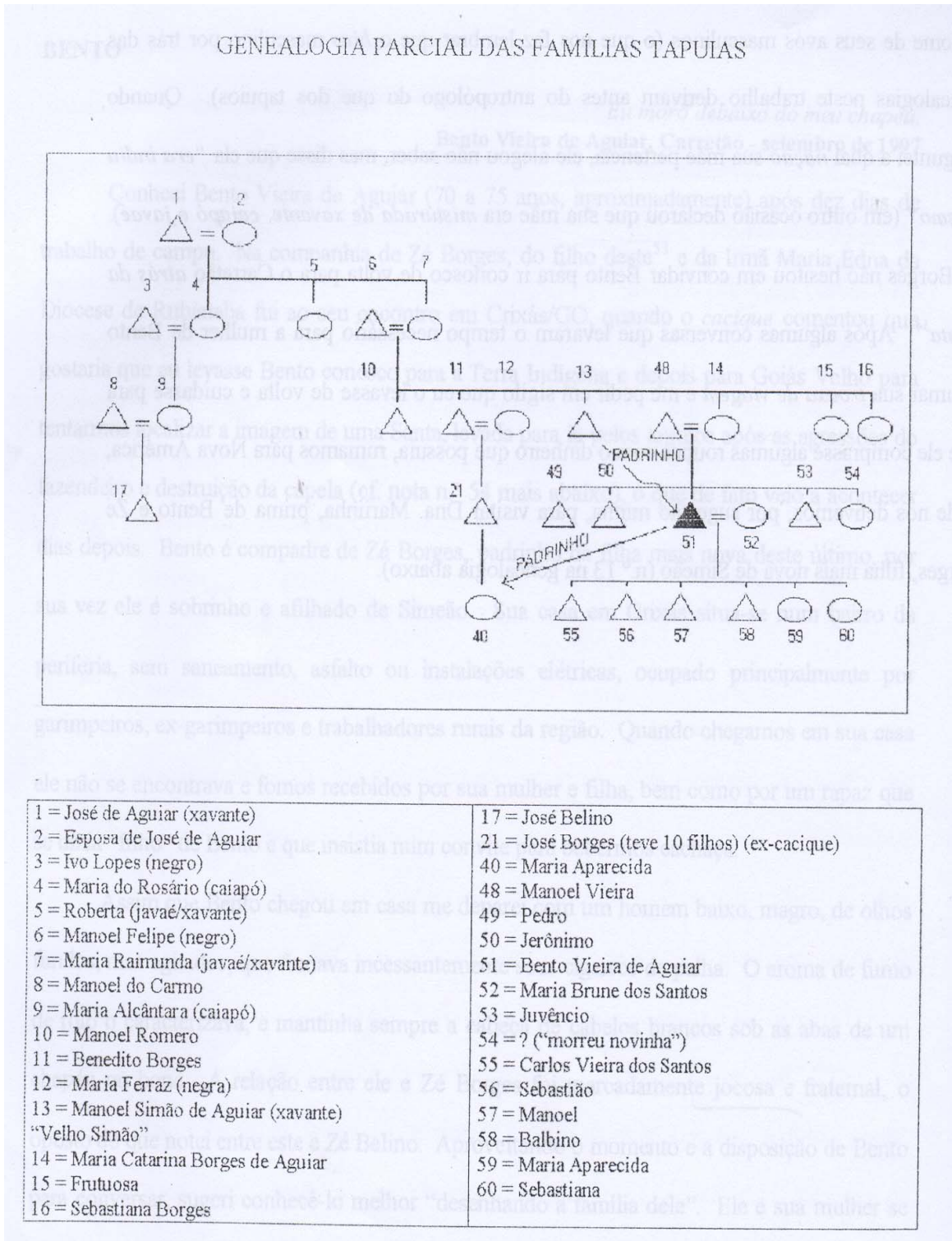


Ilustração 8: Genealogia parcial das famílias Tapuia, segundo Bento Vieira de Aguiar Tapuia.

Fonte: Silva (2001, p. 72).

Nota: Embora não apareça no quadro proposto por Silva (2001), a professora Eunice Rocha Morais Rodrigues Tapuia esclarece, em comunicação pessoal, que Maria Brune dos Santos (n. 52) é de origem branca.

Conforme pudemos observar através da genealogia dos três Tapuio mais antigos do Carretão, é forte a presença de não-índios na formação dessa comunidade indígena. Dentre esses não-índios, boa parte é oriunda dos Estados de Minas Gerais e Bahia, conforme relata um fazendeiro da região:

[...] Aqui não tem nenhum para falar assim esse é casado Tapuio com Tapuio. Só tem aqui o Zé Borges, a mulher dele também é descendente também, só. O Jucelino é mineiro, casou com a Luisa. Nego Camarada é mineiro, casado com Luzia. Jerome é descendente de índio, casado com a Geni, que é goiana, mas não é descendente de índio não. Tem o Antônio da Rocha, é negro, casado com a Mariinha. Tem o Bastião Evangelista: é casado com uma mineira que é aquela Gercina. Tem o Adão, que é casado com a Liberata, é mineira. Tem o Domingo que é filho de João Evangelista, descendente de índio, casado com uma baiana. [...]. (ALMEIDA, 2003, p. 296)

Essa presença baiana e mineira na história do Carretão não é peculiaridade da comunidade indígena. É algo inerente à região do Vale do São Patrício. As cidades próximas ao Carretão, dentre elas Rubiataba e Nova América, foram fundadas por mineiros e baianos, na década de 1940.

1.3.3 A chegada do branco: os Tapuio na luta pela terra, na luta pela vida

A história de vida dos índios Tapuio é marcada pela luta pela terra. Os poucos relatos que temos sobre o processo de formação desse aldeamento mostram-nos que, desde 1781, quando o governador de Goiás, Tristão da Cunha Menezes, emite uma correspondência à Corte portuguesa, tratando de assuntos preliminares a um acordo de paz com os índios Xavante (ver MOURA, 1994, p. 23), até o ano de 1984, quando foi, enfim, demarcada a área do aldeamento Carretão ou Pedro III, o direito pela terra foi motivo de conflito. Mesmo após a demarcação, iniciada por volta de 1980, os Tapuio viveram momentos que oscilavam entre a garantia do exercício de seus direitos e a ameaça constante de fazendeiros da região.

Embora a Declaração n. 83, de 24 de setembro de 1858, atestasse como *Patrimônio dos índios Xavantes* o terreno da Fazenda Nacional da Aldeia do Carretão no Livro de Registro Paroquial n. 25 da freguesia de Nossa Senhora do Pilar, nunca houve garantia do exercício desse direito. Sempre houve um clima constante de “guerra” pela posse da terra, o que gerou um ambiente contraditório aos índios do Carretão. Após a formação do aldeamento, esses índios foram abandonados pelas autoridades políticas e, mesmo depois da demarcação das terras, foram abandonados pela FUNAI. Os próprios fazendeiros da região reconhecem

que, sendo um povo abandonado, os Tapuio não tiveram outra alternativa senão sobreviver de aluguéis e venda de terras.

Houve um consentimento expresso. Na minha presença⁸ eles disseram que eles podiam continuar a fazer o contrato porque eles foram lá [?] eles [FUNAI] chegaram à conclusão que a única coisa diária para a manutenção para que aqueles índios tivessem dinheiro seria de fato alugar aquela terra para os particulares, porque ali teria todos os meses um rendimento para tratar da família de cada um. (ALMEIDA, 2003, p. 361)

Em outras palavras, a terra que, ao mesmo tempo, é tábua de salvação, é a geradora de conflitos. Se de um lado ela representava um referencial de identidade, por outro os colocava em constante ameaça, haja vista que era também o principal desejo dos fazendeiros posseiros:

O trabalho dos posseiros de desbravamento leva à valorização da terra. A violência que a luta pela terra assume em Goiás reside na consciência que o trabalhador adquire após sucessivas expulsões, quer seja de uma região para outra, quer seja dos centros urbanos, que muitas vezes lhes oferecem subemprego ou mesmo o desemprego. A posse da terra significa sua sobrevivência e de sua família, portanto, ele luta até morrer. (SOUZA e CARNEIRO, 1996, p. 76)

Além do fato de os fazendeiros se aproveitarem da necessidade dos índios e estabelecerem com eles aluguéis e vendas ilegais da terra, outro agravante diz respeito às relações matrimoniais premeditadas. Almeida (2003, p. 20) descreve como começou essa luta entre índios e fazendeiros pela posse da terra:

Tudo começou, segundo contam, com o casamento de Simeão com a criada de um senhor chamado Tônico Carvalho. Este senhor entendeu que, com o casamento, havia concebido direito de posse sobre a área onde estava situado o aldeamento do Carretão. Tônico Carvalho vende este direito de posse a Benedito Pimentel, que tenta inutilmente requerer título provisório junto ao governo de Goiás, amparado por uma legislação agrária oriunda do século XIX, que permitia a venda de terrenos pertencentes a aldeamentos que se encontravam desocupados pelos índios seus primeiros habitantes [...] Vendo-se impossibilitados em suas pretensões, que por sua vez, valendo-se do apoio de fazendeiros da região com influência na política regional, conseguem requerer título definitivo sobre a área onde se concentrava, segundo a tradição oral dos tapuios, e sede do aldeamento e onde ainda havia vestígios de muro de pedra, um antigo sistema de canalização de água, o cemitério, cruzeiros seculares e outros sinais do que fora o local do aldeamento. Ainda não satisfeito das terras, Torquato de Barros quis ter o controle social da região, apossando-se da capela e de seus pertences, imagens, castiçais, as “vacas da santa”

⁸ Trata-se da fala do fazendeiro Sinval Caiado, filho do grande fazendeiro Totó Caiado. Sinval foi Deputado Estadual e Deputado Federal e viveu conflitos com os Tapuio na luta pela terra. É interessante observar que os próprios fazendeiros reconhecem que os Tapuio não tinham outra saída senão alugar suas terras; mas mais interessante ainda é constatar que o primeiro morador do Carretão a alugar suas terras foi Moisés, que vivia com os Tapuio, mas não era índio.

doadas pelos moradores da região para a grande festa em honra a Nossa Senhora do Rosário, da qual Simeão e suas irmãs eram guardiões, empenhando-se todos os anos em acolher devotos.

Silva (2001), em seus estudos sobre a construção da identidade dos índios Tapuio, observou que as relações sociais premeditadas pelos fazendeiros nem sempre foram tranquilas, uma vez que a perda da terra representava a perda da própria cultura. Nas falas dos Tapuio há uma clara distinção entre aqueles que são reconhecidos como verdadeiros Tapuio, aqueles que lutam pelos interesses indígenas, reconhecidos como “os de dentro”, e aqueles que são vistos como “os de fora”, ou seja, aqueles que representam uma ameaça aos interesses Tapuio. Zé Borges, em 2001, explicou o critério de definição de pertencimento à comunidade, baseado na fala de um cacique Xerente na Casa do Índio em Goiânia: “mulher de dentro casando com homem de fora enfraquece (o sangue), agora homem de dentro casando com mulher de fora não tem problema” (SILVA, 2001, p. 28).

A luta pela terra foi um elemento a mais que propiciou o relacionamento do índio Tapuio com o não-índio. A miscigenação premeditada foi uma das estratégias usadas pelos fazendeiros para se apossarem das terras do Carretão. A história mostra que aos poucos as terras foram sendo subtraídas dos Tapuio e estes, sem apoio de quaisquer instituições, resolveram lutar por seus direitos. Em 1942, o velho Simeão, acompanhado da irmã, um sobrinho e uma prima, resolveu ir até a capital federal para pedir apoio ao presidente Getúlio Vargas para que este interviesse na defesa de suas terras. A viagem até a cidade de Anápolis foi feita a pé. De lá, o delegado os instruiu a procurar o governador de Goiás, Pedro Ludovico, e assim foi feito. Para Simeão, essa viagem foi interessante, pois é um contexto explicativo da nova situação de suas terras, e, por isso, ele fez questão de contá-la:

Estavam tomando as terras. Um vinha por aqui, outro do outro lado nosso, até pra lá, tudo aqui pra baixo (mostra com gestos as áreas ocupadas). Aí o doutor falou assim para mim:

- Olha, você toma uma providência nessas terras. Porque o doutor me ajudou muito neste terreno que é meu... Então estavam tomando as terras e eu mais a irmã minha mais velha disse:

- É vamos fazer uma viagem.

Aí, eu tinha muito pouco, peguei umas oito cabeças de porco, vendi. Apurei quinhentos mil réis. Meu irmão morava ali na Patrona também vendeu lá uns capados, trouxe uns quinhentos mil réis pra mim. Então saí daqui com um milhão e quinhentos mil réis no meu bolso pra viajar e fui. Fui para o Rio. Naquele tempo, ainda era tempo de Getúlio. Aí rompi daqui devagarzinho. Foi comigo: a minha irmã, um sobrinho que é o Bento, e uma prima, a Maria Arcante. Aí chegamos em Anápolis – neste tempo Anápolis era ponta de linha. Parei para esperar o delegado, para tirar uma guia para mim, eu já tinha tirado outra em Jaraguá com o tenente Pereira. Então eu tinha que tirar outra para seguir viagem. No prazo de cinco dias o delegado, conversou comigo e disse:

- O negócio vai ser assim, eu vou encurtar sua viagem, vou te mandar levar no Pedro Ludovico que é presidente do Estado, o que ele resolver está feito. Não tem precisão de você ir ao Rio.

Aí ele ajustou o carro para mim viajar para Goiânia... e me botou na porta do presidente que era o Pedro Ludovico... Eu fui. Ele atendeu. Bebi café lá no varandado dele, até Pedro Ludovico disse pra filha dele:

-Ah, vai fazer um café, aí, para Manoel Simeão, para nós, pois deu vontade de beber um café.

Achei bom demais. Aí bebi café lá com ele, fiz a queixa que eu queria. Ele disse:

- Não, suas terras ninguém toma não, vou mandar o chefe da Inspetoria lá. Lá já está cortada a minha [loteamento e a CANG].

Disse que o terreno estava na praça. Aí foi que veio o Márcio, o João de Sousa, que eram os agrimensores, veio o chefe da Inspetoria, que ajeitou. Aí, quietou. (apud MOURA, 1994, p. 72-73)

Não “quietaram”. Alguns anos depois, com a criação da CANG, os Tapuio voltaram a sofrer perseguições pela posse da terra.

1.3.4 A criação da CANG: chegada de novos brancos e a transformação de índios em sertanejos

O fato histórico que ampliou essa mescla entre índio e não-índio foi sem dúvida a criação da CANG (Colônia Agrícola Nacional de Goiás). Conforme comentamos, essa política impulsionou o desenvolvimento das regiões interioranas de Goiás, como parte integrante do projeto *Marcha para o Oeste*, do então presidente Getúlio Vargas. Souza e Carneiro (1996, p. 72) comentam que essa política posta à frente pelo Estado Novo tinha como objetivo principal “Quebrar os desequilíbrios regionais pela implantação de uma política demográfica que incentivasse a migração, na tentativa de diminuir os desequilíbrios existentes entre as diversas regiões do país”.

A sede da primeira colônia em Goiás foi instalada na região do Vale do São Patrício – região centro-oeste de Goiás – onde é hoje a cidade de Ceres. A proposta inicial era de que a região abrangesse uma área de 44.500 ha e ocupasse parte da mata do São Patrício, que corresponde ao Vale dos rios da Alma e Vale do São Patrício (Carretão). Essa região foi dividida em diversos lotes de área entre 20 ha e 50 ha cada, concedidos a pessoas reconhecidas legalmente como pobres (cf. SOUZA e CARNEIRO, 1996).

Essa política de incentivo às ocupações propiciou o desenvolvimento da região do Vale do São Patrício e atraiu inúmeros habitantes de outros Estados, em especial Minas Gerais e Bahia. Rabello (1976) afirma que, em 1940, o fluxo migratório em Goiás alcançou 18,9% da população do Estado. De 1940 a 1950, passou para 23,2%; e em 1960 subiu para

23,6%. Em consequência do projeto *Marcha para o Oeste*, a taxa de crescimento em Goiás ficou 1,7% acima da média nacional, que foi de 3,2%.

Se de um modo a CANG beneficiou o desenvolvimento da região, por outro gerou um grave problema: o esgotamento do solo e a subdivisão dessas propriedades pequenas contribuíram para o esvaziamento da CANG, levando os colonos a assumirem funções assalariadas, em novas frentes pioneiras (cf. SOUZA e CARNEIRO, 1996). Foi nessa época que observamos o aumento gradativo da penetração de colonos vindos da CANG para arrendar terras no Carretão. Segundo Moura (1994) esse fato se consolidou por volta do ano de 1960. Primeiramente, essas famílias chegavam ao Carretão na condição de moradores. Solicitavam terra ao velho Simeão e este os acolhia. Houve aproximadamente 15 famílias morando nas terras do Carretão. Alguns desses imigrantes apenas arrendavam as terras, outros se uniam matrimonialmente com os índios e ali permaneciam definitivamente.

Mais à frente percebemos que essas relações matrimoniais são pretensiosamente utilizadas nos discursos dos próprios fazendeiros para descaracterizar mais ainda os Tapuio, alegando que aqueles oriundos de relacionamento entre índio e não-índio não são mais índios; e, se não são índios, a terra não deveria ser protegida pela FUNAI, conforme afirma Sinval Caiado (apud ALMEIDA, 2003, p. 367-368), um dos maiores fazendeiros da região:

Chamar aqueles lá de Tapuio, é o mesmo que chamar urubu de passarinho [dá uma gargalhada]. Aquela lá é uma balela, falar que aquilo lá é índio. Pode ser que há muitos anos foram índios, que índio é esse que não tem língua? Pergunta lá qual é a língua você fala:
 - Falo português.
 - Seu avô falava alguma língua?
 - Não.
 - Seu tio falava? Seu bisavô?
 - Não.
 Então que índio é esse?

Nesse depoimento é interessante notar que o fato de os Tapuio falarem português representou um entrave em seu reconhecimento como índios “autênticos”, excedores de direitos legítimos garantidos pela legislação brasileira. No discurso dos fazendeiros é visível a constatação de que, se falam português brasileiro, não são índios, são sertanejos.

Na fala dos posseiros, o que se observa é o interesse em deturpar a interpretação de língua, como meio de negar a identidade indígena. Essa é uma visão equivocada e parte do pressuposto de que a língua é uma propriedade única e exclusiva de determinado grupo de falantes. O interesse dos fazendeiros, nesse caso, é político, pois o que pretendem é, antes de tudo, negar a identificação dos Tapuio como grupo étnico coeso, por esses falarem português.

Esse argumento é contestado pelos Tapuio, que compreendem que o português, sendo sua língua materna, não anula sua identidade indígena: “Acho... o que vale é o sangue, né? Vale é seu... característica indígena e o sangue, né? Nas veia, né? Num tem importância não, ter língua ou não” (Cleiton Tapuio, 14 anos, 2007).

O comentário de Cleiton Tapuio vem ao encontro dos argumentos defendidos pelo estudioso Márcio Silva (apud MAHER, s.d.), que afirma que:

[..] a língua do índio é a língua que o índio fala e, se o que ele fala hoje é a língua portuguesa – por ter sido essa a opção que lhe foi, historicamente, dada, então o português é a língua indígena de algumas etnias. Pensar o contrário é, acredito, recusar-se a pensar. É, agarrando-se a pré-conceitos, ignorar o que o bom senso, a lógica e a ciência têm a dizer.

O mais interessante, nesse caso, é observar a grande incoerência que a sociedade não-indígena impõe à comunidade Tapuia, ao tentar lhes imputar a identidade indígena por falarem a língua portuguesa: o mesmo grupo que no passado impôs, de modo direto e indireto, essa língua, agora lhes nega a identidade por essa ser sua língua materna.

Para atingir o objetivo proposto, os fazendeiros procuravam, de antemão, descaracterizar fisicamente os Tapuio como índios, ignorando as contribuições indígenas em sua formação e ligando sua imagem unicamente à dos negros, seus descendentes. Diversas vezes se referem a eles como “neguinhos” ou “canarinhos” (negros com “cabelo bom”): “Os neguinhos eram os tapuios. Esse que falou era o pai do Tomi Caiado” (Depoimento de Zé Borges apud SILVA, 2001, p. 45).

Almeida (2003), em seu livro constituído de entrevistas com Tapuio e fazendeiros, apresenta uma conversa realizada com um ocupante das terras da Lajinha, Davi Cardoso, neto do fazendeiro Benedito Pimentel. Nessa entrevista, Davi Cardoso (apud ALMEIDA, 2003, p. 306) é incisivo ao afirmar que nos primórdios do Carretão não havia índio, mas sim negros: “Escravo negro. Índio, não existia índio aí. Apareceram essas negras que começaram, essas tapuias aí, que começaram essas famílias aqui. Não sei nem de onde é que vieram. Isso aí eu não sei resolver pra senhora. Eu não sei de onde é que vieram”.

No mesmo trabalho, o fazendeiro Tomi Caiado vai além e continua alegando que, mesmo se reconheçêssemos os Tapuio como índios, não seria motivo para que estes tivessem seus direitos constitucionais resguardados:

Então, não há de se falar que o índio é incapaz, o índio é capaz então são todos capazes, esses índios hoje estão tudo tirando curso superior. [...] O índio já está todo misturado mesmo, não existe uma pureza, para quê proteger esse aí, se nós temos

sertanejo e brasileiro muitíssimo pior que a [situação] dos índios, que não são protegidos [...] Eu não vejo porque deixar os índios como sendo ser índio a vida inteira. Nós estamos na época da evolução. (ALMEIDA, 2003, p. 362)

Essa foi a luta constante travada entre Tapuio e fazendeiros pela posse da terra e pelo respeito à sua identidade indígena. Moura (1994, p. 102) comenta que até o ano de 1979 os Tapuio desconheciam a existência da FUNAI. Esses conflitos ainda perduraram durante as décadas de 1980 e 1990, forçando-os a constantes insistências perante as autoridades nacionais, com colaboração da igreja católica, principalmente na pessoa de Dom José Carlos de Oliveira, que na época era o bispo da diocese de Rubiataba/Mozarlândia. Depois disso, em novembro de 1999, a Secretaria de Segurança Pública do Estado de Goiás, em parceria com a Polícia Federal, já havia executado a desocupação definitiva dessas terras, passando à FUNAI a atribuição de demarcar a área conforme a Lei de 1948. A partir de então, os Tapuio puderam assumir definitivamente o controle de suas terras.



Ilustração 9: Placa indicativa de proteção territorial instalada nas estradas que dão acesso ao Carretão.
Fonte: Foto nossa (dezembro de 2007).

Os visitantes que hoje chegam à comunidade e que desconhecem o processo histórico de formação do aldeamento não fazem dimensão do sofrimento de pessoas que literalmente deram suas vidas para a garantia daquele espaço⁹. Em 2002, em conversa informal com José Borges de Aguiar Tapuio¹⁰, um respeitado ancião da comunidade, este narrou minuciosamente o processo de construção da comunidade, enfatizando as dificuldades

⁹ Há registros de mortes de índios Tapuio em conflitos com os fazendeiros. Os casos mais explícitos foram as perseguições a Simeão Tapuio, o sumiço do Índio Jovino (caso ainda sem solução) e a morte de Pretinho. Segundo afirmam os Tapuio, todos esses casos foram encomendados pelos fazendeiros da região.

¹⁰ José Borges de Aguiar Tapuio é o nome verdadeiro do entrevistado. Todos os nomes empregados neste trabalho são reais, conforme autorização expressa no Termo de Consentimento livre e esclarecido (ver anexo).

que teve para chegar até ali (relembrando a viagem que o velho Manuel Simeão Borges de Aguiar, acompanhado por sua irmã Catarina, seu sobrinho Bento e sua prima Maria do Rosário Alcântara, conhecida entre os Tapuio por *Arcante*, fizeram a pé do aldeamento até a capital, para reivindicar seus direitos, uma distância de aproximadamente 300 km).

José Borges Tapuio confirmou que, mesmo depois de demarcada a área da reserva indígena, muitas pessoas “de fora” tentavam manipular os Tapuio mais novos com idéias capitalistas, como a construção de barragens para implantação de piscicultura, por exemplo, e que os Tapuio mais novos não percebiam o perigo que isso representava e às vezes até davam apoio aos projetos, conforme ele mesmo narrou.

Dessa forma, antigamente os fazendeiros representavam perigo ao aldeamento por seu interesse na terra; no começo do século XXI, com a terra protegida por órgãos federais, os fazendeiros continuam representando perigo por tentarem influenciar as decisões da comunidade, conforme comenta Silva (2001, p. 76):

O problema de segregação dos jovens Tapuios pelos posseiros, que contratavam aqueles para pequenos serviços onde os aliciavam com bebidas e com comentários depreciativos sobre os tapuios mais velhos, era um dos principais problemas enfatizados por Borges e para o qual alegava não ter solução.

O resultado desse processo é que muitos Tapuio novos não só incorporaram os interesses capitalistas como também sentiam vergonha em ser reconhecidos como índios Tapuio, conforme comentou Zé Borges Tapuio¹¹, sendo referendado por Dorvalino Augusto da Silva Tapuio (2008), atual cacique: “Uns têm vergonha. Tem uns que fica... [...] num gosta [...] de levantar a cultura... Num gosta de pintar... Tem uns que sente orgulhoso em ser tapuia”.

Nesse sentido, na época (2002) a figura dos líderes da comunidade foi demasiadamente questionada pelos Tapuio mais novos, por eles não se apresentarem como pessoas que fazem jus à sua posição, uma vez que eles nem mesmo se pareciam fisicamente com um índio.

Alguns anos depois, já no ano de 2008, ao entrevistar alguns professores Tapuio, fomos esclarecidos de que esses questionamentos foram ações isoladas e que não refletem o sentimento de orgulho em ser Tapuio que atualmente é unânime na comunidade indígena. Segundo o professor Luis Antônio Tapuio, naquela época muitos se esquivavam em afirmar

¹¹ Este comentário diz respeito à passagem na qual o cacique Zé Borges explica ao antropólogo Crísthian Teófilo da Silva (2001, p. 73) que alguns Tapuio mais novos não queriam tirar foto a seu lado porque sentiam vergonha de ser Tapuio.

que eram índios não por vergonha, mas por medo. Após a expulsão dos invasores da terra indígena, eles recebiam diversas ameaças de morte por parte dos posseiros, o que os obrigava a negar sua identidade para proteger sua vida.

1.4 CARACTERÍSTICAS DA COMUNIDADE TAPUIA NA ATUALIDADE

Localizada numa região serrana, a reserva indígena Carretão¹² apresenta características físicas típicas de solo goiano: a vegetação natural é o cerrado, com árvores não muito altas e com galhos retorcidos. Trata-se de um terreno propício para o desenvolvimento da pecuária, uma vez que apresenta áreas de muitos aclives e declives. Nos poucos espaços mais planos são desenvolvidas as culturas agrícolas.

A área indígena é cortada por diversos córregos, dentre os quais se destacam o do Passarinho, o do Macaco e o Carretão, que fora da área indígena recebe o nome de Taboão. Além desses, outros menores contribuem para tornar a reserva uma região abundante em água.

As casas dos Tapuio são construídas seguindo o modelo sertanejo¹³. São distantes umas das outras, porque entre elas são desenvolvidas pequenas lavouras, em pequenas propriedades, conforme também observou Moura (1994, p. 4): “O local onde se encontra é semelhante a qualquer fazenda da região, com casas esparsas, próximas aos córregos [...]”. A área é uma reserva indígena. A terra pertence à União, mas, a título de organização, os terrenos são separados por cercas.

A língua da comunidade indígena é o português brasileiro, com suas características peculiarmente desenvolvidas por seus falantes. A comunidade do Carretão é uma comunidade de fala muito fechada, ou seja, é uma comunidade cujas relações são muito estreitas. Percebemos que os falantes relacionam-se muito entre si e muito pouco com falantes de outras comunidades. Em geral, apresentam baixa mobilidade interna e externa, o que implica também uma mudança muito restrita de contexto¹⁴.

¹² Ver foto 1, Anexo 2.

¹³ Ver foto 3, Anexo 2.

¹⁴ Entendemos “contexto” como situação social, conforme proposto por Macedo (2004). Situação social é a forma como duas ou mais pessoas relacionadas entre si de maneira particular se comunicam sobre um determinado assunto, em um lugar determinado.

Os contextos de fala em geral são: casa, lavoura, campo de futebol, igrejas (católica e evangélica, que estão instaladas na área da comunidade indígena, nas glebas 1 e 2, respectivamente), a escola indígena, enfim, ambientes domésticos. O que constatamos é que, em se tratando de um grupo pequeno, as relações se tornaram muito íntimas, dadas as relações sociais serem partilhadas quase sempre com os mesmos falantes. Baixa mobilidade implica na limitação da diversidade de interação. Conforme afirma Macedo (2004, p. 64), “o falante também pode alterar o seu estilo dependendo de com quem se fala”.

A área indígena é cortada por uma estrada, conhecida entre os Tapuio por “estrada carreteira”, devido ao grande fluxo de transportes de gado, atualmente feito em carretas. Segundo o cacique Dorvalino Augusto da Silva Tapuio, outrora essa estrada foi o principal meio de ligação entre as cidades de Crixás, Pilar, Nova América, ao norte; e Morro Agudo, Itapuranga e Goiás, ao sul. Atualmente essa estrada é muito usada por pequenos fazendeiros da região¹⁵.

O Carretão atualmente conta com uma infraestrutura mantida por órgãos federais e estaduais, por meio de ajuda de custo periodicamente enviada. A comunidade conta com assistência odontológica (visita regular de dentista à comunidade), farmacêutica (posto de saúde), agrícola (verbas), dentre outras, todas elas mantidas com verbas da FUNASA/Governo Federal, com participação do Estado e do Município. Esses recursos possibilitaram que a comunidade contasse com uma infraestrutura diferente da de tempos anteriores.

Em 2003, foi criada a escola indígena. Trata-se de um modelo de educação que busca trabalhar um currículo que explora o conhecimento não-indígena em interação com o conhecimento indígena. Os funcionários da escola, bem como sua clientela, são, em sua maioria, Tapuio¹⁶.

Foi criada a AITCAR (Associação dos Índios Tapuia do Carretão), que tem reuniões frequentes na sede da comunidade, nas quais são tratados assuntos de interesse da mesma. É um momento formal de interação dos Tapuio entre si e com representantes de outras instituições.

A comunidade possui acesso a diversos meios de comunicação, tais como cinco emissoras de rádio (AM e FM), aproximadamente 25 canais de televisão, telefone celular e orelhão etc.¹⁷.

¹⁵ Ver foto 9, Anexo 2.

¹⁶ Ver foto 11, Anexo 2.

¹⁷ Ver foto 5, Anexo 2.

É interessante observar que os veículos de comunicação propiciam uma interação dos Tapuio com falantes de outras comunidades. Embora não seja uma interação dialógica, os Tapuio acabam, segundo a professora de alfabetização Adriana Gonçalves da Silva Tapuia, em comunicação pessoal, copiando maneiras de falar de outras pessoas, principalmente aquelas mostradas na televisão.

Até o ano de 2009, dez professores indígenas foram aprovados em vestibulares e hoje fazem o Curso de Licenciatura Intercultural de Formação de Professores Indígenas, na Universidade Federal de Goiás, um curso criado por meio da Resolução nº 0011/2006/CONSUNI, em atendimento a um pedido das lideranças indígenas da região Araguaia-Tocantins. Fazem parte do curso os povos indígenas que vivem na região etnoeducacional Araguaia-Tocantins, que abrange os Estados do Tocantins, Goiás, parte de Mato Grosso e parte do Maranhão. Vivem nessa região os Xerente, os Karajá, os Krahô, os Apinajé, os Avá-Canoeiro, os Tapirapé, os Javaé, os Tapuio, os Krikatxi, os Gavião, entre outros. Desses, já fazem parte do Curso da Licenciatura professores Xerente, Javaé, Tapirapé, Karajá, Tapuio, Apinajé, Krahô, Gavião, Guarani, somando um total de 94 alunos, sendo que 59 entraram em 2007, e 35, em 2008. Em 2009, ingressaram mais 35 alunos. (cf. Pimentel da Silva e Borges, 2009)

O Curso da Licenciatura tem como eixos a diversidade e a sustentabilidade. Sua proposta pedagógica tem por princípios a interculturalidade e a transdisciplinaridade, entendidas de forma dialógica, visando à descolonização do saber. Desenvolve-se por meio de três modalidades de encontros anuais, a saber: 1) estudos presenciais na UFG, Campus Samambaia, que acontecem nos meses de janeiro/fevereiro e julho/agosto; 2) estudos presenciais nas comunidades indígenas, que têm por objetivo favorecer a interação dos docentes do curso com suas respectivas comunidades. 3) estudos presenciais nos Pólos/sede, que têm por objetivo a articulação da teoria e prática como base de construção de um projeto político pedagógico alicerçado na realidade sociocultural e sociolinguística, bem como nos projetos das comunidades. (cf. Pimentel da Silva e Borges, 2009, p. 3)

Como visto, o maior contato desse grupo indígena não é com outros indígenas, restringindo-se isso a momentos esporádicos, quando há realização do curso de Licenciatura Intercultural Indígena ou outros cursos de capacitação e formação etc. No mais, a interação dialógica, em geral, ocorre com moradores das cidades de Rubiataba e Nova América. Em todos esses contextos a língua utilizada é a portuguesa.

1.5 FINALIZANDO ESSA CONVERSA

Os objetivos políticos da criação de aldeamentos, que permearam os primeiros anos da colonização em Goiás, foram basicamente a pacificação dos índios e sua inserção no trabalho. Além dessa “civilização” forçada, houve a escravização desses, o que representou um grande interesse na política dos aldeamentos. Conforme afirma Moura (1994, p. 168):

Ao longo do século XIX, a abolição do tráfico negreiro (1850), a Lei do Ventre Livre (1871) e a libertação definitiva do escravo negro (1888) suscitaram discussões sobre formas alternativas de escravidão. Nesse debate, o índio, invariavelmente, representou uma potencial substituição do trabalho escravo negro.

A criação do aldeamento Carretão, enquanto durou, representou um aniquilamento em massa dos indígenas, e, quando essa política foi finalmente abolida, representou um silenciamento dos indígenas na história, devido ao descaso das autoridades competentes.

Com o passar do tempo, o Carretão, devido às condições sociais às quais esteve submetido, adquiriu nova roupagem, mas nota-se um profundo desejo de seus moradores em resgatar e manter suas raízes indígenas. Nos depoimentos de alguns Tapuio foi revelado que muitas pessoas se decepcionam ao visitar o aldeamento por esperar encontrar ali índios morando em ocas, conforme afirma o cacique Dorvalino Augusto da Silva Tapuio (2007): “Ah, tem uns que fala: “ah, pensei que era aldeia... aqui é um pouco diferente.” Mas é o costume, né? Veio dos mais véio aí... mas nós nunca deixô de assumir a raça, não”.

O mais importante nesses depoimentos é a autoestima que está sendo construída pelos índios Tapuio ao compreenderem que a identidade é construída socialmente. Conforme afirma Maher (1998, p. 116-117), a identidade “é um construto sociohistórico por natureza e, por isso mesmo, um fenômeno essencialmente político, ideológico e em constante mutação”.

Os Tapuio passaram por um período de crise de identidade em sua história quando viajaram por outras aldeias e viram índios que não tinham o português como língua materna e suas crenças, valores e cultura eram muito diferenciados das dos não-indígenas. Todavia, nos últimos anos, houve grande conscientização por parte dos Tapuio em reconhecer que a miscigenação não apagou sua identidade, mas, pelo contrário, contribuiu para a formação cultural e social que eles têm hoje, incluindo, nesse processo, a construção de sua língua.

CAPÍTULO 2

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Eu num tenho terra pra vendê; eu tenho fio pra criá.
(José Borges Tapuio, 76 anos, 2002)

Neste capítulo são apresentados os procedimentos adotados para a definição e delimitação do objeto de estudo, bem como para a obtenção dos dados, seguidos de sua descrição, análise e interpretação e da fundamentação teórica do trabalho.

O capítulo é basicamente estruturado em duas partes: na primeira apresentamos os métodos para a obtenção dos dados e os procedimentos de análise; na segunda, o referencial teórico do trabalho. Para isso, explanaremos as duas variáveis de estudo: a social e a linguística.

Na primeira parte do capítulo, elucidaremos as questões acerca da constituição do *corpus*, a escolha dos informantes e os instrumentos de coleta dos dados (os questionários de entrevistas e as transcrições), bem como o estudo dos métodos de análise e interpretação dos dados. Para isso, demonstraremos o modo como foram construídas as redes de interação da comunidade para, em seguida, caracterizar o perfil dos sujeitos que fazem parte de cada uma dessas redes.

Na segunda parte, partiremos do conceito de rede de interação Linguística para a condução de nossa análise sociolinguística. Ainda, abordaremos o fenômeno da ditongação/monotongação em seu processo de realização e ocorrência, os modelos de análise e interpretação desse fenômeno no português brasileiro e sua revisão no falar goiano.

2.1 UMA BREVE CONVERSA

No ano de 2002, ainda cursando Letras na Universidade Estadual de Goiás – campus Anápolis, interessei-me pelos estudos sociolinguísticos, pois via nesses a possibilidade de utilizar minha formação como meio de contribuir com a comunidade Tapuia.

Nascido em Rubiataba, acompanhamos de perto, durante as décadas de 1980 e 1990, a luta do povo Tapuio por ter seus direitos reconhecidos. Já havíamos visitado a comunidade indígena diversas vezes, sempre acompanhado por membros da Igreja Católica¹⁸, dentre eles Dom José Carlos de Oliveira, na época, bispo da diocese de Rubiataba-Mozarlândia, e que representava um referencial nessa luta.

Foi em dezembro de 2002 que estivemos nesta comunidade indígena pela primeira vez para coletar dados. Gravamos diversas conversas com os Tapuio, especialmente os mais velhos. O tema da conversa foi a história do Carretão. Essa conversa serviu para nos inteirarmos ainda mais a respeito da história da comunidade, na versão daqueles que a viveram.

Essa primeira coleta de dados foi feita com equipamento VHS. Surpreendeu-nos a espontaneidade de fala deles. Não percebemos nenhum esforço em monitorar suas falas, mesmo com a ciência de que estavam sendo gravados. Por ainda não ter conhecimento de que fenômeno fonológico seria analisado, o *corpus* foi constituído apenas de entrevistas abertas.

Enquanto a conversa fluía, fomos percebendo algumas características mais marcantes do falar Tapuio. Momentos depois, assistimos às gravações exaustivamente e procuramos sistematizar essas características, das quais destacamos as seis a seguir.

2.2 ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO FALAR TAPUIO

2.2.1 Vocalização da lateral alveolar vozeada [l] e da lateral palatal vozeada [ɮ]

1- [ˈvɛːjũ] ‘véio’ ~ [ˈvɛːɮũ] ‘Velho’;

Bento Vieira de Aguiar Tapuio (2002): DE A PÉ. Quando nós chegô, com dois dia de marcha pra chegá até Goiás Véio, com um tempo desse de sol QUENTE [...] no outro dia eu amanheci assim com a perna inchada ... Ocês num sabe disso, sabe?

2- [fɛːmíːjə] ‘famiia’ ~ [fɛːmíːɮjə] ‘família’;

Bento Vieira de Aguiar Tapuio (2002): Oh, quando em... no quarenta, es julgaro essa terra pro Estado. Então, dizem que aqui num tinha índio mais, só tinha duas famiia de nego qui [...]

¹⁸ Moura (1994) comenta que, já na década de 1980, em Rubiataba, ninguém soube informar aos representantes da FUNAI, que por ali passavam pela primeira vez, quem eram os Tapuio. Essa informação só foi obtida por representantes da Igreja Católica que reconheceram a presença de descendentes indígenas na área rural de Nova América.

Compreendemos a lateral palatal vozeada [λ] como sendo realizada por meio do espriamento da língua no trato vocal. O não-espriamento aproxima essa consoante do som da vogal fechada alta anterior [i]. A este fenômeno dá-se o nome de vocalização (cf. ‘velho’ ~ ‘véio’). No caso da lateral [l], o processo é um pouco diferente. Não ocorre exatamente uma vocalização, mas a queda de um segmento [+consonantal], automaticamente compensada pelo alongamento do segmento [+vocálico] [i]. O alongamento da vogal fechada, alta, anterior [i] é, portanto, uma compensação fonológica, conforme ilustra o exemplo a seguir:

3- [fɛ' mɪ: λjə] ‘família’ ~ ‘famiia’ [fɛ' mɪ: jə];

2.2.2 Fenômenos de harmonização vocálica

4- [pɹ' lɪ: sɐ] ‘puliça’ ~ [pɹ' lɪ: sjɐ] ‘polícia’;

Bento Vieira de Aguiar Tapuio (2002): Era o véio Simão ali e nós lá no Carretão. E aí o trem apertô aqui, foi, foi, foi indo... Aí botô puliça aí no mei... Aí o véi Simão que era um véi que mandava aqui. ELE MANDAVA. Hoje o povo pra fazê as coisa toma opinião de dez, doze... ele fazia o que a cabeça dele dava.

Segundo Cagliari (2002, p. 104) “a harmonia vocálica é um tipo especial de assimilação que faz com que vogais tornem-se mais semelhantes entre si, em geral, por alguma razão morfológica (regra morfofonológica)”. Nesse caso /o/, vogal média, assimila a altura da vogal alta da sílaba imediatamente seguinte, a anterior [i], tornando-se alta [u] (cf. ‘puliça’ ~ ‘polícia’).

2.2.3 Realizações de /R/ pós-vocálico

5- [ʃɛ' gá:] ‘chegá’ ~ [ʃɛ' gá:r] ‘chegar’;

6- [lɹ' gá:] ‘lugá’ ~ [lɹ' gá:r] ‘lugar’;

7- [ɛzɪ' zɪ:] ‘exigi’ ~ [ɛzɪ' zɪ:r] ‘exigir’;

José Borges (2002): Eu num posso chegá num lugá... sair daqui e querê exigi meu sistema daqui, né? O boi na terra alheia berra como um bezerro.

Nas ocorrências de 5 a 7, constatamos a queda do segmento /R/ no final de palavras. A maioria dessas quedas se dá em formas verbais infinitivas, mas o exemplo 6 revela que ela também pode ocorrer em formas não-verbais. No português Tapuio, o segmento /R/, em geral, é cancelado (cf. exemplos de 5 a 7), ou pode se realizar como um retroflexo. Trata-se de um fenômeno cuja realização fonética varia de dialeto para dialeto (cf. SILVA, 2001, p. 159).

2.2.4 Fenômenos de monotongação

8- [ɛ̃'tró:] 'entrô' ~ [ɛ̃'trów:] 'entrou';

José Borges (2002): Aí entrô o branco fazeno a cabeça dos índios que isso aqui num tinha, num era nosso não, era do Estado. É do Estado.

O fenômeno da monotongação consiste na queda de glides, que são alofones de vogais. Há três processos de monotongação, sendo dois deles representados pelas quedas de glides de ditongos orais: queda do glide [j], alofone de /i/, por exemplo, 'teima' ~ 'tema' e 'peneira' ~ 'penera'; e queda do glide [w], alofone de /u/, por exemplo, 'entrou' ~ 'entrô' e 'sou' ~ 'sô'; e outra queda de ditongo nasal (queda [Ø] do segmento nasalizador /N/ em sílabas pós-tônicas), por exemplo, 'mensagem' ~ 'mensagi' e 'jovem' ~ 'jovi'. Nesse último caso, a queda do segmento [+nasal] /N/ está foneticamente associada à queda do glide [j], exemplo ['ʒɔ:vêj]. Sendo assim, esse fenômeno não representa apenas uma simples queda de um segmento, mas sim um processo de transformação de um ditongo [ɛ̃j] em um monotongo [i] (cf. SILVA, 2001).

2.2.5 Processos de reestruturação silábica

9- [dʒizmìstrè'sɛ̃:w] 'dismistração' ~ [ɛ̃dʒimìnistɾè'sɛ̃:w] 'administração';

Bento Vieira de Aguiar Tapuio (2002): Tá fartano memo é uma dismistração mió aqui pu povo... assim... incarriá o sirviçu... [...]

De acordo com a teoria da estrutura da sílaba defendida por Selkirk (1982), baseada nos estudos de Pike e Pike (1947) e Fudge (1969), os elementos que compõem uma sílaba são: ataque, núcleo e coda (cf. BISOL, 2001). A estrutura silábica do português tem como

exigência a presença de um núcleo, que deve ser preenchido por um segmento vocálico (e glide). Os demais elementos são preenchidos por consoantes. Embora o padrão silábico do português seja CV, o ataque e a coda podem ser ramificados, o que permite, no português, a presença de dois segmentos consonantais no ataque (posição pré-vocálica) e até dois segmentos consonantais na coda (pós-vocálica), que pode ser assim esquematizado:

CCVCC
Exemplo: TRANS-POR-TE

Na possibilidade de haver um glide (encontro vocálico), o núcleo também pode ser ramificado, o que permite, no português brasileiro, uma estrutura silábica com cinco ou até seis segmentos:

CCVVC
Exemplo: GRÃOS

Na ocorrência citada anteriormente, a palavra “administração” apresentava a seguinte estrutura:

/ad - mi - nis - tra - sãw/
VC – CV – CVC – CCV – CVV

Como visto, houve um processo de reestruturação na ocorrência “dismistração”, que passa a apresentar a estrutura a seguir:

/diz - mis - tra - sãw/
CVC – CVC – CCV – CVV

2.2.6 Assimilação de -ndo em -no em final de verbos no gerúndio

10- ['tê:nù] ‘teno’ ~ ['tê:dù] ‘tendo’;
Bento Vieira de Aguiar Tapuio (2002): *De modo que isso aí... tá teno aqui*

O fenômeno da assimilação de -ndo em -no em finais de verbos no gerúndio se caracteriza pela queda da oclusiva alveolar vozeada [d].

Demos ênfase a esses seis fenômenos, comentados anteriormente, pelo seu alto grau de ocorrência nos dados.

Entretanto, os dados coletados não foram suficientes para afirmarmos se essas características eram predominantes em toda a comunidade ou se correspondiam a apenas um grupo dela, porque o número de pessoas entrevistadas era muito baixo e representava apenas o grupo de faixa etária elevada. Além do mais, observamos que todas essas características são comumente encontradas no falar de outras regiões de Goiás e já foram objeto de estudos em outros trabalhos de cunho fonológico e sociolinguístico. Indagamo-nos, então: haveria elementos no falar tapuio que fossem capazes de fundamentar a existência de um português Tapuio? Há alguma peculiaridade na ocorrência desses fenômenos pelo fato de ser uma comunidade indígena? Qual é a relação que esses indígenas têm com o português na construção de sua identidade linguística?

Para responder a essas indagações, propusemo-nos a estudar o português falado nessa comunidade e a atitude linguística dos falantes. Delimitamos nosso objeto de estudo selecionando apenas um desses fenômenos apresentados anteriormente: o da monotongação.

A escolha do fenômeno da monotongação em detrimento dos outros se deveu a dois motivos: primeiro, pelo fato de ser o de maior ocorrência dentre os seis citados anteriormente, o que faz desse fenômeno, em nossa interpretação, o mais representativo dessa comunidade de fala; segundo, por haver poucos trabalhos publicados abordando esse fenômeno. Conforme afirma Silva (2001, p. 98), “a redução de ditongos decrescentes já mereceu atenção na literatura, mas merece ainda um amplo estudo nos diferentes dialetos do português”.

2.3 O CORPUS

A comunidade indígena Tapuia apresenta características sociais similares às dos povoados da região interiorana do Vale do São Patrício-GO. Embora haja uma escola indígena na comunidade do Carretão, boa parte da população não foi escolarizada e, portanto, trata-se de uma comunidade de cultura predominantemente oral. Isso também justifica o

direcionamento de nosso trabalho à descrição de um aspecto da oralidade, no caso o fenômeno da monotongação.

O motivo da escolha de um aspecto da oralidade em detrimento a outros da escrita se deve a dois argumentos principais:

- Descrevendo os aspectos da língua oral, estaríamos descrevendo a língua em exercício cotidiano. Além do mais, a fala é mais suscetível de variação do que a linguagem escrita, que é mais conservadora (cf. BAGNO, 2000).
- Na análise da linguagem falada é possível compreender a língua utilizada pela comunidade de uma maneira mais concreta e fidedigna, uma vez que podem ser incluídos todos os falantes, escolarizados ou não, além de respeitar a tradição cultural do povo, que é uma tradição oral.

Considerando a monotongação, nosso trabalho visa descrever os processos de transformação de ditongos em monotongos no português Tapuio, que é a língua materna dessa comunidade indígena, observando os grupos de fatores específicos desse fenômeno linguístico e sua relação com a identidade linguística.

Durante a pesquisa foram feitas diversas viagens até a comunidade Tapuia. Iniciamos a pesquisa gravando conversas com cinco falantes, sendo 4 homens, a saber Bento Vieira de Aguiar Tapuio, José Borges de Aguiar Tapuio, Cleiton Tapuio e Dorvalino Augusto da Silva Tapuio e 1 mulher, Maria Aparecida Ferraz de Lima Tapuio. Nossas conversas duraram pouco mais de uma hora. Foi a última gravação de José Borges Tapuio e Bento Tapuio, que faleceram meses depois.

Voltamos a essa comunidade outras vezes. Algumas delas sem o intuito de gravar dados, apenas com o objetivo de manter vínculos. Conversando com os moradores dessa comunidade, percebemos outra característica marcante: sentimos uma grande dificuldade em entrevistar mulheres, exceto professoras. Boa parte delas manifestava desejo de não participar das gravações, o que não ocorria com os homens, que se demonstravam prestativos e bem à vontade em colaborar. Uma das justificativas pelo silenciamento das mulheres nas gravações, segundo os Tapuio mais velhos, é porque as mulheres não sabem ou sabem muito pouco da história do aldeamento e, logo, não estão habilitadas a falar. Mesmo quando o assunto era algo próximo das mulheres, tal como culinária, por exemplo, percebemos certo receio nas afirmações.

Isso pode ser indício de um problema de interação de gêneros. Pelo fato de o pesquisador ser do sexo masculino e as entrevistadas do feminino, pode ter havido aí um grau

baixo de intimidade ou cumplicidade, o que não se dava quando pesquisador e informantes eram do mesmo sexo¹⁹. Mas, no geral, não tivemos dificuldade em desenvolver nossa pesquisa, que transcorreu dentro das expectativas.

As outras gravações foram feitas nos intervalos das aulas do Curso de Licenciatura Intercultural de Professores Indígenas, sediado na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Nesse contexto, abordamos assuntos variados, tais como as aulas do curso, as relações na comunidade, a prática pedagógica etc. O ambiente acadêmico estabelece uma situação social onde a formalidade atinge um grau muito elevado, ou seja, onde há maior monitoramento de fala.

Na transcrição do *corpus*, utilizamos para identificação dos falantes seus nomes verdadeiros, uma vez que este trabalho visa também discutir a relação afetiva desses falantes no uso de sua variedade. Ademais, todos permitiram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, antes de participarem da pesquisa, conforme orientam as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos, adotadas pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás; quando não-escolarizados, o consentimento foi oral, antes da gravação (também gravados). Quando as gravações envolviam crianças, houve autorização escrita dos pais ou responsáveis. Foram assinadas, ainda, duas declarações de ciência, uma pelo cacique e outra pelo vice-cacique, os representantes da comunidade, na qual está expressa a autorização de realização e publicação dos nomes verdadeiros dos participantes da pesquisa. Em todos os casos, antes das gravações informamos aos falantes o objetivo da pesquisa, bem como seu caráter voluntário, conforme orientam Milroy e Gordon (2006) e determinam as Diretrizes e Normas Regulamentadoras do Comitê de Ética da UFG.

Por ser o fenômeno da monotongação restrito à estrutura da palavra, em boa parte de nossas análises do *corpus*, transcrevemos a palavra solta, mas em consonância com seu contexto, uma vez que as variáveis não se limitam ao contexto fonológico.

Para cálculo dos dados das ocorrências, usamos a regra de três, que pode ser assim esquematizada:

Número de palavras com ocorrência do fenômeno

X 100

Número de palavras suscetíveis de ocorrência do fenômeno

¹⁹ Situação semelhante foi vivenciada por Nascimento (2007) em seu trabalho com a comunidade rural d'Os Almeidas, em Silvânia-GO.

Leia-se:

Número de palavras com ocorrência do fenômeno dividido pelo número de palavras suscetíveis de ocorrência do fenômeno multiplicado por cem. Assim, encontramos o número de ocorrências em porcentagem.

Até o momento da realização deste trabalho não havíamos encontrado nenhuma pesquisa linguística que fizesse uso da regra de três na apuração de resultados. Fizemos uso dessa metodologia por nos fornecer os dados em porcentagem de maneira mais eficiente, uma vez que os dados poderiam ser calculados e tabelados imediatamente após a gravação, na própria comunidade.

Com esses dados em mãos, direcionamos nossa atenção ao tratamento qualitativo dos mesmos. Conforme visto, não foram observados o grau de significância das variáveis, apenas a ocorrência do fenômeno.

Depois de coletados e analisados, os dados foram submetidos à apreciação de dois professores Tapuio, que verificaram e referendaram os dados apresentados neste trabalho.

2.3.1. Escolha dos informantes

Os informantes foram escolhidos de acordo com as variáveis sociais apresentadas pela mobilidade social, faixa etária e sexo. Nossa preocupação durante a pesquisa foi com a relação entre as *variáveis sociais* e as *variáveis linguísticas*, pois, conforme afirma Cagliari (2002, p. 115):

Por causa da realidade da variação linguística, o trabalho de análise fonológica torna-se relativamente complexo. Sem um controle sobre o problema da variação, a interpretação fonológica pode perder muito de seu valor e interesse, podendo mesmo gerar interpretações equivocadas, incompletas ou falsas.

O autor afirma que, em comunidade que concentra grande número de falantes, é preciso ter um controle rigoroso da relação de variável fonológica com os falantes escolhidos como representativos da comunidade. Se houver muitas variáveis sociais e linguísticas a serem analisadas, o trabalho torna-se moroso; se houver poucas variáveis levadas em consideração, o estudo pode não ser significativo.

Entretanto, nesse aspecto nosso “drama” foi abreviado pelo fato de se tratar de uma comunidade fechada: falantes de número reduzido (segundo o atual cacique, em comunicação

peçoal, de acordo com o último censo (2007), são 49 famílias, num total de 186 pessoas), numa localização também reduzida (1743 hectares)²⁰.

Num contexto como este, algumas variações elencadas numa análise sociolinguística, tais como *regiões geográficas, classes sociais e grupo étnico diferente, religião, local de nascimento, renda salarial*, apresentam-se como não-relevantes, uma vez que são todos indígenas, moradores do mesmo aldeamento e com pouca variação econômica. O cacique explica que é uma tradição entre os Tapuio se casarem entre si e morarem ao lado dos pais. Esse comportamento é reflexo da tradição endogâmica que fora praticada sob o pretexto de não enfraquecer o sangue indígena (ou evitar a penetração de brancos mal intencionados na disputa da terra, conforme comentamos no capítulo anterior).

Todavia, nos dias atuais não se trata de uma endogamia, uma vez que não há quaisquer proibições de que os Tapuio se casem com não-indígenas. Em conversa informal, alguns Tapuio afirmaram que, para muitos deles, a tradição vem se mantendo talvez por falta de opção, uma vez que a terra indígena se encontra um pouco afastada dos centros urbanos. Para outros, entretanto, pode ser financeira, uma vez que a União envia verbas para Tapuio e não para não-indígenas, mesmo que esses sejam casados com Tapuio. De um modo ou de outro, esse é um fator que precisa ser mais bem investigado, pois pode contribuir para a densidade das relações sociais na comunidade do Carretão.

Como nosso trabalho é um estudo orientado pela metodologia de redes socioculturais, algumas dessas variações apresentadas no quadro a seguir não foram levadas em consideração.

Quadro 1: Variações diacrônica e sincrônica.

Variação			
Diacrônica		Sincrônica	
Histórica	Geográfica	Social	Individual
<ul style="list-style-type: none"> • épocas diferentes; • idades bastante diferentes. 	<ul style="list-style-type: none"> • lugares diferentes. 	<ul style="list-style-type: none"> • sexos diferentes; • classes sociais diferentes; • grupos étnicos diferentes. 	<ul style="list-style-type: none"> • diferentes velocidades de fala; • diferentes estilos: mais ou menos formais; • diferentes situações emocionais.

Fonte: Cagliari (2002, p. 115).

²⁰ Destes números estão excluídos os Tapuio que residem fora do Carretão. Segundo o cacique, em comunicação pessoal, são aproximadamente 200 Tapuio que residem em cidades próximas à terra indígena, como, por exemplo, Rubiataba, Crixás, Nova América, Pilar de Goiás, Gominho etc.

Ao final, das variáveis elencadas, para execução de nosso trabalho, decidimos as seguintes: mobilidade social, faixa etária e sexo. Foram selecionados 27 falantes que não necessariamente participaram de todas as atividades da pesquisa.

No quadro a seguir, baseado em Rezende Santos (2008, p. 161), é apresentado o perfil sociocultural dos informantes selecionados:

Quadro 2: Perfil sociocultural dos informantes selecionados.

Informante	Idade	Sexo	Grau de escolaridade	Ocupação	Mobilidade Interna	Mobilidade Externa
* M.A.F.L.	33	F	Superior Completo e cursando L.I.I. ⁵ na UFG	Diretora da escola	Alta	Alta
* D.A.S.	45	M	Não-alfabetizado	Cacique	Alta	Alta
* J.B.F.L.	76	M	Não-alfabetizado	Ex-cacique	Baixa	Baixa
B.V.A.	70	M	Não-alfabetizado	Pajé	Média	Baixa
* E.R.M.R.	23	F	Superior incompleto	Professora	Alta	Alta
W.V.B.	26	M	Superior incompleto	Professor	Alta	Alta
* M.J.J.	26	M	Superior incompleto	Professor	Alta	Alta
* A.G.S.	20	F	Superior incompleto	Professora	Alta	Alta
* S.A.S.C.	22	F	Superior incompleto	Professora	Alta	Alta
* L.A.V.	23	M	Superior incompleto	Professor	Alta	Alta
M	9	F	Ensino Fundamental	Estudante	Média	Baixa
* E.M.L.A.	8	M	Ensino Fundamental	Estudante	Média	Baixa
* J.A.S.C.	5	F	Ensino Fundamental	Estudante	Média	Baixa
* M.V.F.J.	4	M	Ensino Fundamental	Estudante	Média	Baixa
D	6	F	Ensino Fundamental	Estudante	Média	Baixa
* M.F.J.	7	M	Ensino Fundamental	Estudante	Média	Baixa
* A.A.	35	M	Superior incompleto	Professor	Alta	Alta
A.P.B.	32	F	Fundamental incomp.	Do lar	Baixa	Baixa
* S.V.C	31	M	Fundamental incomp.	Lavrador	Baixa	Baixa
J.C.M.	20	M	Fundamental incomp.	Lavrador	Média	Baixa
* M.A.S	15	F	Fundamental incomp.	Estudante	Média	Baixa
D.A.F.S	15	F	Fundamental incomp.	Estudante	Média	Baixa
C.B.F	16	M	Fundamental incomp.	Estudante	Média	Baixa
* M.F.R.	68	F	Não-alfabetizada	Do lar	Baixa	Baixa
M.J.C.	39	F	Fundamental incomp.	Do lar	Baixa	Baixa
G	14	F	Fundamental incomp.	Estudante	Média	Baixa
* J.B.L.R.	76	M	Não-alfabetizado	Aposentado	Baixa	Baixa

Quadro do perfil dos informantes selecionados para a pesquisa: iniciais do informante, idade, sexo, grau de escolaridade, ocupação, mobilidade interna na comunidade e mobilidade externa.

Os nomes que estão precedidos de asterisco (*) se referem às pessoas que, segundo a Professora Eunice Rocha Morais Rodrigues Tapuia, nasceram e sempre moraram no Carretão. A exceção é M.F.R., não-indígena, que, por morar há muito tempo na terra indígena, passou a ser considerada pelo grupo como Tapuia. Eunice comenta que essa distinção é importante, pois percebe uma ligeira diferença entre o falar dos moradores que nasceram no Carretão e aqueles que foram para lá posteriormente.

⁵ L.I.I. – Licenciatura Intercultural Indígena

2.3.1.1 Dados complementares

Quadro 3: Dados complementares dos falantes: legenda.

M.A.F.L. – Maria Aparecida Ferraz de Lima.
D.A.S. – Dorvalino Augusto da Silva.
J.B.F.L. – José Borges Ferraz de Lima.
B.V.A. – Bento Vieira de Aguiar.
E.R.M.R. – Eunice Rocha Morais Rodrigues.
W.V.B. – Welington Vieira Brandão.
M.J.J. – Márcio José de Jesus.
A.G.S. – Adriana Gonçalves da Silva.
S.A.S.C. – Silma Aparecida da Silva Costa.
L.A.V. – Luiz Antônio Vieira.
M – Maressa.
E.M.L.A. – Érick Mateus Lino de Aguiar.
J.A.S.C. – Juliana Aparecida da Silva Costa.
M.V.F.J. – Marcos Vinícius Ferraz de Jesus.
D – Daniela.
M.F.J. – Mateus Ferraz de Jesus.
A.A. – Aparecido Aguiar.
A.P.B. – Aparecida Pereira Barbosa. (participou apenas do questionário de aceitabilidade).
S.V.C. – Sebastião Vieira da Costa. (participou apenas do questionário de aceitabilidade).
J.C.M. – José Chaves de Moraes. (participou apenas do questionário de aceitabilidade).
M. A.S.- Marina Augusta da Silva. – estudante.
D.A.F.S. – Daiane Aparecida Ferreira dos Santos. (só participou do questionário de aceitabilidade).
C.B.F. – Cleiton Barbosa Fraga – participou da entrevista aberta e do questionário de aceitabilidade.
M.F.R. – Maria Francisca do Rosário.
M.J.C. – Marina de Jesus Chaves.
G – Gláucia. estudante.
J.B.L.R. – José Belino Lopes do Rosário – aposentado.

Considerando o número total dos habitantes do aldeamento, podemos afirmar que o número de falantes selecionados para esta pesquisa correspondeu a um bom percentual de amostragem, aproximadamente 15% do total de falantes da comunidade.

2.3.2 A coleta dos dados: entrevistas e transcrições

A metodologia utilizada na coleta de dados foi constituída de quatro modelos descritos a seguir: entrevista aberta, entrevista semiestruturada, entrevista estruturada e teste sociolinguístico.

2.3.2.1 *Entrevista aberta*

Realizada em momentos distintos (2002, 2007 e 2008), a entrevista aberta consistiu de conversas livres, em ambientes formais e informais. Os Tapuio conversavam em interação com o pesquisador e entre si, sobre assuntos diversificados, especialmente relativos aos aspectos históricos da comunidade, tais como a construção do aldeamento, a luta dos Tapuio com os fazendeiros da região pela garantia do direito à terra etc. Quando em sala de aula, na Escola Indígena Cacique José Borges, a entrevista aberta foi exclusivamente construída na interação professor-aluno; quando em sala de aula da Faculdade de Letras da UFG, durante os intervalos das aulas do curso de Licenciatura Intercultural, essa interação também se estendeu a aluno-aluno, no caso, Tapuio entre si.

2.3.2.2 *Entrevista semiestruturada*

Esse modelo de coleta de dados foi construído a partir de um roteiro proposto por Tarallo (2001). Nele, formulamos perguntas que envolvessem os falantes de forma que estes se preocupassem mais com o fato narrado. O roteiro consistiu na construção de módulos com o intuito de homogeneizar os dados dos informantes para posterior comparação, controlar os tópicos de conversação, e, em especial, provocar narrativas de experiência pessoal. Segundo Tarallo (2001, p. 22), essa estratégia é interessante, pois “Os estudos de narrativas de experiência pessoal têm demonstrado que, ao relatá-las, o informante está tão envolvido emocionalmente com o **que** relata que presta o mínimo de atenção ao **como**” (grifos do autor)

Segundo o autor, é essa a situação natural de comunicação almejada pela pesquisa sociolinguística. No anexo 4, segue o roteiro de perguntas que deu base à nossa coleta nesse primeiro momento.

2.3.2.3 *Entrevista estruturada*

Nesse modelo de entrevista, elaboramos perguntas nas quais as respostas do falante apresentassem, necessariamente, a ocorrência desejada, por isso o nome de “entrevista estruturada”. Selecionamos imagens de diversos objetos e de pessoas realizando ações. Essas imagens eram apresentadas aos falantes e eles diziam o que viam. Por exemplo, ao apresentarmos uma imagem de um coelho, esperávamos ouvir do falante a palavra ‘coelho’, para nos certificarmos de como ele pronunciaria a lateral palatal vozeada /λ/.

Essa entrevista foi construída com base nas orientações de Cagliari (2002, p. 55), que afirma que “esse conjunto de dados, ou *corpus*, pode ser constituído de palavras, frases e textos”.

A título de esclarecimento, as palavras apresentadas nessa primeira parte da entrevista foram²¹ as que seguem, selecionadas com base em nossas primeiras constatações dos dados de 2002, conforme comentado anteriormente:

1. Vocalização da lateral palatal vozeada /λ/

Exemplos:

[fó:λə] ‘folha’ ~ [fó:jə] ‘foia’;

[kò'e:λù] ‘coelho’ ~ [kù'e:jù] ‘cueio’ (vocalização) ou [kù'e:j] ‘cui’ (vocalização e queda de V final).

2. Harmonização vocálica

Exemplos:

[kò'ru:ʒə] ‘coruja’ ~ [kù'ru:ʒə] ‘curuja’;

[fú:mò] ‘fumo’ ~ [fú:mù] ‘fumu’;

[fòr'mí:gə] ‘formiga’ ~ [fùr'mí:gə] ‘furmiga’.

3. Reestruturação silábica

Exemplos:

[a:rvòri] ‘árvore’ ~ [a:rvri] ‘árvri’ ou [a:rvì] ‘árvi’;

[fó:sfòrù] ‘fósforo’ ~ [fó:sfrù] ‘fosfru’;

[vò'a:r] ‘voar’ ~ [vò'a:] ‘voá’;

[lèvè'ta:r] ‘levantar’ ~ [lè'vè'ta:] ‘levantá’;

[trè'tó:r] ‘trator’ ~ [trè'tó:] ‘tratô’;

[kó:χègò] ‘córrego’ ~ [kó:rgò] ‘corgo’.

4. Monotongação em ditongo oral

Exemplos:

[ó:wru] ‘ouro’ ~ [ó:ru] ‘oro’;

[pé:jɪ] ‘peixe’ ~ [pé:ɪ] ‘pexe’;

[ke:jɜ] ‘queijo’ ~ [ke:ɜ] ‘quejo’;

[pòr'te:jrə] ‘porteira’ ~ [pòr'te:rə] ‘portera’;

[χó:wpə] ‘roupa’ ~ [χó:pə] ‘ropa’.

5. Assimilação -ndo ~ -no em finais de verbos no gerúndio

Exemplos:

[pès'kě:dù] ‘pescando’ ~ [pès'kě:nù] ‘pescano’;

[sò'çĩ:dù] ‘sorrindo’ ~ [sò'çĩ:nù] ‘sorrino’;

[pèr'dě:dù] ‘perdendo’ ~ [pèr'dě:nù] ‘perdeno’.

²¹ Até a aplicação desta lista, não tínhamos objeto de estudo definido.

a. Monotongação em ditongo nasal

Exemplo: ['õ:mêj] 'homem' ~ ['õ:mĩ] 'homi'.

Nesse grupo de palavras, conforme já dito, selecionamos posteriormente para estudo apenas os fenômenos fonológicos que apresentam a monotongação. Sendo assim, o /R/ retroflexo, característica constatada no português Tapuio, principalmente entre falantes com baixa mobilidade social, não foi levado em consideração, uma vez que não interfere no fenômeno em análise, assim como outros fenômenos descritos anteriormente, que também são relevantes nos estudos do português Tapuio, mas que não foram objeto de estudos deste trabalho.

Os dados obtidos nessa sessão de coleta não foram suficientes para análise, uma vez que não obtivemos o mínimo de ocorrências desejadas para uma análise que julgamos confiável. Os dados desejados na coleta foram escolhidos baseados em Bagno (2000), em seu estudo sobre características do falar do Português Não-Padrão (PNP), uma vez que nossas análises fonológicas pretendem ser alvo de reflexão sociolinguística.

A análise do fenômeno da monotongação obtido nos dados das coletas citadas anteriormente, seguida de nossas observações, permitiram-nos identificar grupos diferenciados dentro da comunidade, segundo seu grau de mobilidade. Para sistematizar nossas análises, agrupamos esses falantes em redes de interação, utilizando, dessa forma, a metodologia de análise proposta por Milroy (1980). Foi com essa proposta que observamos as ocorrências do fenômeno da monotongação.

2.3.2.4 *Teste sociolinguístico: o questionário de aceitabilidade*

Por fim, foi aplicado o último teste (ver anexos 5 e 6). Os informantes preencheram dois questionários de aceitabilidade, que possuíam a seguinte estrutura: apresentação de duas formas possíveis para uma mesma palavra, sendo uma monotongada e outra ditongada. Nosso objetivo era o de investigar a atitude linguística que os falantes têm em relação ao português Tapuio. Cumpre salientar que esse questionário foi um teste induzido, uma vez que fora aplicado após nossas análises somente com o objetivo de confirmação dos resultados. Por coerência com a metodologia adotada nesta pesquisa, constatamos a ineficácia desses questionários e, por isso, ignoramos seu resultado.

2.4 O PROCESSO DA MONOTONGAÇÃO

Conforme já dissemos anteriormente, o processo da monotongação consiste na transformação de um ditongo em um monotongo, ou seja, caracteriza-se pela queda de um glide [j] ou [w] oral ou de um segmento nasalizador /N/ da posição de coda de uma sílaba (cf. BISOL, 2001 e BATTISTI, 2002). Embora seja um fenômeno de grande ocorrência no português falado, há poucos estudos explorando o assunto, dentre os quais destacamos os trabalhos de Bisol (1989), Paiva (1996 a, b), Silva (2001) e Battisti (2002) como sendo os mais atuais.

A monotongação é, pois, um fenômeno fonológico que se restringe ao interior da sílaba. Influencia na estrutura silábica, porque altera o núcleo da mesma. Sendo um fenômeno que se aplica ao segmento vocálico, a discussão desse assunto requer a revisão do sistema vocálico do português.

2.4.1 O sistema vocálico do português brasileiro

Para melhor sistematizar nosso trabalho e facilitar a compreensão de nossas análises, dividimos o levantamento das realizações vocálicas do português em dois grupos: vogais orais e nasais. Dentro do grupo das vogais orais, subdividimo-las em três grupos: vogais tônicas, pós-tônicas e pré-tônicas, de acordo com sua distribuição em sílabas, no português brasileiro (cf. SILVA, 2001).

2.4.1.1 Vogais tônicas

Vogais tônicas são aquelas que carregam o acento primário. Em português elas podem se apresentar no final de uma palavra (oxítone), por exemplo, ‘carretão’; na penúltima sílaba (paroxítone), como em ‘tapuia’; ou na antepenúltima sílaba (proparoxítone), por exemplo, em ‘ônibus’.

Quadro 4: Quadro das vogais tônicas orais do português.

	Anterior		Central		Posterior	
	Arredondada	Não-arredondada	Arredondada	Não-arredondada	Arredondada	Não-arredondada
Alta		i				u
Média-alta		e				o
Média-baixa		ɛ				ɔ
Baixa				a		

Fonte: Silva (2001, p. 79).

Para exemplificar as vogais listadas acima, temos: [i] ‘perigo’; [e] ‘cabelo’; [ɛ] ‘pé’; [a] ‘casa’; [u] ‘luta’; [o] ‘todos’; [ɔ] ‘pó’. Conforme visto, a distinção entre os sons vocálicos na posição tônica, por exemplo [+ aberto] x [+ fechado] é facilmente perceptível. Segundo Câmara Jr. (1978, p. 22), isso é possível porque “a posição tônica é que nos dá em sua nitidez e plenitude os traços distintivos vocálicos”. O mesmo não acontece com as posições átonas (pré-tônicas ou pós-tônicas) que, segundo Câmara Jr. (1978), favorecem a neutralização.

2.4.1.2 Vogais pré-tônicas

Vogais pré-tônicas são aquelas que precedem as tônicas, logo não podem se apresentar em sílaba final.

Quadro 5: Quadro das vogais pré-tônicas orais do português.

	Anterior		Central		Posterior	
	Arredondada	Não-arredondada	Arredondada	Não-arredondada	Arredondada	Não-arredondada
Alta		i				u
Média-alta		e				o
Média-baixa		(ɛ)		(ə)		(ɔ)
Baixa				a		

Fonte: Silva (2001, p. 81).

As vogais [i, e, o, u], em geral, no português, não sofrem variação de realização, embora existam casos em que [e, o] pré-tônicos sofram variação, tornando-se mais aberto, [ɛ, ɔ], como em [dɛ'dá:w]?, [mɔ'dé:lò]?, ou ainda podem ser pronunciados como [i, u], como em [dʒi'dá:w] e [mù'dé:lò]. São, pois, marcas dialetais (cf. SILVA, 2001) e por isso estão marcadas entre parênteses na tabela. Para exemplificar as realizações das demais vogais

listadas acima, temos: [i] ‘indicar’; [e] ‘ajeeitando’; [a] ‘abóbora’; [u] ‘lutar’; [o] ‘pouquíssimo’.

2.4.1.3 Vogais pós-tônicas

Vogais pós-tônicas são aquelas que sucedem as tônicas. No português brasileiro, podem se apresentar na última (vogais pós-tônicas finais) ou na penúltima sílaba (vogais pós-tônicas mediais) de uma palavra. O quadro a seguir apresenta as vogais pós-tônicas passíveis de ocorrência no português brasileiro:

Quadro 6: Quadro das vogais pós-tônicas finais do português.

	Anterior		Central		Posterior	
	Arredondada	Não-arredondada	Arredondada	Não-arredondada	Arredondada	Não-arredondada
Alta		(i) ɪ				ʊ
Média-alta		(e)				(o)
Média-baixa						
Baixa				(a)		

Fonte: Silva (2001, p. 86).

As vogais pós-tônicas orais são passíveis de variações. Silva (2001) comenta que a pronúncia de [i, e, a, o] nessa posição é uma marca dialetal. Poderíamos generalizar que no português brasileiro os falantes tendem a pronunciar as vogais pós-tônicas com as seguintes realizações [ɪ, ə, ʊ], como nas formas verbais [ˈpɛ:ɔɪ] ‘pede’, [ˈfa:lə] ‘fala’ e [ˈkó:mʊ] ‘como’. Entretanto, Silva (2001) lembra que há dialetos no Brasil que pronunciam [e] e [o] em posição pós-tônica, como em [ˈʒu:rɛ] ‘jura’ e [ˈma:tò] ‘mato’, ou seja, como [e] e [o].

No caso das pós-tônicas mediais (aquelas que se encontram entre a vogal tônica e a vogal átona final em palavras proparoxítonas), a grande maioria dos dialetos do português brasileiro apresenta como realizações, nessa posição, as vogais [i, e, a, o, u]. Essas vogais apresentam variações, por exemplo [ɔ, o], que podem ser reduzidas a [ʊ], como em ‘pérola’, que pode ser pronunciada como ‘pér[ɔ]la’ ou ‘pér[ʊ]la’, e [e, ε], que são as que mais sofrem variações, podendo ser reduzidas a [ɪ], como em ‘hipótese’ (cf. SILVA, 2001). Sendo assim, para um estudo fonológico eficaz, é necessário fazer um levantamento das ocorrências possíveis no dialeto em análise.

2.4.1.4 Vogais nasais

As vogais nasais são os sons vocálicos produzidos com o abaixamento do véu palatino, permitindo que o ar penetre na cavidade nasal (cf. SILVA, 2001), por influência de um segmento nasalizador. Segundo Silva (2001), a diferença entre a qualidade vocálica oral e a nasal é pequena e, por isso mesmo, pode ser apresentada foneticamente pelos mesmos símbolos, com acréscimo apenas do til⁶. Adotaremos esse mesmo modelo de descrição neste trabalho.

Quadro 7: Quadro das vogais nasais do português.

	Anterior		Central		Posterior	
	Arredondada	Não-arredondada	Arredondada	Não-arredondada	Arredondada	Não-arredondada
Alta		ĩ			ũ	
Média-alta		ẽ			õ	
Baixa				ã		

Fonte: Silva (2001, p. 86).

Segundo Silva (2001), as vogais nasais são características do português e, portanto, ocorrem em qualquer dialeto. Utilizaremos a nomenclatura adotada por essa autora, ao referir-se a esse caso como nasalização. Dentre as características da nasalização, citamos o fato de serem marcadores de dialeto e, ao mesmo tempo, serem variações estruturalmente livres, como em ‘janela’ [jɛˈnɛ:lə̃] e ‘jãnela’ [jɛˈnɛ:lə̃], lembrando que há casos em que a pronúncia da vogal nasal marca diferença lexical, como em [ˈla:] ‘lá’ e [ˈlɛ:] ‘lã’, [ˈmɛ:tə̃] ‘meta’ e [ˈmɛ̃:tə̃] ‘menta’, [ˈmí:tù] ‘mito’ e [ˈmĩ:tù] ‘minto’, por exemplo.

2.4.2 Ditongos

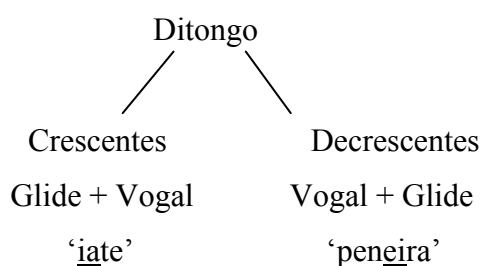
O ditongo consiste em uma sequência de segmentos vocálicos, sendo que um dos segmentos é interpretado como vogal e o outro como um glide (cf. SILVA, 2001). Essa sequência pode ser de vogal oral + glide (ditongos orais, por exemplo ‘caixa’) ou vogal oral + segmento nasal (ditongos nasais, por exemplo ‘também’).

⁶ Mais a frente, na seção 2.4.3.2 discutiremos as teorias acerca das vogais nasais e vogais nasalizadas, onde faremos defesa dessa última.

No caso da palavra ‘caixa’, temos na primeira sílaba um encontro vocálico que se caracteriza pela presença de uma vogal aberta (posição de núcleo) seguida de um glide (posição de coda). Trata-se de um tipo específico de ditongo denominado *ditongo decrescente* (vogal – glide); o inverso (glide – vogal) caracteriza *ditongo crescente*.

Na palavra ‘canários’, por exemplo, observamos que a vogal /o/ ocupa a posição de núcleo, ao passo que o glide ocupa a posição periférica, nesse caso uma ramificação do ataque. A coda foi preenchida pelo segmento marcador de plural {-s}.

Em resumo, o ditongo apresenta as seguintes configurações:



Câmara Jr. (1969) observa um importante detalhe: há, no português brasileiro, ditongos que se apresentam em *variação livre*, podendo assumir outras características, que os levam a migrar para a classe de encontros vocálicos. Assim, para Câmara Jr. (idem, p. 54), “os verdadeiros ditongos do português brasileiro são os decrescentes; os crescentes variam livremente com o hiato”, conforme ilustram as ocorrências abaixo:

‘pe-nei-ra’ = (ditongo verdadeiro)
 ‘ia-te’ (ditongo) ou ‘i-ate’ (hiato) = (ditongo falso)

Isso só é passível de ocorrência porque o português brasileiro permite que vogais assumam posição de ataque numa sílaba. Assim, num encontro vocálico como o da palavra ‘iate’, a vogal pode variar em núcleo da primeira sílaba (no caso de hiato) ou ataque da sílaba seguinte (no caso de ditongo).

Os ditongos crescentes e decrescentes apresentam, ainda, outro aspecto que os diferencia entre si. Os *ditongos verdadeiros* (decrescentes), na fala, podem apresentar variação, sendo reduzidos a monotongos (queda do glide), conforme ilustram os exemplos a seguir:

‘pe-nei-ra’ (ditongo) → ‘pe-ne-ra’ (monotongo)
 ‘cai-xa’ (ditongo) → ‘ca-xa’ (monotongo)

‘ho-mem’ (ditongo) → ‘ho-mi’ (monotongo)

Mas não:

‘ia-te’ (ditongo) → *i-te (monotongo)

Para a ocorrência desse fenômeno há duas explicações: uma de *ordem estrutural* e outra *sonora*.

No que se refere à ordem estrutural, compreendemos que a posição que o ditongo ocupa na palavra é diretamente influenciada pelo segmento seguinte, sendo ele, portanto, um elemento posicional. Assim, a consoante oclusiva alveolar surda [t], na palavra ‘ia-te’, pode ser indicada como o elemento que impede a monotongação desse ditongo.

A explicação de ordem sonora, segundo Silva (2001, p. 94), é baseada na *proeminência acentual*:

O segmento interpretado como glide no ditongo não tem proeminência acentual. Em um ditongo, a vogal e o glide são pronunciados na mesma sílaba – como em [‘páʊ] ‘pau’ - sendo que o segmento interpretado como vogal representa o núcleo ou o pico da sílaba.

Aplicando-se a escala de sonoridade, Collischonn (2001, p. 101) afirma que podemos

correlacionar a sonoridade relativa de um segmento com a posição que ele ocupa no interior da sílaba. Em primeiro lugar, o elemento mais sonoro sempre ocupará o núcleo da sílaba, ao passo que os elementos menos sonoros ocuparão as margens (ataque e coda).

É por isso que, na fala, a tendência é que haja a queda do segmento vocálico que ocupa a posição final da sílaba. Nos ditongos decrescentes, o glide ocupa essa posição, e, como não tem proeminência acentual, tende a ser apagado. Já nos ditongos crescentes, estando a vogal ocupando essa posição e, sendo ela carregada de proeminência acentual, tende a não ser apagada.

Assim, somente os ditongos decrescentes podem apresentar variação. Todavia, Bisol (1989) observa ainda o fato de que nem todos os ditongos decrescentes são passíveis de variação, uma vez que alguns deles podem ser reduzidos a monotongos, mas outros não, conforme ilustram os exemplos a seguir:

1- p[ej]xe → p[e]xe 2 – p[aw]ta → *p[a]ta
 c[aj]xa → c[a]xa r[ej]tor → *r[e]tor
 hom[ěj] → hom[ɪ] c[oj]tado → *c[o]tado

Os ditongos que podem ser reduzidos a monotongos são analisados *como ditongos leves*, que por sua vez só podem ocorrer antes de consoante palatal (cf. Collischonn, 2001), uma vez que a palatal é uma consoante de articulação secundária, ou seja, ela possui tanto traços consonantais propriamente ditos quanto traços vocálicos.

Vejamos, então, as ocorrências dos ditongos crescentes e decrescentes no português brasileiro.

2.4.2.1 Ditongos crescentes

Conforme afirmamos, os ditongos crescentes são aqueles cuja sequência é glide-vogal. Podem se dividir em dois tipos, conforme o glide que acompanha o núcleo: [j] ou [w]²².

2.4.2.1.1 Ditongos crescentes com início em [j]

Segundo Silva (2001, p. 96), os ditongos crescentes com início em [j] podem apresentar as seguintes ocorrências:

[jə] ~ [ja] – ['sɛ:ɾjə] séria, [a:ɾjə] área;
 [ji] ~ [je] ~ [ɪ] – ['sɛ:ɾji] ['sɛ:ɾje] 'série', ['ka:ɾi] 'cárie';
 [ju] ~ [jo] – [ɪ'pɛ:ɾju] 'império', [ɪztɛ'ɪtɛ:njo] 'instantâneo';
 [jo] – [ɛstɛsjonɛ'mɛ:tɔ] 'estacionamento'.

2.4.2.1.2 Ditongos crescentes com início em [w]

²² No original, Silva (2001) utiliza os símbolos [ɪ] e [ʊ] para descrever os ditongos em português. Não adotamos esses símbolos nesses contextos por acreditarmos que os mesmos se referem a vogais e não a glides. A concepção adotada neste trabalho é de que semivogais /i/ e /u/ apresentam traços vocálicos, mas por não poderem ocupar o núcleo de uma sílaba, devem ser representados foneticamente por [j] e [w], respectivamente.

Segundo Silva (2001, p. 97), os ditongos crescentes com início em [w] podem apresentar três ocorrências das quais elencamos alguns exemplos a título de ilustração:

[wə] ~ [wa] - ['á:rdwə] 'árdua', ['má:gwə] 'mágoa';
 [wɪ] ~ [we] - ['té:nwɪ] 'tênue', ['kó:grwè] 'côngrue';
 [wo] ~ [wu] ~ [ʊ] - [sù'pɛ:rflwò] 'supérfluo', ['vá:kwù] ['vá:kù] 'vácuo'.

2.4.2.2 Ditongos decrescentes

Conforme afirmamos, os ditongos decrescentes são aqueles cuja sequência é vogal-glide. Podem se dividir em dois tipos: orais e nasais. Os ditongos orais podem ser subdivididos em dois grupos, conforme o glide que acompanha o núcleo: ditongos decrescentes orais com término em [j] e ditongos decrescentes orais com término em [w].

2.4.2.2.1 Ditongos decrescentes orais com término em [j]

Segundo Silva (2001, p. 96), os ditongos decrescentes orais com término em [j] podem apresentar seis ocorrências no português brasileiro:

[aj] - ['páj] 'pai';
 [ej] - ['xéj] 'rei';
 [ɛj] - [ɛ'ne'jz] 'anéis';
 [oj] - ['boj] 'boi';
 [ɔj] - [ɛmò'xɔ'jdè] 'hemorróida';
 [uj] - ['fúj] 'fui'.

2.4.2.2.2 Ditongos decrescentes orais com término em [w]

Segundo Silva (2001, p. 99), no português brasileiro há cinco ocorrências possíveis de ditongos orais com término em [w]:

[aw] - ['pá:w] 'pau';
 [ɛw] - ['é:w] 'eu';
 [ɛw] - [ɛ'ne:w] 'anel';

[ow] - ['kó:w:ṽ] ‘couve’;
[iw] - ['sɛi:w̃] ‘saiu’.

2.4.2.2.3 Ditongos decrescentes nasais com término em [j] e [w]

Silva (2001, p. 99) afirma que “os ditongos nasais em português são sempre decrescentes e constituem portanto uma sequência de [vogal nasal-glide]”. Listamos, a seguir, alguns exemplos das ocorrências possíveis no português:

[ẽj] - ['mẽ:j] ‘mãe’;
[õj] - ['põ:j] ‘põe’;
[ũj] - ['mũ:jt̃] ‘muito’;
[ẽj] - [t̃ẽ:'bẽj] ‘também’;
[ẽw] - ['pẽ:w̃] ‘pão’.

2.4.3 Processos de monotongação

Os ditongos decrescentes são suscetíveis à monotongação. Segundo Cagliari (2002), há dois processos de monotongação nesses ditongos leves, ou seja, aqueles que podem ser reduzidos a monotongos: a) Eliminação (ou apagamento, queda, truncamento), própria de ditongos orais; b) Enfraquecimento, que Battisti (2002) considera como um caso de redução, e que nós consideramos, nesse caso, como processo de desnasalização. Enfim, um fenômeno próprio de ditongos nasais.

2.4.3.1 Eliminação (ou apagamento, queda, truncamento)

O fenômeno da eliminação “ocorre quando a supressão de um segmento da forma básica de um morfema” (CAGLIARI, 2002, p. 101), conforme ilustra o exemplo a seguir:

Fenômeno de monotongação:
['pɛ:j̃i] ‘peixe’ ~ ['pɛ:̃i] ‘peixe’.

No exemplo anterior, ocorreu o fenômeno da monotongação através da supressão do glide [j], que estava ocupando a posição de coda da primeira sílaba da palavra.

2.4.3.2 Enfraquecimento – Desnasalização

Segundo Silva (2001), no caso da monotongação pela queda do segmento [+nasal] há duas análises possíveis para o português: a primeira, do contraste fonêmico, defendida por Head (1964), Pontes (1972) e Back (1973), dentre outros, fundamenta a existência de pares mínimos que caracterizam a oposição fonêmica entre vogais orais e vogais nasais. A segunda, defendida por Câmara Jr. (1978), fundamenta a inexistência de vogais nasais fonêmicas no português: “A vogal fica entendida como um grupo de dois fonemas que se combinam na sílaba: vogal e elemento nasal” (CÂMARA JR., 1978, p. 25). A vogal nasal, segundo esse autor, é formada a partir das combinações entre as vogais orais e o arquifonema nasal /N/. Isso implica em assumirmos que sílabas nasalizadas são sempre fechadas e que a supressão desse segmento nasal implica a monotongação e o destravamento da sílaba. Essa teoria é defendida também por Cagliari (2002), que reconhece, nesses casos, a queda de um segmento vocálico e, logo, um fenômeno de monotongação.

Para Silva (2001), ambas as análises são possíveis de serem aplicadas ao português. Assumimos, pois, neste trabalho, a proposta de Câmara Jr. (1970), por considerarmos mais propícia para a metodologia assumida, uma vez que consegue efetivamente descrever o fenômeno da monotongação em ditongos nasais no português.

Segundo a proposta de Câmara Jr. (1970), há um conjunto de 7 (sete) segmentos vocálicos orais no português, que se combinam com o arquifonema nasal /N/ para formar as vogais nasais. Sendo assim, a queda do arquifonema em palavras como [mẽ'sá:gĩ] ‘mensagem’ e [ʒó:vĩ] ‘jovem’, por se tratar de sílabas pós-tônicas, corresponde a um processo de monotongação e, ao mesmo tempo, à desnasalização da sílaba. Ressaltamos que o mesmo não ocorre em sílabas tônicas. Nesse caso, há uma resistência no português em monotongar.

O processo de desnasalização é resultante do apagamento do segmento /N/ em posição de coda, em sílaba pós-tônica (CAGLIARI, 2002).

Fenômeno da queda do segmento nasalizador em sílaba pós-tônica:

[ˈõ:mĩ] ‘homem’;

[vĩˈá:ʒĩ] ‘viagem’.

Nos exemplos anteriores há perda da coda. São esses casos que nos interessam, pois correspondem ao processo de monotongação.

2.5 OS GRUPOS DE FATORES DA MONOTONGAÇÃO

Para descrever as ocorrências desse fenômeno no português falado no Carretão, assumimos a posição de Silva (2001), segundo a qual os glides [j] e [w] devem ser analisados como segmentos vocálicos e não-consonantais. Essa proposta, questionada por Câmara Jr. (1953), foi revista em 1970. O autor retifica que glides correspondem a um segmento opcional V e podem seguir a vogal (cf. ‘madeira’) ou precedê-la (cf. ‘silêncio’). “Os glides são sempre associados a uma vogal e nunca podem ser núcleo de sílaba (e conseqüentemente um glide não pode receber acento)” (cf. SILVA, 2001, p. 171).

No que se refere aos ditongos nasais, assumimos neste trabalho a posição de Câmara Jr, seguida por Lopez (1979) e por Silva (2001), de que “não existem, em português, vogais nasais, e sim vogais nasalizadas por uma consoante nasal em final de sílaba” (cf. BATTISTI e VIEIRA, 2001, p. 164). Interpretamos que essas consoantes nasais, além de nasalizarem o núcleo da sílaba, foneticamente se comportam como os glides, sendo assim, sua queda corresponde, além da desnasalização, a um tipo específico de monotongação.

Para estudar as variáveis linguísticas desses dois tipos de monotongação (em ditongos orais e nasais) elencamos a seguir os processos fonológicos envolvidos na monotongação em ditongos orais e nasais.

2.5.1 Processos fonológicos envolvidos na monotongação em ditongos orais: queda dos glides [j] e [w]

A monotongação em ditongos orais se caracteriza pela queda dos glides [j] e [w], conforme ilustram os exemplos a seguir:

[ˈpɛːjɪ] ‘peixe’ ~ [ˈpɛːɪ] ‘peixe’;
[ˈlɔːwkù] ‘louco’ ~ [ˈlɔːkù] ‘loco’.

Os processos linguísticos observados neste trabalho para descrever a queda dos glides [j] e [w] foram os seguintes: relevância morfológica (estrutura silábica – ataque, núcleo e coda); relevância acentual (posição silábica – pré-tônica, tônica e pós-tônica); relevância sintática (posição da palavra na oração); e som consonantal subsequente.

Não foi levada em consideração a consoante precedente, uma vez que, testada preliminarmente com nosso *corpus*, e, em seguida, estendido o teste a outros casos de ocorrência no português brasileiro, observamos que, nessa língua, esse fator não é um condicionador para a monotongação por queda de glides.

2.5.2 Processos fonológicos envolvidos na monotongação em ditongos nasais: queda do segmento [+nasal] em sílabas pós-tônicas

Esse tipo de monotongação, por sua vez, se caracteriza pela supressão do segmento nasalizador em final de sílaba, conforme ilustra o exemplo a seguir:

[ˈʒó:vêj] ‘jovem’ ~ [ˈʒó:vɨ] ‘jovi’.

Levamos em consideração esse tipo específico de monotongação somente em contexto de realização de finais de vocábulos, uma vez que nossas observações no português Tapuio, aliado a estudos desse fenômeno no português brasileiro, mostraram que o contexto do fenômeno é sempre em sílabas pós-tônicas (cf. BATTISTI, 2002, p.186). Dessa forma, o aspecto posição do segmento na estrutura silábica foi excluído, uma vez que se apresentou desnecessário, bem como o de relevância acentual. O aspecto selecionado, então, foi somente o de relevância sintática.

2.6 REDES

Após elencadas as variáveis sociolinguísticas, direcionamos nossas investigações para verificar se na comunidade indígena do Carretão haveria alguma peculiaridade no que diz respeito ao uso desse fenômeno como característica de identidade linguística. Para isso,

utilizamos na pesquisa o método de *análise qualitativa de redes de comunicação social*, baseado nos estudos de Milroy (1980) e Bortoni-Ricardo (1985, 2005).

Por este trabalho se propõe ser de cunho sociolinguístico qualitativo, várias questões foram formuladas no início e durante nosso estudo. As questões suscitadas foram as seguintes:

- Quais são as redes de interação a que o grupo está submetido?
- Quem faz parte do grupo que está submetido à maior difusão dialetal?
- Quem faz parte do grupo com baixa mobilidade social?
- Falantes submetidos à difusão dialetal tendem a aplicar a monotongação?
- Quais são as influências que os falantes de maior mobilidade social exercem sobre os falantes sedentários?
- A monotongação pode ser descrita como elemento caracterizador do português Tapuio?
- Que conclusões podemos tirar do uso do português brasileiro como língua materna numa sociedade indígena?

Através das análises das variáveis apresentadas anteriormente, propusemo-nos a responder a todas as questões.

No estudo da comunidade indígena do Carretão, percebemos que esta se caracteriza por ser uma comunidade de alta densidade com multiplicidade de relações. Trata-se de uma comunidade geograficamente distante dos grandes centros urbanos, numa área limitada e demarcada pela FUNAI. Há, na comunidade, escola, igrejas (católica e evangélica), campo de futebol, posto de saúde, máquina de beneficiar arroz etc., o que facilita muito a vida dos Tapuio, uma vez que boa parte dos problemas são resolvidos na própria sede da terra indígena. Isso implica também a redução da mobilidade dos falantes. Boa parte de seus moradores não tem o costume de desenvolver outras atividades fora da comunidade, o que implica maior densidade das relações.

Um grupo específico de falantes merece destaque. Trata-se do grupo de professores, que possui maior mobilidade devido à condição específica de seu trabalho e ao fato de todos eles serem alunos do Curso de Licenciatura Intercultural, de formação superior indígena, da UFG. Assim, durante o curso, esses professores se deslocam da terra indígena para a capital. Lá interagem com outros professores indígenas de outros povos (Karajá, Xerente, Gavião,

Krahô, Tapirapé, dentre outros), bem como com as pessoas da capital goiana, tais como alunos e professores da universidade.

Diante do quadro sociolinguístico apresentado, percebemos que o modelo de rede (MILROY, 1980; LABOV, 1966) é o que consegue descrever melhor a situação sociolinguística da comunidade Tapuia do Carretão. Trabalhando com esse modelo de análise de dados, nosso primeiro passo foi detectar de quais redes de interação participam os moradores da comunidade. Para isso, utilizamos a *técnica da sociometria* ou *técnica da nomeação* (cf. MORENO, 1963; GUIMARÃES, 1972 apud BORTONI, 1989), que consiste em fazer basicamente três perguntas a alguns falantes da comunidade com o objetivo de identificar quem são os falantes que constituem sua rede de interação e onde ela se desenvolve. As perguntas eram: 1- Cite o nome de três pessoas com as quais você conversa mais no dia-a-dia. 2- Onde você encontra essas pessoas? 3- Sobre qual assunto vocês mais conversam? A partir dessas perguntas, que não foram gravadas, conseguimos identificar várias redes de interação, que a título de sistematização dos estudos resumimos em três: insulada, intermediária e integrada²³.

O quadro a seguir, baseado em Bortoni (1989, p. 173), permite-nos visualizar, de acordo com a distribuição de papéis sociais entre os falantes, os membros que compõem as redes dessa comunidade.

Quadro 8: Redes de interação social.

Tipos de rede	Critérios analíticos			Características do repertório verbal
	Pressão normativa	Densidade de papéis sociais	Grupo de referência	
Rede Insulada	Alto grau de consenso no grupo: apresenta grande resistência à mudança	Baixa densidade de papéis sociais: integração com um número limitado de pessoas	Grupo de referência: a família e os vizinhos próximos geograficamente	Focalização dialetal: acesso limitado ao código de prestígio
Rede Intermediária	Grupo oscilante: ora mantém consenso de grupo, ora é influenciado externamente	Densidade média de papéis sociais: por participar de mais eventos sociais na comunidade, interage com um número maior de	Grupo familiar e escolar de referência	Intermediário. Tem acesso ao código de prestígio ao mesmo tempo em que convive com o vernáculo no

²³ Rezende Santos (2008) observou um aspecto importante quando se realiza um estudo sociolinguístico baseado em redes. Segundo a linguista, o que caracteriza os falantes como sendo típicos de uma determinada rede é, principalmente, sua mobilidade, que pode ser alta, média ou baixa. Além disso, as mobilidades podem ser internas ou externas à comunidade, o que dá um aspecto mais dinâmico às redes. Dessa forma, para uma boa análise dos fenômenos linguísticos, não devemos falar em rede, mas em redes.

		pessoas		contexto familiar
Rede Integrada	Maior exposição às influências externas	Densidade mais alta de papéis sociais: integração com diversas pessoas em contexto social e geográfico mais variado	Identificação com grupos de maior prestígio	Difusão dialetal: maior flexibilidade com relação ao controle do código e modos de falar de maior prestígio

Fonte: Baseado em Bortoni (1989, p. 173).

Assim, podemos esquematizar as relações da comunidade Carretão conforme o organograma a seguir:

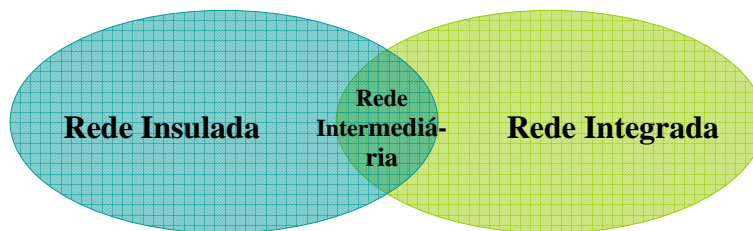


Ilustração 10: Organograma das redes Tapuia.
Fonte: próprio autor.

O organograma nos mostra a intersecção entre as duas redes, a insulada e a integrada. Dessa interação é que surge uma terceira, a intermediária. Vejamos as características de cada uma dessas redes.

2.6.1 Rede insulada

Em nossas observações, constatamos que há um grupo de falantes que interagem com um número limitado de pessoas. Esses falantes apresentam forte resistência à mudança linguística, além de não demonstrarem preocupação com o monitoramento de fala.

Os locais de interação dos falantes dessa rede são, em geral, contextos familiares, religiosos e interações com parentes e vizinhos. Enfim, seus espaços de interação são próximos à sua residência. Nesses ambientes, os temas mais discutidos são assuntos relativos às atividades corriqueiras acerca dos afazeres de casa e do trabalho.

Fazem parte dessa rede pessoas com faixa etária mais elevada, em geral não-escolarizadas ou com escolaridade baixa e que não frequentam atualmente a escola. Têm como atividade social a lavoura e as lidas domésticas. A esse grupo denominamos de falantes de rede insulada (cf. BORTONI-RICARDO, 2005).

Para obtenção dos dados relativos aos falantes dessa rede, utilizamos apenas entrevistas livres. Foram entrevistados 6 (seis) falantes, com faixa etária de 39 a 76 anos. As gravações de fala originais são de três amostras de 2002, 2007 e 2008, perfazendo um total de 1h30min aproximadamente. Alguns participantes já faleceram, conforme mencionamos na seção 2.3.

2.6.2 Rede intermediária

Notamos que a rede intermediária é constituída por falantes que interagem com um número mais ou menos limitado de pessoas, mas consideravelmente maior do que os falantes da rede insulada; apresentam menor resistência à mudança linguística, uma vez que interagem com falantes de pelo menos duas redes, sendo uma delas a integrada.

As pessoas que compõem essa rede demonstram um conhecimento razoável acerca do padrão do português brasileiro, o que os leva a ter conhecimento da necessidade do monitoramento da fala, uma vez que esses falantes possuem um grau, mesmo que pequeno, de consciência do conflito culto/coloquial, prestígio/estigma na fala.

Os espaços de interação dos falantes dessa rede são contextos familiares, escolares, religiosos e esportivos. Possuem uma mobilidade espacial um pouco maior se comparados aos falantes da rede insulada, uma vez que partilham de mais eventos sociais. Nesses espaços, os temas mais discutidos são atividades escolares, programas exibidos na televisão, relacionamentos amorosos, planos para o futuro etc.

Constatamos, ainda, que fazem parte dessa rede pessoas com faixa etária menos elevada. Em geral são crianças e jovens, escolarizados ou que ainda participam de atividades escolares. Praticam esportes e assistem a diversos programas de televisão. Boa parte sabe manusear objetos eletro-eletrônicos e participam de atividades na igreja. Além de participar das atividades dentro da comunidade, esses falantes possuem convívio com falantes de

comunidades urbanas, principalmente das cidades de Rubiataba e Nova América. Em geral, saem a passeio ou para participar de festas ou atividades comerciais, como compras e vendas de produtos.

Para obtenção dos dados referentes aos falantes dessa rede, utilizamos entrevistas livres e estruturadas, além de questionário sociolinguístico. Foram entrevistados 9 (nove) falantes, com faixa etária de 4 (quatro) a 27 anos. As gravações de fala originais são de 2002, 2007 e 2008, perfazendo um total de 1h aproximadamente. Alguns falantes participaram apenas do questionário sociolinguístico.

2.6.3 Rede integrada

Essa rede é formada por falantes que interagem com um número amplo de pessoas. Não apresentam grande resistência à mudança linguística, uma vez que estão expostos a influências externas, em geral com um grupo de falantes de maior prestígio. (cf. BORTONIRICARDO, 2005).

Os contextos de interação dos falantes desse grupo são variados, pois eles participam de eventos de fala dentro e fora da comunidade indígena, como, por exemplo, festas, reuniões, atividades comerciais etc. Os assuntos mais discutidos nesses eventos são atividades corriqueiras acerca dos afazeres de casa e do trabalho; atividades religiosas, políticas, comerciais e acadêmicas; reuniões para planejamento e elaboração de projetos. Em geral são pessoas muito comunicativas.

Em nossas observações, constatamos que os falantes que pertencem a essa rede são, em sua maioria, pessoas com faixa etária média, entre 20 e 40 anos, com nível médio ou superior incompleto de escolaridade. Desenvolvem atividades de liderança na comunidade e, por isso mesmo, interagem com falantes de outras localidades. Possuem alto grau de consciência do conflito culto/coloquial, prestígio/estigma na fala, uma vez que a maioria é professor.

Embora seja uma terra indígena, esses falantes apresentam grande fluxo de mobilidade. Segundo o professor Luiz Antônio Vieira Tapuio, em comunicação pessoal, frequentemente os Tapuio (principalmente os jovens do sexo masculino) se deslocam para participar de festas em cidades da região próxima ao Carretão, como, por exemplo, Rubiataba, Nova América, Nova Glória, Morro Agudo etc.

Para obtenção dos dados referentes aos falantes dessa rede, foram utilizadas entrevistas livres e estruturadas, além de questionário sociolinguístico. Foram entrevistados 9 falantes, com faixa etária de 20 a 45 anos. As gravações de fala originais são de 2002, 2007 e 2008, perfazendo um total de 1h30min aproximadamente. São dados coletados na comunidade indígena do Carretão, em locais diversificados: escola, casa, lavoura, sala de aula, além de dados coletados na Universidade Federal de Goiás. Alguns falantes participaram apenas do questionário sociolinguístico.

2.6.4 Noção de rede na Linguística

Para os sociolinguistas, a noção de rede está ligada às relações/interações sociais de um indivíduo dentro de uma comunidade. Os estudos sociolinguísticos baseados na noção de rede partem do pressuposto de que fatores elencados pela sociolinguística laboviana (sexo, idade, aspectos econômicos etc.) já não são vistos como diretamente refletidos na fala. Conforme afirma Gumperz (1972, apud BORTONI, 1989, p. 168): “Eles afetam a língua somente na medida em que canalizam a comunicação entre os falantes, fazendo com que certos indivíduos tenham mais contato verbal com uns do que com outros, influenciando assim o ritmo da difusão das inovações”.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005), o estudo de redes com objetivos analíticos desenvolveu-se na antropologia a partir da década de 1950, com a finalidade de aperfeiçoar a análise das interações. Mitchell (1969, p. 4) explica que

“o interesse de tais estudos não são os atributos das pessoas envolvidas na rede, mas sim as características dos vínculos existentes nas suas relações uma com as outras, como um meio de explicar o seu comportamento” (cf. BORTONI-RICARDO, 2005, p. 84).

A compreensão dos fenômenos linguísticos carece de uma compreensão das redes que constituem as relações sociais da comunidade.

Toda comunidade sofre pressões normativas, que podem ser avaliadas usando-se três parâmetros: a densidade, a multiplicidade e a complexidade de papéis sociais (cf. BORTONI, 1989). O conceito de densidade está associado ao número de ligações na relação que o falante

pode estabelecer enquanto ser social. A lógica é que, quanto mais estreitas forem as relações sociais de uma comunidade, mais alta é a densidade e vice-versa.

A alta densidade atrai a multiplicidade, ao passo que a baixa densidade atrai a uniplexidade. Essa noção de complexidade de papéis sociais em uma comunidade é relacionada às múltiplas funções que um falante pode assumir enquanto membro dessa sociedade. Quanto mais os domínios das atividades sociais são amplos, mais possibilidades tem o falante de assumir diferentes papéis sociais (cf. BORTONI, 1989).

Portanto, o critério de mobilidade social é interessante, pois descreve o falante não em si mesmo, mas sim em interação com os demais membros de seu grupo. Para descrevermos essas interações, analisamos as ocorrências do fenômeno da monotongação.

2.7 AS REDES SOCIAIS E A MONOTONGAÇÃO

O emprego da noção de rede em linguística é recente e foi desenvolvido a partir de trabalhos de outras ciências humanas, principalmente a Psicologia e a Antropologia Social. Teve início com o estudo de Barnes (1954) em uma pequena comunidade norueguesa. Nesse estudo, o autor abordou o conceito de densidade da rede, equivalente à noção de completeza na teoria dos grafos, isto é, o número de vínculos existentes num sistema como uma proporção do número máximo de vínculos que possivelmente venham a existir nesse sistema (cf. MITCHELL, 1969; MILROY, 1980).

Posteriormente, no estudo de redes, buscou-se abordar a distinção básica entre redes de alta e baixa densidade. Esse estudo foi contemplado no clássico estudo de Elizabeth Bott (1957) sobre a alocação de papéis conjugais em vinte famílias londrinas (cf. BORTONI-RICARDO, 2005, p. 84).

Mais recentemente, Milroy (1980) realizou um estudo em três comunidades de Belfast. Esse estudo foi baseado no trabalho de Elizabeth Bott (1957)²⁴.

No Brasil, seguindo esse modelo de análise, destaca-se o trabalho de Bortoni-Ricardo (1985, 2005), uma interessante investigação sociolinguística dos movimentos migratórios rural-urbano. Mais recentemente tem-se Rezende Santos (2008), que aborda a mudança

²⁴ Para consulta, ver Milroy (1980).

adjetivo/nome > nome/adjetivo e o conservadorismo da fala rural goiana em sua tese de doutorado pela UFMG, também utilizando o modelo de redes em sua análise.

Em todos esses trabalhos a noção de rede permeou a metodologia da pesquisa, uma vez que se tratava de estudos de comunidade onde havia um intensivo e variado contato dialetal. Esses estudos vieram referendar a aplicabilidade da análise de rede que, conforme afirma Bortoni (1989), em sentido amplo pode ser compreendido como

“o estudo das relações que existem em um dado sistema. Quando se trata de sistemas sociais, a análise de redes é uma estratégia estrutural aplicada ao estudo das relações entre os indivíduos do grupo” (BORTONI, 1989, p. 168).

2.8 A MONOTONGAÇÃO E A IDENTIDADE LINGUÍSTICA

Por meio da metodologia de redes é possível verificar as relações existentes entre a língua e seus falantes, uma vez que esta permite visualizá-las em pleno exercício, em diferentes ambientes sociais, por diferentes falantes, em exercício de papéis sociais também diferenciados.

Para Milroy (1980), as redes de alta densidade, multiplex,

“funcionam como um mecanismo de reforço dos valores linguísticos e culturais locais, isolando seus membros da influência da cultura dominante” (MILROY (1980) apud BORTONI, 1989, p. 170).

Em outras palavras, falantes que apresentam baixa mobilidade social tendem a estabelecer padrões de identidade, uma vez que “redes densamente inter-relacionadas exercem uma função de reforço normativo que resulta no desenvolvimento de uma resistência contra a pressão de forças inovadoras” (cf. BORTONI-RICARDO, 2005, p. 85).

Aplicando a Teoria da Acomodação, proposta por Giles e outros psicólogos (GILES e POWESLAND, 1975; GILES e SMITH, 1979; GILES, 1980) (cf. BORTONI, 1989), podemos perceber que as atitudes e motivações estão subjacentes ao uso da língua e das estratégias linguísticas usadas pelos falantes com o fito de atingir e garantir a integração social e a manutenção da identidade social do grupo. Gal (1979 apud BORTONI, 1989) observa com muita propriedade que as características das redes de relações sociais

determinam a predisposição dos indivíduos em se identificarem ou não com determinado grupo social.

Le Page (1980 apud BORTONI, 1989, p. 171) afirma que um falante cria suas regras linguísticas de modo a se aproximar dos membros do grupo com o qual ele deseja identificar-se, no momento do enunciado de cada ato de fala: “[...] cada ato de fala é visto como um ato de identidade”.

Labov (1966 apud BORTONI, 1989, p. 171), por sua vez, abordando a noção de mobilidade social, explora o conflito entre a orientação para o prestígio e a orientação para a identidade. Segundo o autor (idem, ibidem), “os indivíduos de classe média que se encontram em processo de mobilidade ascendente demonstram a maior tendência a adotar os valores de um grupo externo de referência”.

Associando esses dois conceitos, podemos prever que uma comunidade geograficamente limitada desenvolve redes altamente densas, que levam ao prevaletimento de orientação para a identidade; por outro lado, em uma comunidade com redes de baixa densidade, tende a prevalecer a orientação para a padronização da língua dominante, uma vez que os falantes partilham de grande mobilidade social.

A identidade linguística é construída no comportamento dos falantes durante suas relações sociais. Quando uma comunidade de fala demonstra resistência à incorporação de mudanças, e quando esse comportamento é ampliado às demais redes, temos, então, um caso de manutenção da identidade linguística.

2.9 FINALIZANDO ESTA CONVERSA

Conforme visto, os processos de monotongação não representam alterações na estrutura das sílabas no que se refere ao acento. A relevância deste estudo está justamente no fato de ser variante complementar. A escolha de uma variante em detrimento de outra é de caráter social, uma vez que fatores externos a motivam. Dessa forma, é possível descrever as relações sociais de uma comunidade de fala analisando especificamente a realização desse fenômeno.

Em nossas análises, observamos que a organização social dos Tapuio, os espaços sociais entre si, são, em parte, semelhantes aos da sociedade dos não-indígenas e, em parte, diferentes. A divisão de tarefas e a hierarquia dos poderes na comunidade também não

diferem muito. A comunidade apresenta características que a distinguem das comunidades de falantes não-indígenas, como, por exemplo, a figura do pajé, do cacique, o ritual da dança²⁵, da pintura²⁶, o uso do arco e flecha²⁷ etc., mas, ao mesmo tempo, apresenta características herdadas de comunidades não-indígenas, como a associação de moradores, o fato de o cacique e de seu vice serem escolhidos via eleição etc.

A comunidade indígena é uma comunidade fechada, pois conta com uma estrutura social que atende de forma completa às necessidades de seus moradores. Entretanto, ao mesmo tempo em que se apresenta densa é também difusa, uma vez que há comportamentos sociais diferentes, segundo a função social desempenhada por cada um na comunidade; uma realidade, em parte, semelhante àquela apresentada em Belfast (cf. MILROY e GORDON, 2006). Em nossas observações, notamos ainda que a comunidade indígena dos Tapuio do Carretão apresenta também costumes sociais muito parecidos aos dos sertanejos moradores da região, costumes esses que dialogam em sintonia com seus costumes indígenas.

²⁵ Ver foto 12, Anexo 2.

²⁶ Ver fotos 7 e 8, Anexo 2.

²⁷ Ver foto 10, Anexo 2.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DOS DADOS

Uai, eu acho muito bom ser índio, né? Que... às vez a gente é mei discriminado lá fora e tudo mas eu sinto orgulho por isso, né? Que tem gente que pensa lá fora fala “ah, índio é isso, índio é bicho do mato, né? Índio é aquilo otro”. Mas não é. Porque as pessoa num conhece a gente direito, nunca vei assim pra ficá no mei de nós, pra participá... Mas eu sinto orgulho demais de ser índio.
Marina de Jesus Chaves Tapuio (39 anos, 2008)

Este capítulo tem por objetivo apresentar as descrições e interpretações dos dados da pesquisa. Estudaremos o comportamento dos fenômenos e teceremos nossas constatações. Na primeira parte do capítulo, descreveremos o sistema vocálico do português falado na comunidade indígena do Carretão. Observaremos a ocorrência do fenômeno da monotongação e seus ambientes linguísticos de realização, bem como os ambientes que condicionam ou não a realização da monotongação. A segunda parte é destinada à descrição da realização desse fenômeno em rede (insulada, intermediária e integrada). Em seguida, teceremos comentários acerca da atitude linguística dos falantes em relação ao seu vernáculo. Por fim, apresentaremos algumas considerações acerca do fenômeno da monotongação nessa variante do português brasileiro.

3.1 O SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS TAPUIO

O português Tapuio, como variante do português brasileiro, apresenta um quadro vocálico semelhante ao de vários outros dialetos da língua. Segundo a articulação, as vogais podem ser divididas em dois grupos: orais e nasais. Dentro do grupo das vogais orais, observando a tonicidade, encontramos os três grupos de distribuição nas sílabas: vogais tônicas, pós-tônicas e pré-tônicas.

3.1.1 Vogais tônicas

Quadro 9: Quadro das vogais tônicas orais do português Tapuio.

	Anterior		Central		Posterior	
	Arredondada	Não-arredondada	Arredondada	Não-arredondada	Arredondada	Não-arredondada
Alta		[i]				[u]
Média-alta		[e]				[o]
Média-baixa		[ɛ]				[ɔ]
Baixa				[a]		

Das vogais listadas acima, obtivemos as seguintes ocorrências:

[i] [brɛ'zɪ:lə] → 'Brasília';

[e] [vɛdʒi'ɛ:] 'vandiê', [aw'ke:ɾɪ] → 'alqueire';

[ɛ] ['nɛ:] 'né';

[a] ['la:] 'lá', [sə'la:rũ] → 'salário';

[u] [tɐ'pu:jə] → 'tapuia';

[o] [ɐpɛr'to:] → 'apertou', [mɐ'do:] → 'mandou', [dɔ'to:] → 'doutor';

[ɔ] [nɛ'ɔ:sũ] → 'negócio', [ɛmɔ'χɔ:jdə] → 'hemorróida'.

3.1.2 Vogais pré-tônicas

Quadro 10: Quadro das vogais pré-tônicas orais do português Tapuio.

	Anterior		Central		Posterior	
	Arredondada	Não-arredondada	Arredondada	Não-arredondada	Arredondada	Não-arredondada
Alta		[ɪ]				[ʊ]
Média-alta		[e]				[o]
Média-baixa		[ɛ]				[ɔ]
Baixa				[a]		

Das vogais listadas acima, obtivemos, como exemplo, as seguintes ocorrências:

[ɪ] [di'fi:sũ] → 'difícil';

[e] [pɛ'nɛ:rə] → 'peneira';

[ɛ] [fɛdɛ'ra:] → 'federal';

[a] [mɛci'na'rũ] → 'maquinário';

[u] [pu'li:sə] → 'polícia';

[o] [gòj'ẽ:nə] → 'Goiânia';

[ɔ] [ɔ'lí:pə] → 'Olimpia'.

Em nossos dados, não obtivemos ocorrências com a vogal central [ə] nessa posição.

3.1.3 Vogais pós-tônicas finais

Quadro 11: Quadro das vogais pós-tônicas finais do português Tapuío.

	Anterior		Central		Posterior	
	Arredondada	Não-arredondada	Arredondada	Não-arredondada	Arredondada	Não-arredondada
Alta		[i]				[u]
Média-alta						
Média-baixa						
Baixa				[ə]		

Das vogais listadas acima, obtivemos, como exemplo, as seguintes realizações:

[i] ['pe:ʃi] → 'peixe';

[a] ['de:ʃə] → 'deixa';

[u] [pistò'le:rú] → 'pistoleiro'.

Em nossos dados, não obtivemos ocorrências com a vogal anterior, não-arredondada, média-alta [e], nem com a vogal posterior arredondada média-alta [o] e nem com a vogal anterior não-arredondada alta [i] nessa posição.

3.1.4 Vogais nasais

Quadro 12: Quadro das vogais nasais do português Tapuío.

	Anterior		Central		Posterior	
	Arredondada	Não-arredondada	Arredondada	Não-arredondada	Arredondada	Não-arredondada
Alta		[ĩ]				[ũ]
Média-alta		[ẽ]				[õ]
Baixa				[ẽ]		

Das vogais listadas acima, obtivemos, como exemplo, as seguintes realizações:

- [ĩ] [dĩ'ne:rũ] → 'dinheiro';
 [ẽ] ['tẽ:mə] → 'teima';
 [ẽ] [mẽ:'dó] → 'mandou';
 [ũ] ['mũ:tũ] → 'muito';
 [õ] [vẽmẽ'zõ:nẽ] → 'Amazônia'.

3.2 O FENÔMENO DA MONOTONGAÇÃO NA FALA DOS TAPUIO DO CARRETÃO

O fenômeno da monotongação é restrito ao contexto da sílaba, embora seja influenciado por fatores externos. O primeiro passo da análise de dados foi o levantamento de todas as realizações possíveis de ditongos do português Tapuio, para, em seguida, analisarmos em que contexto ocorre a monotongação.

3.2.1 Ditongos crescentes

Conforme afirmamos no capítulo anterior, os ditongos crescentes são aqueles cuja sequência é glide-vogal. Podem se dividir em dois tipos, conforme o glide que acompanha o núcleo: com começo em [j] e com começo em [w]. No trabalho de Silva (2001) que serviu como orientação na elaboração deste, foram adotados os símbolos [ɪ] e [ʊ] para representação dos glides [j] e [w], respectivamente. Não adotamos estes últimos neste trabalho por entendermos que [ɪ] e [ʊ] são representações de vogais e não de glides, conforme informamos na seção 2.4.2.1.2.

No português Tapuio obtivemos as seguintes realizações de ditongos crescentes.

3.2.1.1 Ditongos crescentes com início em [j]

Das quatro realizações apresentadas em Silva (2001, p. 96) para o português brasileiro, obtivemos nos dados pelo menos uma ocorrência, em cada caso:

[jə] ~ [ja] – ‘tapuia’ [tə'pu:je], ‘teatro’ [tʃja:trɔ];
 [ji] ~ [je] – [sɛ:riɛ] ‘série’, [sɛ:riɪ] ‘série’;
 [ju] ~ [jo] – [sɛ:rjɔ] ‘sério’, [ɪprɛsɪõ'ná:dɔ] ‘impressionado’.

3.2.1.2 Ditongos crescentes com início em [w]

Com relação aos ditongos crescentes com início em [w], obtivemos, no português Tapuio, as seguintes ocorrências:

[wə] ~ [wa] – [a:gwə] ‘água’, [kwa:drɔ] ‘quadro’;
 [wo] ~ [wu] ~ [u] – [sɔ'pɛ:rflwɔ] ‘supérfluo’, [vá:kwɔ] [vá:kɔ] ‘vácuo’.

Conforme visto, as ocorrências de ditongos crescentes encontradas no português Tapuio estão em conformidade com os dados do português brasileiro descrito por Silva (2001).

3.2.2 Ditongos decrescentes

Conforme afirmamos, os ditongos decrescentes são aqueles cuja sequência é vogal-glide, podendo se dividir em dois tipos: ditongos decrescentes orais e ditongos decrescentes nasais. Os ditongos decrescentes orais podem ser subdivididos em dois grupos, com término em [j] e em [w], conforme o glide que acompanha o núcleo. No português Tapuio, obtivemos boa parte das realizações de ditongos decrescentes do português brasileiro.

3.2.2.1 Ditongos decrescentes orais com término em [j]

Obtivemos no português Tapuio as seguintes ocorrências de ditongos decrescentes orais com [j]:

[aj]- [ká:jjɔ] ‘caixa’, [bá:jjɔ] ‘baixo’;

[ej] - [və'ké:jrù] 'vaqueiro', [fɛzè'dé:jrù] 'fazendeiro', [pòr'te:jrè] 'porteira';
 [oj] - ['bó:j] 'boi', ['kó:zà] 'coisa';
 [ɔj] - [ɛmò'χó:jdè] 'hemorróida';
 [uj] - ['fu:j] 'fui'.

Em nossos dados não obtivemos ocorrências com o ditongo decrescente oral [ɛj], presente no português brasileiro, conforme descrição de Silva (2001), mas nossas observações levam-nos a afirmar que é perfeitamente aceitável no português Tapuio uma ocorrência como [a'nɛ:jz] 'anéis'.

3.2.2.2 Ditongos decrescentes orais com término em [w]

Obtivemos, no português Tapuio, as seguintes ocorrências com ditongos decrescentes orais em [w]:

[aw] - ['ká:wzè] 'causa';
 [ew] - ['é:w] 'eu';
 [ow] - ['χó:wɾè] 'roupa', ['o:wtrè] 'outra', ['pó:wkù] 'pouco';
 [iw] - ['χí:w] 'rio'.

Em nossos dados não foram registradas ocorrências com o ditongo decrescente oral [ɛw], mas nossas observações levam-nos a afirmar que são perfeitamente aceitáveis no português Tapuio ocorrências como ['fɛ:w] 'fel' ou [a'nɛ:w] 'anel'.

3.2.2.3 Ditongos decrescentes nasais com término em [j] e [w]

Obtivemos, no português Tapuio, as seguintes ocorrências de ditongos decrescentes nasais com [j] e [w]:

[ãj] - ['kɛ:jbɾè] 'caimbra';
 [õj] - ['põ:ɔj] 'põe';
 [ũj] - ['χũ:ɔj] 'ruim';
 [ẽj] - ['ʒó:vèj] 'jovem';

[ãw] - ['fó:rêw] ‘foram’.

Conforme visto, as ocorrências de ditongos decrescentes encontradas no português Tapuio estão em conformidade com os dados do português brasileiro descrito por Silva (2001).

3.3 AMBIENTES LINGUÍSTICOS DE REALIZAÇÃO DA MONOTONGAÇÃO

Os dados obtidos foram suficientes para uma análise acerca dos ambientes de realização do fenômeno de monotongação no português Tapuio.

3.3.1 Ambientes de realização da monotongação em ditongos orais

Os grupos de fatores da queda dos glides [j] e [w] em ditongos orais elencados foram: relevância morfológica (estrutura silábica – ataque, núcleo e coda); relevância acentual (posição silábica – pré-tônica, tônica e pós-tônica); relevância sintática (posição da palavra na oração); e consoante seguinte.

Analisaremos a seguir cada caso.

3.3.1.1 Relevância morfológica (estrutura silábica: ataque, núcleo e coda)

Segundo Bisol (1989), os ditongos que podem ser reduzidos a monotongos são analisados como ditongos leves. Exemplo: ['ká:jʃã] ‘caixa’ ~ ['ká:ʃã] ‘caxa’. Isso justificaria a não-ocorrência do fenômeno da monotongação em palavras como as obtidas em nossos dados, ilustradas pelas ocorrências seguintes:

['kwá:trũ] ‘quatro’;

['lí:gwə] ‘língua’.

(Falante – Cândido Borges Ferraz de Lima Tapuio, 22 anos (2002))

Os dados de nossa pesquisa comprovam em parte essa afirmativa. Dos dados registrados, a maioria ocorre mesmo em ditongos leves. Entretanto, há ocorrências que nos

chamaram a atenção: palavras com ditongos crescentes apresentaram monotongação, demonstrando que, no português Tapuio, a monotongação não é característica própria de ditongos verdadeiros, conforme ilustram as ocorrências a seguir:

[brɛ'zí:lə] 'Brasília';
 [gò'ĩ:nə] 'Goiânia';
 [sɐ'lá:rũ] 'salário';
 [ɛmɛ'zõ:nə] 'Amazônia';
 [mɛk'i'ná:rũ] 'maquinário';
 [ò'l'ĩ:pə] 'Olimpia';
 [dĩ'fí:sũ] 'difícil';
 [nɛ'gó:sũ] 'negócio';
 [pũ'lí:sə] 'polícia'.

Esse fenômeno leva-nos a afirmar que a diferenciação entre “ditongos verdadeiros” e “ditongos falsos” (CÂMARA JR., 1969, p. 54) precisa ser revista. No caso do português Tapuio, ela não faz sentido, uma vez que ditongos crescentes e decrescentes apresentam a mesma característica, a de poderem se tornar monotongos, salvo os casos de restrição fonológica como “peito”, “leite” etc.

O mesmo fenômeno, todavia, não ocorreu em outras palavras como em [ʒàrà'gwa:] 'Jaraguá'. Os dados comprovam que a monotongação em ditongos crescentes é limitada pelo ambiente linguístico. Só se realiza a monotongação em sílaba pós-tônica e em final de vocábulo. Isso justifica a não-ocorrência desse fenômeno na palavra 'Jaraguá', porque o ditongo está em sílaba tônica. Isso leva-nos a afirmar que a ocorrência da monotongação em ditongo crescente está submetida à proeminência acentual. Se compararmos essa palavra com as outras, nas quais obtivemos a ocorrência da monotongação, percebemos que a sílaba em que ocorre o ditongo, nesse caso específico, tem mais proeminência acentual do que nos demais casos, logo, há mais resistência em se apagar algum segmento.

Outro aspecto a ser observado no caso da monotongação em ditongos crescentes é o marcador de plural. Os dados mostraram que esse segmento não influencia na monotongação, nesse contexto, conforme ilustra a ocorrência a seguir:

Cândido Borges Ferraz de Lima Tapuio (27 anos, 2007): Não, geralmente fala que os Tapuio é vagabundo, os Tapuio num travaia... Os Tapuio é cachacero, os Tapuio só vive brigano... então **varas** coisa eles diz do Tapuio.

[ˈvɑːrəz] ‘várias’.

3.4 INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS DA RELEVÂNCIA MORFOLÓGICA DE [j] E [w]

Os dados mostram que a monotongação não pode ser compreendida apenas como a queda da coda de uma sílaba (ditongos decrescentes). Há casos em que a queda é do glide que está ramificado no ataque (ditongos crescentes), conforme ilustra a ocorrência a seguir:

Cândido Borges Ferraz de Lima Tapuio (27 anos): Nós já tivemos muita vezes aqui em reunião... até com os **negócio** da folha de educação da FUNAI pra saber qual seria a melhor forma, se seria carajá, se era xavante que nós falamos, mas até hoje...

[nɛˈɡoːsɨ] ‘negócio’.

A monotongação pode ser confundida, ainda, com a queda de vogal em hiatos. Os dados mostraram essa tendência de falantes do Carretão em apagar esse segmento nesse contexto, conforme ilustra a ocorrência a seguir:

[ˈtʃiː] ‘tio’.

Nesses casos, a queda do segmento é compensada pelo alongamento do núcleo da sílaba antecedente.

A monotongação é característica específica de ditongos. Tritongos não apresentam nenhuma queda, quando acompanhados do marcador de plural, conforme ilustra a ocorrência a seguir:

[ɪˈɡwɑːjz] ‘iguais’.

Nossos dados não foram suficientes para afirmar se haveria queda de segmentos quando o vocábulo estivesse no singular, uma vez que os tritongos não são objetos de estudo deste trabalho. Nos dados analisados não obtivemos nenhuma ocorrência de queda de segmentos em tritongos.

3.4.1 Relevância acentual (posição silábica - pré-tônica, tônica e pós-tônica)

Ditongos orais

Os dados demonstram que o fenômeno de monotongação de ditongos orais ocorre preferencialmente em contexto de sílaba tônica, conforme ilustram as ocorrências a seguir:

[aj]

['ká:ʃə] 'caixa';

['bá:ʃu] 'baixo'.

[ej]

[pístò'le:rù] 'pistoleiro';

['dé:ʃə] 'deixa';

[və'ke:rù] 'vaqueiro';

[fəzè'dé:rù] 'fazendeiro';

[əw'ké:rì] 'alqueire';

[dĩ'né:rù] 'dinheiro';

[kəʃə'sé:rù] 'cachaceiro';

[pè'né:rə] 'peneira';

[çiwɔdʒè'né:rù] 'Rio de Janeiro';

[pò'sé:rù] 'posseiro';

['pé:ʃi] 'peixe';

[pòr'té:rə] 'porteira';

['ké:ʒu] 'queijo';

[prì'mé:rə] 'primeira';

[vì'é:rə] 'vieira';

['tê:mə] 'teima'.

[aw]

[fèdè'ra:] 'federal'.

[ow]

['xó:pə] 'roupa';

['ó:trə] 'outra';

['pó:kù] 'pouco';

['mó:rə] 'Moura'.

Exceção (ditongos orais que não monotongaram):

[ɔj]

[ɛ̀mò`χó:jdà] ‘hemorróida’.

[iw]

[‘fí:wtrù] ‘filtro’;

[uj]

[‘fú:j] ‘fui’.

[ew]

[‘é:w] ‘eu’.

[oj]

[‘kó:jzə] ‘coisa’.

Esses dados são suficientes para formularmos algumas generalizações. No português Tapuio, em posição tônica, há ditongos fracos (aqueles que tendem a monotongar) e ditongos fortes (aqueles que tendem a ditongar), sendo os primeiros [aj], [ej], [ow] e [aw], e os segundos [ɔj], [iw], [uj], [ew], [oj].

O contexto de ocorrência de monotongação em ditongos fracos é, preferencialmente, em palavras paroxítonas, mas pode também ocorrer, em menor quantidade, em oxítonas. Não obtivemos, no português Tapuio, nenhuma ocorrência de monotongação em sílaba proparoxítona.

Nos dados foram encontradas também as ocorrências ‘polícia’, ‘história’ e ‘meio’, que pertencem a um segundo grupo: sílabas pós-tônicas com ditongo crescente. Nesse caso, a sílaba pós-tônica é prerrogativa para a realização da monotongação [pù`lí:sà], [ìs`tó:rà], [‘me:í] uma vez que em outra posição esse fenômeno não ocorreria, conforme ilustra a ocorrência a seguir:

Posição pré-tônica

Falante: Marina, 14 anos:

[kɛ̀jɛ̀`pó:] ‘caiapó’.

No que se refere aos ditongos decrescentes, algo relevante deve ser considerado: o fato de estar em sílaba proeminente não é prerrogativa para que se realize a monotongação, conforme ilustram as ocorrências seguintes:

['kó:ʒə] ‘coisa’;
 ['ká:wzə] ‘causa’;
 [prɛ̀kò'sé:jtũ] ‘preconceito’.

Isso demonstra que o ambiente linguístico é relevante na análise de ocorrência do fenômeno da monotongação. Os dados obtidos nesta pesquisa demonstram que ditongos precedidos de oclusivas e constrictivas apresentam sons que inibem a ocorrência do fenômeno da monotongação.

Outro aspecto interessante diz respeito à quantidade silábica. Os dados mostram que, para ocorrer a monotongação, deve haver proeminência acentual, ou seja, no mínimo uma sílaba forte (s) e outra fraca (w):

Pei - xe ou por - tei - ra
 (S W) (W S W)

Nossos dados comprovam essa hipótese, uma vez que monossílabos não apresentaram monotongação, conforme ilustram as ocorrências seguintes:

Falantes: Marina, 14 anos, e Belino, 76 anos:
 ['sé:] ‘sei’;
 ['pá:] ‘pai’;
 ['mê:] ‘mãe’;
 ['tê:] ‘tem’.

Todavia, essa regra não pode ser estendida a todos os ditongos orais. Com relação ao ditongo com [w], temos dois casos a considerar:

1- [w] precedido de [e], a regra pode ser aplicada, conforme ilustra a não-ocorrência da monotongação em: ['mé:w] ‘meu’

2- [w] precedido de [o], a regra não pode ser aplicada, conforme ilustra a ocorrência da monotongação em: ['só:] ‘sou’

Podemos, então, fazer a seguinte generalização: a proeminência acentual é relevante para a ocorrência da monotongação. Monossílabos tônicos tendem a não monotongar. A exceção é o ditongo [ow], que exige uma análise mais específica.

3.4.2 O caso da monotongação do ditongo oral [ow]

No que se refere à relevância acentual (ataque, núcleo e coda), os dados mostram três contextos de ocorrência do fenômeno de monotongação de [ow]:

1 – sílaba tônica (paroxítone), conforme ilustram as ocorrências a seguir:

['pó:kù] ‘pouco’;
['mó:rè] ‘Moura’.

2 – Sílabas pré-tônicas:

[dò'tó:] ‘doutor’.

3 – sílaba tônica (oxítone), representada principalmente por verbos no pretérito perfeito, conforme ilustram as ocorrências seguintes, colhidas de diversos falantes:

[tò'mó:] ‘tomou’;
[èwmè'tó:] ‘aumentou’;
[dè'jó:] ‘deixou’;
[è'jó:] ‘achou’;
[pà'só:] ‘passou’;
[pè'gó:] ‘pegou’;
[dìspà'jó:] ‘despachou’;
[kò'pró:] ‘comprou’;
[jè'gó:] ‘chegou’;
[ètrè'gó:] ‘entregou’;
[vè'zó:] ‘vazou’;
[kwè'ró:] ‘quarou’;
['só:] ‘sou’;
[fè'lo:] ‘falou’;
[èpèr'tó:] ‘apertou’;
[è'tró:] ‘entrou’;
[mè'dó:] ‘mandou’;

[fi'kó:] 'ficou';
 [èsi'no:] 'ensinou';
 [pu'fó:] 'puxou';
 [kòkis'tó:] 'conquistou'.

A ocorrência de monotongação em sílaba oxítone no português Tapuío se restringe aos ditongos [ow]. Nossos dados comprovam, por meio de ocorrências de verbos no pretérito perfeito, que não ocorre a monotongação do ditongo [ej] nessa circunstância, conforme pode ser verificado nas ocorrências seguintes:

Falante: Marina, 14 anos:
 [vòw'té:] 'voltei' (sem monotongação);
 [istù'dé:] 'estudei' (sem monotongação);
 ['se:] 'sei' (sem monotongação).

Uma importante observação deve ser feita. Os dados mostram que o marcador de plural não impede a ocorrência de monotongação, mas, em nossos dados, todas as palavras passíveis de serem monotongadas, que apresentaram essa marcação, não sofreram a ocorrência do fenômeno. A hipótese mais plausível é a de que, estando o falante preocupado com a marcação do plural, tenda a preocupar-se também com a ditongação. Sendo assim, o marcador de plural é gatilho de monitoramento da fala, o que pode influenciar na seleção de uma variante ditongada, conforme ilustram as ocorrências, a seguir:

['ó:wtrèz] 'outras';
 ['χó:wpèz] 'roupas'.

3.4.3 Relevância sintática – Ditongos orais

Nossos dados demonstram que o posicionamento da palavra na oração não influencia no fenômeno da monotongação, conforme ilustram as ocorrências a seguir:

Ocorrência 1 – Após pausa (começo de oração):

Natalino, 62 anos: Eu sô da... **A descendença** minha é ... o pai meu é xavante, agora minha mãe é Javaié daqui mesmo.

[dɛsɛ̃'dɛ:sə̃] ‘descendêcia’.

Marina, 39 anos: Uai, hoje a situação tá bem melhó, né? **Retomô**, agora só tá os índio memo, mas tem mais ainda pra retomá, né?

[çɛtò'mó:] ‘retomou’.

Ocorrência 2 – No meio de uma oração:

Marina, 39 anos: Uai, eu espero que a **tendência** aqui é melhora [...]

[tɛ̃'dɛ:sə̃] ‘tendêcia’.

Wellington Vieira Brandão Tapuio, 27 anos: porque você sabe que a gente tá cursando a faculdade agora, como se diz, não tamo ainda **dotô** na área ainda [...]

[dò'tó:] ‘doutor’.

Ocorrência 3: Em final de oração:

Cândido Borges Ferraz de Lima Tapuio 27 anos: Não, geralmente fala que os Tapuio é vagabundo, os Tapuio num trabaia... Os Tapuio é **cachacero** [...].

[kɛ̃]v'sé:rù] ‘cachaceiro’.

Cleiton, 14 anos: Ah, e ele entende... tamém morou em aldeia fora, né? Aí ele entende um **poco** eu entendo um **poco** aí os que nós... conversa **poco** [...].

[pó:kù] ‘pouco’.

3.4.4 Consoante subsequente

Analisando os dados, observamos que a explicação para a ocorrência ou não do fenômeno da monotongação pela queda de glides [j] e [w] pode ser encontrada se analisarmos a consoante subsequente ao ditongo.

3.4.4.1 O caso das oclusivas /t/ e /d/

Consoante oclusiva alveolar desvozeada /t/ subsequente impede a realização da monotongação com a queda do glide [j], conforme ilustra a ocorrência seguinte:

Marina (39 anos): É um direito nosso que nós tem.
[dʒiˈrɛ:jtũ] ‘direito’.

Todavia, não inibe a ocorrência da monotongação com a queda do glide [w].

Marina (39 anos): Que tem gente que pensa lá fora fala “ah, índio é isso, índio é bicho do mato, né? Índio é aquilo otro” Mas não é.
[ˈo:trũ] ‘outro’.

Embora não obtivéssemos ocorrências como ‘pauta’ ou ‘auto’, palavras possíveis de ocorrer no português Tapuio, verificamos que nesses casos (ditongos com glide [w]) não acontece a monotongação. O mesmo pode ser dito às palavras ‘Eneida’ e ‘calda’, que também não ocorreram em nossos dados, mas que são possíveis de ocorrência no português Tapuio. Nesses casos também não ocorre a monotongação. Trata-se, então, de uma restrição do português. Dessa forma, nenhuma variedade dessa língua as realizará.

Isso leva-nos a formular a seguinte generalização acerca das oclusivas: no português Tapuio, a consoante oclusiva alveolar vozeada /d/ subsequente impede a realização da monotongação com a queda dos glides em [j] e [w]. Já a consoante oclusiva alveolar desvozeada /t/ subsequente impede a realização da monotongação com a queda do glide [j], mas não inibe a ocorrência da monotongação com a queda do glide [w], desde que esse seja formado pela sequência [ow].

A explicação para esse fenômeno se deve pela aproximação sonora do ditongo [ow]: vogal e semivogal são arredondadas e posteriores. A possibilidade de a vogal média alta [o] se alongar e apagar a semivogal [w] é maior que nos outros ditongos, nos quais a primeira vogal do ditongo é anterior [ew] ou central [aw].

3.4.4.2 O caso das fricativas /s/ e /z/

Consoante fricativa alveolar vozeada /z/ impede a realização da monotongação com a queda dos glides [j] e [w], conforme ilustram as ocorrências:

Cândido Borges Ferraz de Lima Tapuio, 27 anos: Por causa que qualquer coisa que acontece aí fora e eles fala:, se for uma pessoa, fala “ ah, foi os Tapuio que fez”.

['kó:ʒzə] ‘coisa’;

['ká:wzə] ‘causa’.

Embora não obtivéssemos a ocorrência ‘causo’, é sensato afirmar que nesse vocábulo é possível ocorrer a monotongação ‘caso’. Nossa hipótese para explicação desse fenômeno é de caráter semântico. Na primeira palavra, ‘causa’, a ditongação é o que difere o vocábulo ‘causa’ de ‘casa’; já na segunda, ‘causo’, a monotongação não formaria par mínimo e, logo, não alteraria o aspecto semântico dessa palavra.

Com relação à consoante fricativa alveolar desvozeada /s/ subsequente, observamos que há impedimento da realização da monotongação com a queda dos glides [j] e [w], conforme ilustram as ocorrências a seguir:

['fó:jsi] ‘foice’;

['ká:wsə] ‘calça’.

A explicação para esse caso também pode ser de caráter semântico, uma vez que a queda da monotongação implicaria na formação de pares mínimos.

3.4.5 Ditongos nasais

A monotongação em ditongos nasais é de ocorrência em sílaba pós-tônica, em final de vocábulo, conforme indicam as ocorrências abaixo, coletadas de diversos falantes:

['ô:mî] ‘homem’;

[mê'sá:ʒi] ‘mensagem’;

['ʒó:vî] ‘jovem’;

['fó:rû] ‘foram’.

Observe que o mesmo fenômeno não ocorre em outros contextos linguísticos, conforme ilustram as ocorrências a seguir:

Sílaba pré-tônica:

Falante: Welington Vieira Brandão Tapuio, 27 anos: [...] mas to **aprendeno** com eles e tô tendo suporte com eles.

[`aprẽ'dẽ:nũ] ‘aprendendo’ (entendendo que o glide [j] está sendo representado /N/, logo, um ditongo).

Sílaba tônica:

Falante Cândido Borges Ferraz de Lima Tapuio, 22 anos (2002):

[dũ'zẽ:tõz] ‘duzentas’ (não monotonga);

[pẽ'rẽ:tĩ] ‘parente’ (não monotonga);

[çẽgõ'fũ:dũ] ‘Rego fundo’ (não monotonga);

[mẽrĩẽ'r'kẽ:tĩ] ‘Maria Arcante’ (não monotonga);

[mũ:jtũ] ‘muito’ (não monotonga).

Falante: Natalino, 76 anos:

[tẽ'mẽ:j] ‘também’;

[çẽ'vẽ:tĩ] ‘Xavante’.

Esses exemplos demonstram que o contexto linguístico de realização do fenômeno de monotongação por queda do segmento [+nasal] (sílaba pós-tônica, em final de vocábulo) é um fator condicionador para a realização do fenômeno. Sendo assim, dentre os grupos de fatores (morfológico, sintático etc.), foram levados em consideração somente o de relevância sintática e o caso específico do marcador de plural.

Analisaremos a seguir cada caso.

3.4.6 Relevância sintática para a realização da desnasalização

Os dados demonstram que o posicionamento da palavra na oração não influencia no fenômeno da monotongação, conforme ilustram as ocorrências a seguir:

1: No meio de uma oração:

Marina, 39 anos: Uai, eu espero que a tendência aqui é melhorá. Tem mais recurso, a escola melhorá pro **juve** num precisá de sair lá pra fora, né?

[ˈʒoːvi] ‘jovem’.

2: Em final de oração:

Cleiton, 14 anos: É preciso defendê nossa orige.
[oˈriːʒi] ‘origem’.

Embora não obtivéssemos ocorrências de monotongação por desnasalização após pausa ou começo de oração, concluímos que esse é um fator que não influencia na ocorrência do fenômeno de monotongação, uma vez que são aceitáveis na fala do português não-padrão orações como a da ocorrência a seguir:

3: (hipotético): *Homi não presta!*
[ˈõːmi] ‘Homem’.

Sendo assim, podemos concluir que o fator posicionamento sintático é irrelevante na análise deste fenômeno.

3.4.7 O marcador de plural

Os dados demonstraram que em palavras que vêm acompanhadas do marcador de plural {-s}, conforme ilustram as ocorrências seguintes, a probabilidade de ocorrer a monotongação é quase nula ou remota:

[ˈʒoːvɛjz] ‘jovens’;
[ˈõːmɛjz] ‘homens’.

Os dados apontaram uma ocorrência da palavra “homem” que não sofreu monotongação. Todavia, isso corresponde a uma exceção se comparado com o alto grau de ocorrência de monotongação dessa palavra na fala dos demais Tapuio. Isso se explica pelo contexto de enunciação. Em contexto mais formal (durante um teste sociolinguístico que estava sendo gravado) o falante pode ter monitorado sua ditongação, o que não ocorreu com os demais falantes.

3.5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA MONOTONGAÇÃO EM DITONGOS NASAIS

Os dados apresentaram ocorrência de palavras com ditongos nasais que não sofreram a monotongação, conforme ilustram as ocorrências a seguir:

['ó:rɔ̃w] ‘órgão’;
[kɛ'ʃɛ:w] ‘caixão’.

Essas palavras apresentam os mesmos contextos linguísticos de realização dos demais ditongos que sofreram monotongação. Embora não tenha sofrido monotongação nos dados coletados, não se poderia afirmar que a característica [+nasal] coíbe sua realização, uma vez que nesse caso é aceitável no português brasileiro a monotongação:

['ó:rɔ̃] ‘órgão’.

Além desse caso, inclui-se a palavra “nações” (Cândido Borges Ferraz de Lima Tapuio, 22 anos), que não apresentou monotongação nos dados coletados. Nesse caso, além do aspecto nasalização, inclui-se o fato de haver o marcador de plural, que obstrui a monotongação.

Constatamos, ainda, que o glide [w] favorece mais a monotongação. Isso pode ser devido à alta frequência de verbos no pretérito perfeito do indicativo, segunda conjugação.

3.6 ANÁLISE DA MONOTONGAÇÃO EM CORRELAÇÃO COM FATORES SOCIAIS

3.6.1 A correlação entre a monotongação e as redes sociais Tapuias

3.6.1.1 Rede insulada

Tabela 1: Monotongação de [j] na rede insulada.

Monotongação de [j]			
Palavras passíveis de monotongação	Total de monotongos	Total de ditongos	Porcentagem de monotongos
22	19	3	86,3%

Fonte: Conforme dados apresentados na amostragem 1, anexo 8.

Tabela 2: Monotongação de [w] na rede insulada.

Monotongação de [w]			
Palavras passíveis de monotongação	Total de monotongos	Total de ditongos	Porcentagem de monotongos
28	28	0	100%

Fonte: Conforme dados apresentados na amostragem 2, anexo 8.

Tabela 3: Monotongação de [Ø] na rede insulada.

Monotongação por desnasalização [Ø]			
Palavras passíveis de monotongação	Total de monotongos	Total de ditongos	Porcentagem de monotongos
6	6	0	100%

Fonte: Conforme dados apresentados na amostragem 3, anexo 8.

3.6.1.2 Rede intermediária

Tabela 4: Monotongação de [j] na rede intermediária.

Monotongação de [j]			
Palavras passíveis de monotongação	Total de monotongos	Total de ditongos	Porcentagem de monotongos
37	36	1	97,2%

Fonte: Conforme dados apresentados na amostragem 1, anexo 8.

Tabela 5: Monotongação de [w] na rede intermediária.

Monotongação de [w]			
Palavras passíveis de monotongação	Total de monotongos	Total de ditongos	Porcentagem de monotongos
9	9	0	100%

Fonte: Conforme dados apresentados na amostragem 2, anexo 8.

Tabela 6: Monotongação de [Ø] na rede intermediária.

Monotongação por desnasalização [Ø]			
Palavras passíveis de monotongação	Total de monotongos	Total de ditongos	Porcentagem de monotongos
7	5	2	71,4%

Fonte: Conforme dados apresentados na amostragem 3, anexo 8.

3.6.1.3 Rede integrada

Tabela 7: Monotongação de [j] na rede integrada.

Monotongação de [j]			
Palavras passíveis de monotongação	Total de monotongos	Total de ditongos	Porcentagem de monotongos
35	25	10	71,4%

Fonte: Conforme dados apresentados na amostragem 1, anexo 8.

Tabela 8: Monotongação de [w] na rede integrada.

Monotongação de [w]			
Palavras passíveis de monotongação	Total de monotongos	Total de ditongos	Porcentagem de monotongos
18	16	2	88,8%

Fonte: Conforme dados apresentados na amostragem 2, anexo 8.

Tabela 9: Monotongação de [Ø] na rede integrada.

Monotongação por desnasalização [Ø]			
Palavras passíveis de monotongação	Total de monotongos	Total de ditongos	Porcentagem de monotongos
13	10	3	76,9%

Fonte: Conforme dados apresentados na amostragem 3, anexo 8.

A análise dos dados, levando-se em conta o caráter de formação de redes, mostra dois resultados interessantes: um resultado esperado e outro surpreendente. Comparando os números com o fenômeno em análise, obtivemos os seguintes resultados, constantes da tabela a seguir:

Tabela 10: Monotongação em redes – dados gerais.

Fenômeno	Rede insulada	Rede intermediária	Rede integrada
Monotongação de [j]	86,3%	97,2%	71,4%
Monotongação de [w]	100%	100%	88,8%
Monotongação por desnasalização ⁷	100%	71,4%	76,9%
Total de monotongações	95,3%	89,3%	78,3%

Fonte: Conforme dados gerais apresentados no anexo 8.

Obs.: Excluindo-se, no somatório, os números após a vírgula.

Os dados comprovam a expectativa de que falantes de rede insulada optam pela forma monotongada, ao passo que falantes de rede integrada tendem à ditongação. Por outro lado, os dados apontam para algo surpreendente: os falantes da rede integrada apresentaram

⁷ Cf. o trabalho de:

BATTISTI, Elisa. A redução dos ditongos nasais átonos. In: Bisol, Leda e Brescancini, Cláudia (orgs.) *Fonologia e Variação. Recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. pp. 183-202.

alto índice de ocorrência do fenômeno (78,3%), seguido de perto pelos falantes da rede intermediária (89,3%), que apresentaram números ainda mais elevados. Isso pode ser indício de valorização da forma monotongada, o que implica uma possível manutenção do fenômeno pelas próximas gerações. O prestígio da variante pode estar revelando traços de identidade linguística da comunidade e grau de consciência dessa identidade.

Constatamos, ainda, que o glide [w] favorece mais a monotongação. Isso pode ser devido à alta frequência de verbos no pretérito perfeito do indicativo, segunda conjugação, encontrados em nossos dados.

3.6.2 A correlação entre a monotongação e o gênero

Nesta seção serão apresentadas as ocorrências da monotongação em ditongos decrescentes orais e nasais, observando sua correlação com o sexo dos falantes. O objetivo desta seção é avaliar o grau de influência que o sexo do falante exerce na escolha da forma monotongada/ditongada.

Dados gerais (2002 a 2008).

Número de falantes analisados: 38 (19 homens e 19 mulheres).

Faixa etária: de 4 a 76 anos.

Tabela 11: Monotongação de [j] – o caso do gênero.

Monotongação de [j] – 14 falantes analisados		
Gênero	Porcentagem de ditongos	Porcentagem de monotongos
Masculino	12,8%	87,2%
Feminino	18,2%	81,8%

Fonte: Conforme ocorrências apresentadas nos dados do anexo 8.

Amostragem: Rede Insulada: 1 representante de cada sexo; Rede Intermediária: 3 representantes de cada sexo; Rede integrada: 3 representantes de cada sexo.

Tabela 12: Monotongação de [w] – o caso do gênero.

Monotongação de [w] – 14 falantes analisados		
Gênero	Porcentagem de ditongos	Porcentagem de monotongos
Masculino	0%	100%
Feminino	2,8%	97,1%

Fonte: Conforme ocorrências apresentadas nos dados do anexo 8.

Amostragem: Rede Insulada: 1 representante de cada sexo; Rede Intermediária: 3 representantes de cada sexo; Rede integrada: 3 representantes de cada sexo.

Tabela 13: Monotongação de [Ø] – o caso do gênero.

Monotongação por desnasalização Ø – 12 falantes analisados		
Gênero	Porcentagem de ditongos	Porcentagem de monotongos
Masculino	16,7%	83,3%
Feminino	29,2%	70,8%

Fonte: Conforme ocorrências apresentadas nos dados do anexo 8.

Amostragem: Rede Insulada: sem ocorrência; Rede Intermediária: 3 representantes de cada sexo; Rede integrada: 3 representantes de cada sexo.

Os dados confirmam que, de qualquer forma, as mulheres monotongam menos que os homens. Isso confirma o pressuposto laboviano (LABOV, 2000) de que as mulheres são sensíveis e atentas ao prestígio social. Todavia, a variação situa-se na margem de flutuação estatística ou margem de erro. Além do mais, a diferença é pequena, uma vez que, em todos os casos, o uso da variante monotongada ultrapassa os 70% de ocorrência. Concluímos então que o sexo do falante não deve ser considerado como prerrogativa para a escolha da variante (cf. PAIVA, 1996b, p.332).

3.6.3 A correlação entre a monotongação e a faixa etária

Outro aspecto interessante a observar nesses dados é o referendo de que o fenômeno da monotongação na comunidade do Carretão apresentou-se insensível à faixa etária (cf. PAIVA, 1996b, p. 330 e BATTISTI, 2002, p. 186), ou seja, não é marca característica de uma geração, conforme pode ser visualizado nas duas amostras de dados que seguem, a primeira com dados de 2002, e a segunda com dados de 2008.

Amostra 1:

Ano 2002.

Número de falantes entrevistados: 5.

Faixa etária: de 22 a 76 anos.

Total de hora de gravação: aproximadamente 1h30min.

Tabela 14: Monotongação de [j] – (ano 2002).

Monotongação de [j]			
Palavras passíveis de monotongação	Total de monotongos	Total de ditongos	Porcentagem de monotongos
28	25	3	89,2%

Fonte: Conforme ocorrências apresentadas nos dados do anexo 8.

Tabela 15: Monotongação de [w] – (ano 2002).

Monotongação de [w]			
Palavras passíveis de monotongação	Total de monotongos	Total de ditongos	Porcentagem de monotongos
25	25	0	100%

Fonte: Conforme ocorrências apresentadas nos dados do anexo 8.

Tabela 16: Monotongação de [Ø] – (ano 2002).

Monotongação por desnasalização [Ø]			
Palavras passíveis de monotongação	Total de monotongos	Total de ditongos	Porcentagem de monotongos
5	5	0	100%

Fonte: Conforme ocorrências apresentadas nos dados do anexo 8.

Amostra 2:

Ano 2008:

Número de falantes entrevistados: 22.

Faixa etária: de 4 a 76 anos (aproximadamente).

Total de hora de gravação: aproximadamente 2h30min.

Obs.: Há falantes que foram entrevistados em 2002 e em 2008.

Tabela 17: Monotongação de [j] – (ano 2008).

Monotongação de [j]			
Palavras passíveis de monotongação	Total de monotongos	Total de ditongos	Porcentagem de monotongos
43	36	7	83,7%

Fonte: Conforme ocorrências apresentadas nos dados do anexo 8.

Tabela 18: Monotongação de [w] – (ano 2008).

Monotongação de [w]			
Palavras passíveis de monotongação	Total de monotongos	Total de ditongos	Porcentagem de monotongos
30	28	2	93,3%

Fonte: Conforme ocorrências apresentadas nos dados do anexo 8.

Tabela 19: Monotongação de [Ø] – (ano 2008).

Monotongação por desnasalização [Ø]			
Palavras passíveis de monotongação	Total de monotongos	Total de ditongos	Porcentagem de monotongos
15	10	5	66,6%

Fonte: Conforme ocorrências apresentadas nos dados do anexo 8.

A monotongação do glide [j] sofreu ligeira variação, mas se manteve acima dos 83%. No caso de monotongação do glide [w], a variação foi um pouco maior, mas se manteve acima dos 90%; e, por fim, a monotongação por desnasalização [Ø] sofreu uma queda mais brusca, uma redução de aproximadamente um terço.

Em todos os casos nota-se um alto índice de ocorrência, mas, também, uma queda nessas ocorrências. A justificativa deve-se ao fato de que, em 2002, os entrevistados foram predominantemente de redes insuladas, ao passo que, em 2008, a maioria dos falantes era das redes intermediárias e integradas. Sendo assim, os dados mostram que a explicação para o fenômeno da monotongação não é de teor etário (cf. PAIVA, 1996b, p. 333), mas sim característica de rede. Não se trata, portanto, de uma mudança em progresso, mas de contato com normas mais próximas do padrão considerado culto do português brasileiro.

3.7 INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS DA ANÁLISE DA MONOTONGAÇÃO NA COMUNIDADE INDÍGENA CARRETÃO

O alto índice de ocorrência nas três redes analisadas leva-nos a perceber uma valorização desses falantes por uma característica de fala tida como estigmatizada pelos falantes do português prestigiado dos grandes centros urbanos. A valorização desse vernáculo, manifestada pela consciência no uso dessa variante, ajuda-nos a perceber a relação íntima estabelecida pelo uso de português brasileiro como língua indígena, como mecanismo de manutenção da identidade linguística Tapuia, historicamente construída em contexto de multilinguismo, de submissões e de diglossia.

Segundo Pimentel da Silva (2001), diglossia refere-se a qualquer situação em que duas línguas ou variedades de uma mesma língua são utilizadas em situações distintas, seja em situação de conflito ou de relações mais simétricas. Em Carretão, essa situação é percebida principalmente entre gerações, o que pode ser visualizado através das redes. As mais velhas e menos letradas (falantes de rede insulada) usam uma variedade; as mais letradas (falantes de rede integrada) usam as duas. E, por fim, há falantes de uma terceira rede, a intermediária. São falantes novos, escolarizados e que convivem com as duas variedades. Em casa, dialogam na variante desprestigiada pelos grandes centros urbanos, mas que lhes garante a identidade enquanto comunidade linguística; na escola, convivem com um nível de

linguagem mais próximo do prestigiado pelos grandes centros urbanos, mas que se afasta do sentimento de pertencimento, uma vez que não condiz com a usada em sua comunidade. Isso se justifica porque as gerações mais novas têm, às vezes, desejo de assumir esse português mais formal, mais prestigiado; às vezes, parecem resistir a ele.

O fenômeno da monotongação por si só não pode ser considerado uma característica diatópica ou uma marca sociolinguística, uma vez que resultados semelhantes poderiam ser constatados em outras comunidades de falantes do português de Goiás. Os dados e as nossas observações sinalizam para a existência, na comunidade indígena do Carretão, de um português com características típicas, ao qual demos o nome de “português Tapuio”. E o fenômeno da monotongação, sem dúvida, manifesta-se como uma característica marcante desse português que, por sua vez, apresenta-se como elemento de coesão e de identificação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos descrever as ocorrências do fenômeno da monotongação no português brasileiro falado pelos indígenas do Carretão-GO. Abordamos esse fenômeno por dois motivos essenciais: o primeiro, por se tratar de um fenômeno de grande ocorrência na fala; o segundo, por ser um assunto ainda pouco explorado e, por isso mesmo, muito instigante.

Pretendíamos, com este trabalho, trazer novas contribuições aos estudos da fonologia brasileira. Acreditamos que atingimos nosso objetivo, pois a partir deste comprovamos a necessidade de reformularmos alguns conceitos, dentre eles, o conceito de “ditongos leves” e “ditongos verdadeiros” (CÂMARA JR., 1969, p. 54), uma vez que comprovamos a ineficácia do mesmo neste estudo de caso.

Nossos estudos revelaram que, independentemente da posição na sílaba (ataque ou coda), é sempre a queda da semivogal que caracteriza a monotongação. Esse e outros fatores linguísticos (posição silábica, relevância acentual e consoante seguinte) são prerrogativas para a ocorrência do fenômeno, exceto a posição sintática, que se apresentou irrelevante.

Para verificar a possibilidade de análise desses dados lingüísticos como um fenômeno social seria preciso utilizar uma metodologia que levasse em conta as relações sociais da comunidade. Por isso, adotamos a metodologia de redes (MILROY, 1980; BORTONI-RICARDO, 1985, 2005; e REZENDE SANTOS, 2008). O uso dessa metodologia deveu-se à qualidade da descrição que ela pode oferecer, pois nossa pretensão não foi apenas observar a ocorrência do fenômeno linguístico, mas, conforme afirmamos anteriormente, sua realização em consonância com os papéis sociais desempenhados pelos falantes da comunidade.

O uso dessa metodologia ampliou os estudos preliminares do português brasileiro sobre este assunto, pois revelou que as variáveis linguísticas são preponderantes no condicionamento do fenômeno da monotongação (cf. BATTISTI, 2002, p. 185 sobre os ditongos nasais), mas não só. As variáveis sociais manifestaram-se muito relevantes no estudo desse fenômeno, uma vez que nossos dados revelaram que sua ocorrência pode ser compreendida como um fenômeno de redes sociais.

Nossos estudos, nesse sentido, também vieram para dialogar com o trabalho de Bortoni-Ricardo (1985, 2005), pois demonstramos a necessidade de não analisar os dados em duas redes apenas, como havia proposto a autora, mas no mínimo em três, haja vista as

relações sociais numa comunidade se processarem de maneiras distintas e limitar a análise a dois grupos é simplificar essas relações, correndo o risco de apresentar uma análise também limitada.

O ideal, nesse sentido, seria a metáfora da existência de diversos fios de relacionamentos numa comunidade, que por sua vez se imbricam na formação de diversas redes. Todavia, dada a necessidade de sistematização, resumimos essas “diversas redes” em apenas três, mas cientes da necessidade de repensarmos essa metodologia.

Todavia, acreditamos que os resultados obtidos neste trabalho foram suficientes para descrever a comunidade Tapuia como sendo, ao mesmo tempo, uniplex e multiplex. O que parece incoerente na verdade referenda nossa teoria de que o Carretão é, ao mesmo tempo, uma sociedade densa e difusa, e que vive constantemente a dicotomia rural (folk) versus urbano.

Nossas investigações revelaram ainda que a monotongação não pode ser descrita como uma característica própria do português Tapuio, uma vez que resultados semelhantes poderiam ser obtidos em outras comunidades de fala. Todavia, o que podemos afirmar é que a relação afetiva entre os falantes e a forma monotongada revela que esse fenômeno é uma das características desse português brasileiro. A monotongação pode, assim, ser compreendida, neste estudo de caso, como uma ética de solidariedade entre os falantes desse português, uma verdadeira estratégia de sobrevivência (cf. BORTONI-RICARDO, 2005).

Concluir este trabalho foi muito mais que uma realização profissional, foi também pessoal. Por meio desta pesquisa sentimo-nos mais próximos do povo indígena Tapuia. Passamos a conhecer de perto sua história, nos sensibilizamos e assumimos também a bandeira de sua luta pela igualdade e pelo respeito aos seus direitos. Aprendemos muito com os anciãos Tapuio, principalmente que, na luta pela terra, toda fúria é justificável quando a mansidão é vã.

Através deste trabalho, registramos as vozes e a memória desses anciãos Tapuio e de outros que não participaram desta pesquisa. Durante o trabalho de coleta de dados, percebemos que revisitar o Carretão é reviver, nas vozes dos Tapuio mais novos, a memória desses anciãos. Foi, sem dúvida, um trabalho muito gratificante para nós.

Esperamos que o resultado de nossa pesquisa possa contribuir para o ensino de língua portuguesa na comunidade indígena do Carretão, pois foi um trabalho construído em conjunto com os professores indígenas Tapuia, alunos do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UFG, que foram nossos co-pesquisadores. Foi nossa pretensão que a pesquisa estivesse em sintonia com a concepção desse curso, uma vez que o objetivo principal dessa

dissertação é o de demonstrar a possibilidade de realizar uma pesquisa construída pelo diálogo com várias áreas do conhecimento (histórica, geográfica, linguística e social). Esperamos que nosso trabalho não só amplie a visão linguística dos Tapuio como também possa ser utilizado como subsídio no ensino do português Tapuio naquela comunidade.

Durante essa pesquisa constatamos a riqueza do português brasileiro, formulado e reformulado cotidianamente pelas vozes do povo. Foi essa vivacidade da língua que permitiu a existência de um português Tapuio, que congrega diversas características fonológicas, dentre elas a monotongação. Não pretendíamos esgotar o estudo desse português, dada sua riqueza. Esperamos que esse estudo seja um estímulo àqueles que se interessam em estudar a língua portuguesa como uma das línguas indígenas, pois muito trabalho ainda há para se fazer.

Todavia, o presente trabalho, mesmo sendo pioneiro no estudo dessa variedade, apresenta subsídios suficientes para a compreensão do português Tapuio como uma variante do português brasileiro digna de reconhecimento, respeito e valorização. Se ainda acreditavam que os Tapuio eram um povo sem língua, começaram a deixar de sê-lo com este trabalho.

Por fim, confessamos estar vislumbrados pelos resultados dessa pesquisa. Não é fácil romper com um mundo cujo conhecimento se apresenta compartimentalizado, e propor uma metodologia de pesquisa que dialogue com diferentes áreas do saber, por meio dos diferentes olhares... E é no momento em que as vozes de orientadora, pesquisador e pesquisados se confundem e se unem que obtemos a abordagem intercultural do conhecimento.

Aos professores e colegas pesquisadores Tapuio do Carretão, o meu profundo respeito e a minha eterna gratidão.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. H. de. (Org.) **Aldeamento do Carretão segundo os seus herdeiros Tapuios: conversas gravadas em 1980 e 1983**. Brasília: FUNAI/CGDOC, 2003.
- BACK, E. São fonemas as vogais do português? **Construtura**: Revista de Linguística, Língua e Literatura, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica do Paraná, Editora FID S.A., ano 1, n. 4, p. p. 297-318, 1973.
- BAGNO, M. **A língua de Eulália**: Novela sociolinguística. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- BARNES, J. A. **Class and committees in a Norwegian Island Parish**. *Human Relation*, v. 7, n. 1, p. 39-58, 1954.
- BATTISTI, E.; VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do português. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 159 – 194.
- BATTISTI, Elisa. A redução dos ditongos nasais átonos. In: Bisol, Leda e Brescancini, Cláudia (orgs.) **Fonologia e Variação. Recortes do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. pp. 183-202.
- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 168-185, ago. 1989.
- _____. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **The urbanization of rural dialect speakers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- BORTONI, S. M. **A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolinguística**. In: TARALLO, F. (Org.). **Fotografias Sociolinguísticas**. Campinas: Pontes/Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. p. 167-180. (Coleção Linguagem-crítica)
- BORTONI-RICARDO, S. M. **A contribuição da análise de redes ao ensino da língua materna**. In Bortoni-Ricardo, S. M. **Nós chegamos na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 83-89.
- BOTT, E. **Family and social network**. London: Tavistock, 1957.
- BRANDÃO, A. J. da C. **Almanach da Província de Goyaz (para o ano de 1886)**. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1978.
- CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas: Mercado das Letras, 2002. (Coleção ideias sobre linguagem)
- CÂMARA JR., J. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

_____. **Problemas de lingüística descritiva.** Petrópolis: Vozes, 1969.

_____. **Estrutura da língua portuguesa.** Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. **Problemas de lingüística descritiva.** 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

CHAIM, M. M. **Os aldeamentos indígenas na Capitania de Goiás.** Sua importância na política de povoamento (1749 – 1811). Goiânia: Oriente, 1974.

COLLISCHONN, G. **A sílaba em português.** BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 91–123.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira do português brasileiro.** 8. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

FREIRE, C. A. da R. **Indigenismo e Antropologia:** o Conselho Nacional de Proteção aos Índios (CNPI) na gestão Rondon (1939-1955). 1990. 379p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

FUDGE, E. Syllables. **Journal of Linguistics**, Cambridge, UK, n. 5, p. 254-287, 1969.

GILES, H.; POWESLAND, P. F. **Speech style and social evaluation.** London: Academic Press, 1975.

GILES, H. e SMITH, P. M. **Accommodation Theory: Optimal Levels of Convergence.** In GILES, H. e ST. CLAIR. (Orgs.). **Language and Social Psychology.** Oxford: Basil Blackwell, 1979.

GILES, H. **Accommodation Theory: some New Directions.** York Papers in Linguistics, vol. 9, 1980, p 105-136.

JOSÉ NETO, J. **Jovens Tapuio do Carretão:** processos educativos de reconstrução da identidade indígena. Goiânia: Ed. da UCG, 2005.

HEAD, B. **A comparison of the segmental phonology of Lisbon and Rio de Janeiro.** PhD Dissertation. Austin. Texas, 1964.

KARASCH, M. Catequese e cativoiro – política indigenista em Goiás: 1780-1889. In: CUNHA, M. C. (Org.). **História dos índios no Brasil.** São Paulo: Cia das Letras/FAPESP/SMC, 1992. p. 397-412.

LABOV, W. The effect of social mobility on linguistic behavior. **Sociological Inquiry** 36: 186-203, 1966.

_____. **The social stratification of English in New York city (1966).** 4. ed. New York: The American Heritage® Dictionary of the English Language, 2000.

LOPEZ, B. S. **The sound pattern of brazilian Portuguese** (Cariocan dialect). Tese (Doutorado, PhD) – University of Califórnia, Los Angeles, 1979.

MACEDO, A. V. T. Linguagem e contexto. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 59-71.

MAHER, T. M. **Caderno de textos do Programa de Capacitação em Educação Escolar Indígena para Técnicos Governamentais**. Português é Língua de Índio. Brasília: MEC, s. d.

_____. Sendo índio em português. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras/Fapesp, 1998. p. 21-45.

MILROY, L. **Language and social networks**. Oxford: Basil Blackwell, 1980.

MILROY, L.; GORDON, M. **Sociolinguistics: method and interpretation**. Oxford: England, 2006.

MITCHELL, J. C. (Org.). **Social networks in urban situations**. Manchester: Manchester University Press, 1969.

MORENO, J. **Who shall survive? Foundations of sociometry, Group Psychotherapy and sociodrama**. New York: Beacon House, 1963.

MOURA, M. C. O. **O processo de aculturação dos Tapuias do Carretão**. s.f. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de Ciências Humanas de Strasbourg, Strasbourg, França, 1994.

NASCIMENTO, A. M. **A variação do dativo em variedades linguísticas rurais goianas**. 2007. 174f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

NAZÁRIO, L. N. **Uso variável do artigo definido diante de pronome possessivo na variedade lingüística da comunidade de fala dos Almeidas**. 2007. 175f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

OLIVEIRA, J. P.; FREIRE, C. A. R. **A presença indígena na formação do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

PAIVA, M. C. Supressão das semivogais nos ditongos crescentes. In: OLIVEIRA, G. M. de E.; SCHERRE, M. M. P. (orgs.) **Padrões sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempos Brasileiros, 1996a. p. 97-112.

PAIVA, M.C. **Atuação das variáveis sociais na supressão das semivogais anteriores nos ditongos decrescentes**. In: OLIVEIRA, G. M. de E.; SCHERRE, M. M. P. (orgs.) **Padrões sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempos Brasileiros, 1996b. p. 325-333.

PIKE, K., PIKE, E. Immediate constituents of Mazateco Syllables. **International Journal of Applied Linguistics**, n. 13, p.78-91, 1947.

PIMENTEL DA SILVA, M. S. **A situação sociolinguística dos Karajá de Santa Isabel do Morro e Fontoura**. Brasília: FUNAI/DEDOC, 2001.

PIMENTEL DA SILVA, M. S.; BORGES, M. V. (orgs.) **Cidadania, interculturalidade e formação de docentes indígenas**. Goiânia: Editora da UFG, 2009.

PINTO, V. N. **O ouro brasileiro e o comércio anglo-português: uma contribuição ao estudo da Atlântica no século XVIII**. São Paulo: Ed. Nacional MEC, 1979.

PONTES, E. **Estrutura do verbo no português coloquial**. Petrópolis: Vozes, 1972.

RABELLO, F. C. E. **Governo Mauro Borges: Tradicionalismo planejamento e mobilização social em Goiás. (1961 – 1964)**. s. f. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1976.

REGISTRO de um Regimento para todas as aldeyas desta Capitania para os índios dellas. D.I., v. 12. p. 74.

REZENDE, T. F. **Discurso e identidade etno-cultural em Pombal-GO**. 2000. Dissertação (Mestrado), inédita, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.

REZENDE SANTOS, T. F. **A mudança adjetivo/nome > Nome/adjetivo e o conservadorismo da fala rural goiana**. 2008. 180f. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

ROCHA, L. M. **O Estado e os índios: Goiás, 1850-1889**. Goiânia: Editora da UFG, 1998.

SALLES, G. V. F. **Economia e escravidão na Capitania de Goiás**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1992.

SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, H.; SMITH, V. D. **The structure of phonological representations** (part II). Foris: Dordrecht, 1982. p. 337-383.

SILVA, C. T. **Borges, Belino e Bento: a fala ritual entre os tapuios de Goiás**. São Paulo: Annablume, 2002. Originalmente apresentada como Dissertação (Mestrado) - Departamento de Antropologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2001.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SOUZA, C.; CARNEIRO, M. E. F. **Retrospectiva histórica de Goiás: da colonização à atualidade**. Goiânia: Livraria Cultura Goiana, 1996.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2001. (Série Princípios)

TERSARIOL, A. **Origem do Português brasileiro**. 9. ed. São Paulo: Lisa, Livros Irradiantes, 1968. p. 40-63.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Etnologia Brasileira. In: MICELI, S. (Org). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Sumaré, 1999.

ANEXOS

ANEXO 1

Atividades de aluno Tapuio sobre sua origem

Diferente, mas igual

De onde eu vim?

A minha mãe é goiana natural de Goiás filha de Antonio Mendes Pereira mineiro natural de Patos de Minas e de Carlota mineira Pereira. Ela é natural de "Bodocó Pernambuco" a minha mãe Carlota é filha de Alexandre Mamede do Nascimento ele é de Pernambuco a minha bisavó é Carmine mineira de Cavaleiro ela é natural indígena de Pernambuco e que usava o nome de sua tribo.

Meu pai é Geraldo e goiano nascido nesta cidade filho de Jerônimo Viera de Aguiar nasceu e viveu nesta cidade só sei que o filho de Maria Catarina que também indígena viveu nesta cidade não sei informar o nome do seu esposo.

Minha avó Maria Geni Caetano da Rocha ela é natural de Goiás filha de Maria Paquina Caetano da Rocha o meu bisô não chama o nome de lugar não sabemos a sua naturalidade.

de e Mem seu sobrenome:

Nome = Salita Naiara de Lages
prof: = Silma Lupareido
Avô paterno = Gerônimo Viera de Lages Maria e
Avô materno = Antônio Mendes Pereira Carlos
Mãe = Marcilene Mendes Pereira Lages
pai = Geraldo Caitano de Lages

ANEXO 2

Fotos

Foto 1: Sede da Terra Indígena Carretão



Fonte: foto nossa: Dezembro de 2002

Foto 2: Os anciãos Tapuio



(Da esquerda para a direita: José Borges de Aguiar Tapuio e Bento Vieira de Aguiar Tapuio.
Fonte: Foto nossa: Dezembro de 2002)

Foto 3: Arquitetura da casa dos Tapuio



Fonte: Foto nossa: Julho de 2007

Foto 4: Índios Tapuio



Fonte: José Neto (2005)

Foto 5: Criança tapuia e as novas tecnologias



Fonte: Foto Nossa: Julho de 2007

Foto 6: Atuais Vice-cacique e Cacique



Fonte: José Neto (2005)

Foto 7: Ritual da pintura: Índias Tapuio se pintando



Fonte: José Neto (2005)

Foto 8: Ritual da pintura: Índias Tapuio se pintando



Fonte: José Neto (2005)

Foto 9: Estrada carreteira



Fonte: Foto Nossa: Julho de 2007

Foto 10: O relacionamento entre as gerações



Fonte: Foto José Neto (2005)

Foto 11: A escola indígena Tapuia



Fonte: Foto Nossa: Julho de 2007

Foto 12: O ritual de dança



Fonte: José Neto (2005)

Foto 13: O transporte escolar



Fonte: Foto Nossa: Julho de 2008

Foto 14: A sala de aula



Fonte: Foto Nossa: Julho de 2007

ANEXO 3**Termos de consentimento livre e esclarecido****Modelo 1: Falantes adultos**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, estou ciente de que o pesquisador Israel Elias Trindade, da Universidade Federal de Goiás, está realizando uma pesquisa sobre a fala da comunidade indígena dos Tapuio do carretão e sua identidade sócio-histórica. Reconheço e autorizo a gravação da fala, através de gravador e de imagens, através de vídeo e fotografias, como parte da pesquisa e para posterior publicação para fins científicos, acadêmicos e culturais. Estou ciente de que tal material será usado única e exclusivamente para fins científicos, e jamais para avaliação, depreciação ou humilhação de moradores da comunidade. Fui informado do caráter voluntário de minha participação e que posso recusar a participar da pesquisa a qualquer momento. Todos os demais detalhes foram explicados, bem como minhas dúvidas quanto à pesquisa sanadas pelo pesquisador, que se responsabilizou por todo o processo de coleta dos dados necessários para a pesquisa.

_____, _____ de _____ de _____

Assinatura do(a) Informante

Assinatura e contato do pesquisador responsável

Modelo 2: Falantes dependentes

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (FALANTES SOB A
TUTELA DE PAIS OU RESPONSÁVEIS)

Eu, _____, estou ciente de que o pesquisador Israel Elias Trindade, da Universidade Federal de Goiás, está realizando uma pesquisa sobre a fala da comunidade indígena dos Tapuio do carretão e sua identidade sócio-histórica. Reconheço e autorizo a gravação da fala de meu dependente _____, através de gravador e de imagens, através de vídeo e fotografias, como parte da pesquisa e para posterior publicação para fins científicos, acadêmicos e culturais. Estou ciente de que tal material será usado única e exclusivamente para fins científicos, e jamais para avaliação, depreciação ou humilhação de moradores da comunidade. Fui informado do caráter voluntário de minha participação e que posso recusar a participar da pesquisa a qualquer momento. Todos os demais detalhes foram explicados, bem como minhas dúvidas quanto à pesquisa sanadas pelo pesquisador, que se responsabilizou por todo o processo de coleta dos dados necessários para a pesquisa.

_____, _____ de _____ de _____

Assinatura do(a) Informante

Assinatura e contato do pesquisador responsável

Modelo 3: Representante da comunidade: Vice-cacique

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, como representante legal da Comunidade Indígena Tapuia do Carretão – GO, estou ciente de que o pesquisador Israel Elias Trindade, da Universidade Federal de Goiás, está realizando uma pesquisa sobre a fala da comunidade indígena dos Tapuio do carretão e sua identidade sócio-histórica. Reconheço e autorizo a gravação da fala, através de gravador e de imagens, através de vídeo e fotografias, como parte da pesquisa e para posterior publicação para fins científicos, acadêmicos e culturais. Fui informado ainda que, mediante o consentimento e autorização dos participantes e, quando estes eram menores de 18 anos, a permissão de seus responsáveis, serão utilizados na pesquisa para identificação seus nomes verdadeiros. Estou ciente de que tal material será usado única e exclusivamente para fins científicos, e jamais para avaliação, depreciação ou humilhação de moradores da comunidade. Fui informado do caráter voluntário da participação dos informantes e que eles podem recusar a participar da pesquisa a qualquer momento. Todos os demais detalhes foram explicados, bem como minhas dúvidas quanto à pesquisa, sanadas pelo pesquisador, que se responsabilizou por todo o processo de coleta dos dados necessários para a pesquisa.

_____, _____ de _____ de _____

Assinatura do Vice-cacique da Comunidade Indígena Tapuia do Carretão - GO

Assinatura e contato do pesquisador responsável

Modelo 4: Representante da comunidade: Cacique

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, como representante legal da Comunidade Indígena Tapuia do Carretão – GO, estou ciente de que o pesquisador Israel Elias Trindade, da Universidade Federal de Goiás, está realizando uma pesquisa sobre a fala da comunidade indígena dos Tapuio do carretão e sua identidade sócio-histórica. Reconheço e autorizo a gravação da fala, através de gravador e de imagens, através de vídeo e fotografias, como parte da pesquisa e para posterior publicação para fins científicos, acadêmicos e culturais. Fui informado ainda que, mediante o consentimento e autorização dos participantes e, quando estes eram menores de 18 anos, a permissão de seus responsáveis, serão utilizados na pesquisa para identificação seus nomes verdadeiros. Estou ciente de que tal material será usado única e exclusivamente para fins científicos, e jamais para avaliação, depreciação ou humilhação de moradores da comunidade. Fui informado do caráter voluntário da participação dos informantes e que eles podem recusar a participar da pesquisa a qualquer momento. Todos os demais detalhes foram explicados, bem como minhas dúvidas quanto à pesquisa, sanadas pelo pesquisador, que se responsabilizou por todo o processo de coleta dos dados necessários para a pesquisa.

_____, _____ de _____ de _____

Assinatura do cacique da Comunidade Indígena Tapuia do Carretão - GO

Assinatura e contato do pesquisador responsável

ANEXO 4:**Módulo de coleta de dados – Parte I (Baseado em TARALLO, 2001)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA
MESTRANDO ISRAEL ELIAS TRINDADE

ORIENTADORA: PROF. DRa. MARIA DO SOCORRO PIMENTEL DA SILVA

MÓDULO DE COLETA DE DADOS – Parte I (BASEADO EM TARALLO, 2001)**1. BRINCADEIRAS DE INFÂNCIA**

Você se lembra de suas brincadeiras de infância? De qual você mais gostava? Podia descrever como era esta brincadeira?

2. BRIGAS

Você já brigou com alguém? Qual foi a briga mais violenta em que você já se envolveu?

3. SER ÍNDIO

Na sua opinião, o que os moradores do Carretão acham de ser índio? E você?

4. AVENTURA/PERIGO DE MORTE

Você já esteve diante de uma situação de risco de morte em que você pensou: “Puxa! Chegou a minha hora!” Como você se sentiu diante deste risco eminente de morrer?

5. MEDO

Qual é o seu maior medo? Por que você tem medo disso?

6. FAMÍLIA

Na sua opinião, qual é o valor da família na sociedade (meio) em que você vive?

7. RELIGIÃO

Qual é a função da religião em nossa formação?

8. TRABALHO NA ESCOLA

Como você define seu trabalho na escola?

9. HISTÓRIA DO ALDEAMENTO CARRETÃO

O que você sabe sobre a história deste aldeamento?

10. PLANOS/SONHOS PARA O FUTURO

Quais são seus planos ou sonhos para o futuro?

ANEXO 5:
Questionário de aceitabilidade - I



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA
MESTRANDO ISRAEL ELIAS TRINDADE
ORIENTADORA: PROF. DRa. MARIA DO SOCORRO PIMENTEL DA SILVA

QUESTIONÁRIO DE ACEITABILIDADE - I

Leia as palavras a seguir e marque um X naquela que você julgar mais pertinente com sua fala cotidiana:

- | | |
|------------------------|----------------------|
| 1. () CADEIRA | () CADERA |
| 2. () VIAGE | () VIAGEM |
| 3. () BANDEJA | () BANDEIJA |
| 4. () POUCO | () POCO |
| 5. () PASSAGEM | () PASSAGE |
| 6. () CAXA DE FÓSFORO | () CAIXA DE FÓSFORO |
| 7. () BEJO | () BEIJO |
| 8. () RELOJO | () RELÓGIO |
| 9. () PEIXE | () PEXE |
| 10. () PORTEIRA | () PORTERA |
| 11. () QUEJO | () QUEIJO |
| 12. () FEIJÃO | () FEJÃO |
| 13. () MENSAGEM | () MESSAGE |
| 14. () JOVE | () JOVEM |
| 15. () OUTRA | () OTRA |
| 16. () ROUPA | () ROPA |
| 17. () CHERO | () CHEIRO |
| 18. () VASSOURA | () VASSORA |
| 19. () LOCO | () LOUCO |
| 20. () GALINHERO | () GALINHEIRO |

Assinatura do pesquisado (facultativa)

Assinatura do pesquisador: Israel Elias Trindade

ANEXO 6:
Questionário de aceitabilidade - II



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA
MESTRANDO ISRAEL ELIAS TRINDADE
ORIENTADORA: PROF. DRa. MARIA DO SOCORRO PIMENTEL DA SILVA

QUESTIONÁRIO DE ACEITABILIDADE

Leia as palavras a seguir e marque um X naquela que você julgar mais pertinente com o padrão de prestígio do português brasileiro:

- | | |
|-------------------------|----------------------|
| 01- () CADEIRA | () CADERA |
| 02- () VIAGE | () VIAGEM |
| 03- () BANDEJA | () BANDEIJA |
| 04- () POUCO | () POCO |
| 05- () PASSAGEM | () PASSAGE |
| 06- () CAXA DE FÓSFORO | () CAIXA DE FÓSFORO |
| 07- () BEJO | () BEIJO |
| 08- () RELOJO | () RELÓGIO |
| 09- () PEIXE | () PEXE |
| 10- () PORTEIRA | () PORTERA |
| 11- () QUEJO | () QUEIJO |
| 12- () FEIJÃO | () FEJÃO |
| 13- () MENSAGEM | () MENSAGE |
| 14- () JOVE | () JOVEM |
| 15- () OUTRA | () OTRA |
| 16- () ROUPA | () ROPA |
| 17- () CHERO | () CHEIRO |
| 18- () VASSOURA | () VASSORA |
| 19- () LOCO | () LOUCO |
| 20- () GALINHERO | () GALINHEIRO |

Assinatura do pesquisado (facultativa)

Assinatura do pesquisador: Israel Elias Trindade

ANEXO 7:**Dados complementares:****Dados I****QUESTIONÁRIO DE ACEITABILIDADE: REDE INSULADA**

Leia as palavras a seguir e marque um X naquela que você julgar mais pertinente com sua fala cotidiana:

01- (25%) CADEIRA	(75%) CADERA
02- (50%) VIAGE	(50%) VIAGEM
03- (25%) BANDEJA	(75%) BANDEIJA
04- (50%) POUCO	(50%) POCO
05- (50%) PASSAGEM	(50%) PASSAGE
06- (66%) CAXA DE FÓSFORO	(33%) CAIXA DE FÓSFOROS
07- (50%) BEJO	(50%) BEIJO
08- (50%) RELOJO	(50%) RELÓGIO
09- (25%) PEIXE	(75%) PEXE
10- (33%) PORTEIRA	(66%) PORTERA
11- (50%) QUEJO	(50%) QUEIJO
12- (25%) FEIJÃO	(75%) FEJÃO
13- (50%) MENSAGEM	(50%) MENSAGE
14- (75%) JOVE	(25%) JOVEM
15- (25%) OUTRA	(75%) OTRA
16- (50%) ROUPA	(50%) ROPA
17- (75%) CHERO	(25%) CHEIRO
18- (50%) VASSOURA	(50%) VASSORA
19- (50%) LOCO	(50%) LOUCO
20- (75%) GALINHERO	(25%) GALINHEIRO

Total de ocorrências: 78

Monotongos: 46 = 58,9%

Ditongos: 32 = 41,1%

Dados I**QUESTIONÁRIO DE ACEITABILIDADE: REDE INTERMEDIÁRIA**

Leia as palavras a seguir e marque um X naquela que você julgar mais pertinente com sua fala cotidiana:

01- (0%) CADEIRA	(100%) CADERA
02- (75%) VIAGE	(25%) VIAGEM
03- (100%) BANDEJA	(0%) BANDEIJA
04- (50%) POUCO	(50%) POCO
05- (0%) PASSAGEM	(100%) PASSAGE
06- (50%) CAXA DE FÓSFORO	(50%) CAIXA DE FÓSFOROS
07- (25%) BEJO	(75%) BEIJO
08- (75%) RELOJO	(25%) RELÓGIO
09- (33%) PEIXE	(66%) PEXE
10- (75%) PORTEIRA	(25%) PORTERA
11- (50%) QUEJO	(50%) QUEIJO
12- (50%) FEIJÃO	(50%) FEJÃO
13- (75%) MENSAGEM	(25%) MENSAGE
14- (50%) JOVE	(50%) JOVEM
15- (75%) OUTRA	(25%) OTRA
16- (50%) ROUPA	(50%) ROPA
17- (75%) CHERO	(25%) CHEIRO
18- (25%) VASSOURA	(75%) VASSORA
19- (50%) LOCO	(50%) LOUCO
20- (50%) GALINHERO	(50%) GALINHEIRO

Total de ocorrências: 79

Monotongos: 46 = 58,2%

Ditongos: 33 = 41,8%

Dados I**QUESTIONÁRIO DE ACEITABILIDADE: REDE INTEGRADA**

Leia as palavras a seguir e marque um X naquela que você julgar mais pertinente com sua fala cotidiana:

01- (0%) CADEIRA	(100%) CADERA
02- (100%) VIAGE	(0%) VIAGEM
03- (100%) BANDEJA	(0%) BANDEIJA
04- (0%) POUCO	(100%) POCO
05- (0%) PASSAGEM	(100%) PASSAGE
06- (100%) CAXA DE FÓSFORO	(0%) CAIXA DE FÓSFOROS
07- (75%) BEJO	(25%) BEIJO
08- (100%) RELOJO	(0%) RELÓGIO
09- (0%) PEIXE	(100%) PEXE
10- (0%) PORTEIRA	(100%) PORTERA
11- (75%) QUEJO	(25%) QUEIJO
12- (25%) FEIJÃO	(75%) FEJÃO
13- (0%) MENSAGEM	(100%) MENSAGE
14- (75%) JOVE	(25%) JOVEM
15- (25%) OUTRA	(75%) OTRA
16- (0%) ROUPA	(100%) ROPA
17- (100%) CHERO	(0%) CHEIRO
18- (0%) VASSOURA	(100%) VASSORA
19- (100%) LOCO	(0%) LOUCO
20- (100%) GALINHERO	(0%) GALINHEIRO

Total de ocorrências: 80

Monotongos: 75 = 93,7%

Ditongos: 5 = 6,3%

Dados II**QUESTIONÁRIO DE ACEITABILIDADE – REDE INSULADA**

Leia as palavras a seguir e marque um X naquela que você julgar mais pertinente com o padrão de prestígio do português brasileiro:

01- (100%) CADEIRA	(0%) CADERA
02- (0%) VIAGE	(100%) VIAGEM
03- (0%) BANDEJA	(100%) BANDEIJA
04- (100%) POUCO	(0%) POCO
05- (100%) PASSAGEM	(0%) PASSAGE
06- (33%) CAXA DE FÓSFORO	(66%) CAIXA DE FÓSFOROS
07- (0%) BEJO	(100%) BEIJO
08- (0%) RELOJO	(100%) RELÓGIO
09- (100%) PEIXE	(0%) PEXE
10- (100%) PORTEIRA	(0%) PORTERA
11- (0%) QUEJO	(100%) QUEIJO
12- (100%) FEIJÃO	(0%) FEJÃO
13- (100%) MENSAGEM	(0%) MENSAGE
14- (33%) JOVE	(66%) JOVEM
15- (66%) OUTRA	(33%) OTRA
16- (100%) ROUPA	(0%) ROPA
17- (0%) CHERO	(100%) CHEIRO
18- (100%) VASSOURA	(0%) VASSORA
19- (0%) LOCO	(100%) LOUCO
20- (66%) GALINHERO	(33%) GALINHEIRO

Total de ocorrências: 76

Monotongos: 4 = 5,2%

Ditongos: 72 = 94,8%

Dados II**QUESTIONÁRIO DE ACEITABILIDADE – REDE INTERMEDIÁRIA**

Leia as palavras a seguir e marque um X naquela que você julgar mais pertinente com o padrão de prestígio do português brasileiro:

01- (75%) CADEIRA	(25%) CADERA
02- (0%) VIAGE	(100%) VIAGEM
03- (25%) BANDEJA	(75%) BANDEIJA
04- (75%) POUCO	(25%) POCO
05- (75%) PASSAGEM	(25%) PASSAGE
06- (25%) CAXA DE FÓSFORO	(75%) CAIXA DE FÓSFOROS
07- (25%) BEJO	(75%) BEIJO
08- (0%) RELOJO	(100%) RELÓGIO
09- (100%) PEIXE	(0%) PEXE
10- (75%) PORTEIRA	(25%) PORTERA
11- (25%) QUEJO	(75%) QUEIJO
12- (75%) FEIJÃO	(25%) FEJÃO
13- (75%) MENSAGEM	(25%) MENSAGE
14- (25%) JOVE	(75%) JOVEM
15- (25%) OUTRA	(75%) OTRA
16- (100%) ROUPA	(0%) ROPA
17- (66%) CHERO	(33%) CHEIRO
18- (25%) VASSOURA	(75%) VASSORA
19- (25%) LOCO	(75%) LOUCO
20- (25%) GALINHERO	(75%) GALINHEIRO

Total de ocorrências: 79

Monotongos: 21 = 26,6%

Ditongos: 58 = 73,4%

Dados II

QUESTIONÁRIO DE ACEITABILIDADE – REDE INTEGRADA

Leia as palavras a seguir e marque um X naquela que você julgar mais pertinente com o padrão de prestígio do português brasileiro:

01- (100%) CADEIRA	(0%) CADERA
02- (0%) VIAGE	(100%) VIAGEM
03- (0%) BANDEJA	(100%) BANDEIJA
04- (100%) POUCO	(0%) POCO
05- (100%) PASSAGEM	(0%) PASSAGE
06- (0%) CAXA DE FÓSFORO	(100%) CAIXA DE FÓSFOROS
07- (0%) BEJO	(100%) BEIJO
08- (0%) RELOJO	(100%) RELÓGIO
09- (100%) PEIXE	(0%) PEXE
10- (100%) PORTEIRA	(0%) PORTERA
11- (0%) QUEJO	(100%) QUEIJO
12- (100%) FEIJÃO	(0%) FEJÃO
13- (100%) MENSAGEM	(0%) MENSAGE
14- (33%) JOVE	(66%) JOVEM
15- (100%) OUTRA	(0%) OTRA
16- (100%) ROUPA	(0%) ROPA
17- (0%) CHERO	(100%) CHEIRO
18- (100%) VASSOURA	(0%) VASSORA
19- (0%) LOCO	(100%) LOUCO
20- (100%) GALINHERO	(0%) GALINHEIRO

Total de ocorrências: 79

Monotongos: 1 = 1,3 %

Ditongos: 78 = 98,7%

Resultados gerais:

Falantes que consideram a relação monotongação/ditongação com a fala cotidiana dos moradores do aldeamento:

Monotongos: 70.3%

Ditongos: 29.7%

Falantes que consideram a relação monotongação/ditongação com a Gramática da Português brasileiro:

Monotongos: 11%

Ditongos: 89%

ANEXO 8:
Dados dos falantes em redes:

Dados I

Dados de falantes de rede insulada

Legenda:

Número de falantes entrevistados: 6

J.B.F.L. - José Borges Ferraz de Lima – 76 anos

B.V.A. - Bento Vieira Aguiar – 70 anos;

M.J.C. - Marina de Jesus Chaves (mulher do cacique)– 39 anos

B. - Belino – 70 anos (aproximadamente)

E.B. - Esposa de Belino - 68 anos (aproximadamente)

N.B.A. - Natalino Borges de Aguiar – 70 anos (aproximadamente)

A.P.B. – Aparecida Pereira Barbosa – 32 anos (participou apenas do questionário de aceitabilidade)

S.V.C. – Sebastião Vieira da Costa – 31 anos (participou apenas do questionário de aceitabilidade)

J.C.M. – José Chaves de Moraes – 20 anos (participou apenas do questionário de aceitabilidade)

Dados de falantes da rede insulada

Amostragem 1 – monotongação de [j]

Falante	Palavras passíveis de ocorrência do fenômeno	Ocorrências monotongadas	Ocorrências ditongadas	Monotongos (%)	Ditongos (%)
J.B.F.L.	Pistoleiro, deixa, vaqueiro, fazendeiro, dinheiro, alqueire, federal, aldeia, teima.	Pistolero, dexa, vaquero, fazendero, dinheiro, alquero, federa, aldea, tema.	-	100%	0%
E. B.	(sem ocorrência)	-	-	-	-
B.V.A.	Peneira, deixa, caixão, história, polícia, meio, Rio de Janeiro, área (2), aldeia, baixo, leitura.	Pinera, dexa, caxão, puliça, mei, Rio de Janero, ara, ardea, baxo.	História, área, leitura.	75%	25%
B.	Sem ocorrência.	-	-	-	-
N. B. A.	Sem ocorrência.	-	-	-	-
M.J.C.	Posseiro.	Possero.	-	100%	0%

Dados de falantes da rede insulada
Amostragem 2: monotongação de [w]

Falante	Palavras passíveis de ocorrência do fenômeno	Ocorrências monotongadas	Ocorrências ditongadas	Monotongos (%)	Diotngos (%)
J.B.F.L.	Outro, Moura, outra, pouco, Achou, doutor, passou, pegou, despachou, comprou, chegou, entregou, vazou, quarou, sou, falou.	Otro, Achô, poco, outra, Mora, dotô, passô, pegô, despachô, comprô, chegô, entregô, vazô, quarô, sô, falô.	-	100%	0%
B.V.A.	Apertou, entrou, chegou, doutor, mandou, ficou.	Apertô, entrô, chegô, dotô, mandô, ficô.	-	100%	0%
N. B. A.	Ensinou, puxou, sou.	Ensino, puxô, sô.	-	100%	0%
M.J.C.	Sou, outro, conquistou.	Sô, outro, conquisto.			

Dados de falantes da rede insulada

Amostragem 3: monotongação pela queda do segmento [+nasal] = [Ø]

Falante	Palavras passíveis de ocorrência do fenômeno	Ocorrências monotongadas	Ocorrências ditongadas	Monotongos (%)	Diotngos (%)
J.B.F.L.	Homem, jovem (3).	Homi, jovi(3).	-	100%	0%
B.V.A.	Passagem, viagem.	Passagi, viagi.	-	100%	-
N. B. A.	Sem ocorrência.	-	-	-	-

Dados II

Dados de falantes da rede intermediária:

Legenda:

M.C. - Marcos – 4 anos – estudante

M. R. - Maressa – 9 anos - estudante

J. L. - Juliana – 5 anos - estudante

M.T. - Mateus – 7 anos - estudante

D. N.- Daniela – 6 anos - estudante

E. M. - Érick Mateus – 8 anos - estudante

C. B. F. L. - Cândido Borges Ferraz de Lima – 27 anos (em 2002) - estudante

G - Gláucia 14 anos - estudante

M. A.S.- Marina Augusta da Silva - 15 anos – estudante

D.A.F.S. – Daiane Aparecida Ferreira dos Santos – 15 anos (só participou do questionário de aceitabilidade)

C.B.F.- Cleiton Barbosa Fraga – 16 anos (aproximadamente) – participou da entrevista aberta e do questionário de aceitabilidade

Dados de falantes da rede intermediária

Amostragem 1 - monotongação de [j]

Falante	Palavras passíveis de ocorrência do fenômeno	Ocorrências monotongadas	Ocorrências ditongadas	Monotongos (%)	Ditongos (%)
M.R.	Peixe, caixa, porteira e queijo (4)	Pexe, caxa, portera, queijo (4)	-	100%	0%
E.M.	Peixe, porteira e queijo (3)	Pexe, portera, queijo	-	100%	0%
J.L.	Peixe, porteira e queijo (3)	Pexe, portera, queijo	-	100%	0%
M.C.	Peixe, porteira e queijo (3)	Pexe, portera, queijo (3)	-	100%	0%
D.N.	Peixe, caixa, porteira e queijo (4)	Pexe, caxa, portera, queijo (4)	-	100%	0%
M.T.	Peixe, porteira e queijo	Pexe, portera, queijo	-	100%	0%
G. (2002)	primeira	primera	-	100%	0%
C.B.F.L. (2002)	Rio de janeiro, vieira, aldeia, cachaceiro (2007)	Rio de janero, viera, cachero	aldeia		
M. A. S.	Sem ocorrência	-	-	-	-

Dados de falantes da rede intermediária

Amostragem 2: monotongação de [w]

Falante	Palavras passíveis de ocorrência do fenômeno	Ocorrências monotongadas	Ocorrências ditongadas	Monotongos (%)	Ditongos (%)
M.R.	Roupa	ropa	-	100%	0%
E.M.	Roupa	Ropa, ô	-	100%	0%
J.L.	Roupa	ropa	-	100%	0%
M.C.	Roupa	ropa	-	100%	0%
D.N.	Roupa	ropa	-	100%	0%
M.T.	Roupa	ropa	-	100%	0%
C.B.F.L. (2007)	Sou, outra	Sô, outra			
M.A.S.	Outro	otro	-	100%	-
G. (2007)	Sem ocorrência	-	-	-	-

Dados de falantes de rede intermediária

Amostragem 3: monotongação pela queda do segmento [+nasal] = [Ø]

Falante	Palavras passíveis de ocorrência do fenômeno	Ocorrências monotongadas	Ocorrências ditongadas	Monotongos (%)	Ditongos (%)
M.R.	Homem (1)	Homi (1)	-	100%	0%
E.M.	Homem (1)	Homi (1)	-	100%	0%
J.L.	Homem (1)	Homi (1)	-	100%	0%
M.C.	Homem (1)	Homi (1)	-	100%	0%
D.N.	Homem (1)	-	homem	0%	100%
M.T.	Homem (1)	Homi (1)	-	100%	0%
C.B.F.L. (2007)	Sem ocorrência	-	-	-	-
M.A.S.	homens	--	homens	0%	100%
G.	Sem ocorrência	-	-	-	-

Dados III

Dados de falantes de rede integrada

Lengenda:

E.R.M.R. - Eunice Rocha Morais Rodrigues – 23 anos – Professora e universitária

W.V.B. - Welington Vieira Brandão – 26 anos – Vice-cacique e universitário

M.J.J. - Márcio José de Jesus – 26 anos – Professor e universitário

A.G.S. - Adriana Gonçalves da Silva - 20 anos – Professora e universitária

S.A.S.C. - Silma Aparecida da Silva Costa – 22 anos – Professora e universitária

L.A.V. - Luiz Antônio Vieira – 23 anos – Professor e universitário

M.A.F.L. - Maria Aparecida Ferraz de Lima – 33 anos – Diretora de escola e universitária

D.A.S. - Dorvalino Augusto da Silva - 45 anos – Cacique

A.A. - Aparecido Aguiar - 35 anos – Professor e universitário

C.B.F.L. – Cândido Borges Ferraz de Lima – 27 anos – aluno.

Dados de falantes da rede integrada

Amostragem 1 - monotongação de [j]

Falante	Palavras passíveis de ocorrência do fenômeno	Ocorrências monotongadas	Ocorrências ditongadas	Monotongos (%)	Ditongos (%)
E.R.M.	Peixe, porteira, queijo (3)	Portera, queijo	Peixe	66%	33%
W.V.B.	Peixe, porteira, queijo (3)	Pexe, portera, queijo	-	100%	0%
M.J.J.	Peixe, porteira, queijo (3)	Portera, queijo	Peixe	66%	33%
A.G.S.	Peixe, caixa, porteira, queijo (4), feijão	Pexe, caxa, queijo, portera	Feijão	80%	20%
S.A.S.C.	(sem ocorrência)	-	-	-	-
L.A.V.	Peixe, caixa, porteira, queijo (4)	Caxa, portera	Peixe, queijo	50%	50%
M.A.F.L.	Peixe, porteira, queijo, experiência, história, pecuária	Portera, queijo	Peixe, experiência, história, pecuária	33%	66%
D.A.S.	Meio	-	meio	0%	100%
A.A.	(sem ocorrência)	-	-	-	-

Dados de falantes de rede integrada

Amostragem 2: monotongação de [w]

Falante	Palavras passíveis de ocorrência do fenômeno	Ocorrências monotongadas	Ocorrências ditongadas	Monotongos (%)	Ditongos (%)
E.R.M.	Roupa	ropa	-	100%	0%
W.V.B.	Roupa	ropas	-	100%	0%
M.J.J.	Roupa	ropa	-	100%	0%
A.G.S.	Outra(3), roupa, pouco	Otra(2), ropas, poço	outra	80%	20%
S.A.S.C.	Sou, outro (2), pouca, tornou	Sô, outro (2), poço, torno	-	100%	0%
L.A.V.	Roupa	Ropas	-	100%	0%
M.A.F.L.	Roupa	-	roupas	0%	100%
D.A.S.	Sou, aumentou, deixou	Sô, aumentô, dexô	-	100%	0%
A.A.	(sem ocorrência)	-	-	-	-

Dados de falantes de rede integrada

Amostragem 3: monotongação pela queda do segmento [+nasal] = [Ø]

Falante	Palavras passíveis de ocorrência do fenômeno	Ocorrências monotongadas	Ocorrências ditongadas	Monotongos (%)	Ditongos (%)
E.R.M.	(inaudível)	-	-	-	-
W.V.B.	homem	homi	-	100%	0%
M.J.J.	homem	homi	-	100%	0%
A.G.S.	Homem	homi	-	100%	0%
S.A.S.C.	Mensagem, jovens, jovem, foram (4)	Mensagi, jovi, foro	jovens	75%	25%
L.A.V.	Homem	-	homem	-	100%
M.A.F.L.	Homem, jovem	jovi	homem	50%	50%
D.A.S.	(sem ocorrência)	-	-	-	-
A.A.	(sem ocorrência)	-	-	-	-